

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

FERNANDA CAROLINA MENDES DA SILVA

**MICROCONSTRUÇÕES CAUSATIVAS INTERPESSOAIS: MUDANÇA E
FUNCIONALIDADE**

GOIÂNIA
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

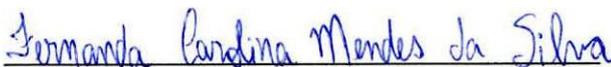
Nome completo do autor: Fernanda Carolina Mendes da Silva

Título do trabalho: Microconstruções causativas interpessoais: mudança e funcionalidade

3. Informações de acesso ao documento:

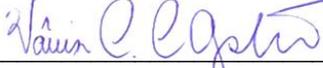
Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 27/02/2019.

¹ Neste caso, o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

² A assinatura deve ser escaneada.

FERNANDA CAROLINA MENDES DA SILVA

**MICROCONSTRUÇÕES CAUSATIVAS INTERPESSOAIS: MUDANÇA E
FUNCIONALIDADE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: LP4 - Forma e funcionamento de línguas naturais com ênfase em língua portuguesa, línguas indígenas e língua de sinais.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão.

GOIÂNIA
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Fernanda Carolina Mendes da

Microconstruções causativas interpessoais [manuscrito] : mudança e funcionalidade / Fernanda Carolina Mendes da Silva. - 2019.

CI, 101 f.: il.

Orientador: Prof. Vânia Cristina Casseb Galvão.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2019.

Bibliografia.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Causatividade. 2. Interpessoalidade. 3. Funcionalismo. 4. Construcionalização. I. Galvão, Vânia Cristina Casseb, orient. II. Título.

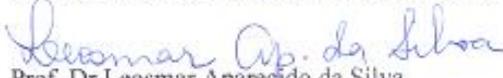


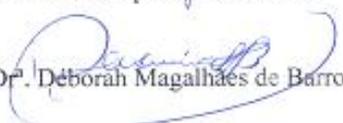
ATA Nº 18/2019

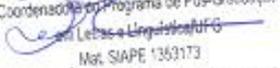
ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA
ALUNA FERNANDA CAROLINA MENDES DA SILVA

Aos vinte e nove dias do mês de março do ano de dois mil e dezenove, a partir das nove horas, no Miniauditório Professor Egídio Turchi da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, nesta capital, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação “MICROCONSTRUÇÕES CAUSATIVAS INTERPESSOAIS: MUDANÇA E FUNCIONALIDADE”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Vânia Cristina Casseb Galvão (Presidente/PPGLL/FL/UFG) com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Leosmar Aparecido da Silva (PPGLL/FL/UFG) e a Professora Doutora Déborah Magalhães de Barros (UEG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata APROVADA pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Vânia Cristina Casseb Galvão, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pela Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, aos vinte e nove dias do mês de março do ano de dois mil e dezenove.


Prof.ª. Dr.ª Vânia Cristina Casseb Galvão - Presidente


Prof. Dr Leosmar Aparecido da Silva


Prof.ª. Dr.ª Déborah Magalhães de Barros

Visto:

Prof.ª. Dr.ª Solange Fiuza Cardoso Yokozawa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística/UFG
Mat. SIAPE 1362173

FERNANDA CAROLINA MENDES DA SILVA

**MICROCONSTRUÇÕES CAUSATIVAS INTERPESSOAIS: MUDANÇA E
FUNCIONALIDADE**

MEMBROS DA BANCA DE DEFESA

TITULARES

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (Presidente)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

SUPLENTE

Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão, a quem expresse meus sinceros agradecimentos pela orientação segura, pelo incentivo, pelos grandes ensinamentos e pelos vários “insights” teóricos que muito contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Professor Dr. Leosmar Aparecido da Silva, que, ainda na graduação, incutiu em mim o interesse pela pesquisa em sintaxe funcionalista e a quem sou extremamente grata pelos ensinamentos. Agradeço-lhe também pela leitura cuidadosa desta dissertação por ocasião do exame de qualificação e por ter aceitado o convite de participação na banca de defesa.

À Professora Dra. Déborah Magalhães de Barros pelas valiosas contribuições e apontamentos feitos nesta dissertação durante o exame de qualificação e por ter aceitado o convite de participar da banca de defesa.

Ao Professor Sinval Martins de Sousa Filho pelas importantes reflexões propiciadas nas disciplinas de “Léxico e Sintaxe” e “Formação docente no ensino de línguas naturais” e por ter aceitado o convite para compor a suplência da banca de defesa.

Ao Professor Eleone Ferraz de Assis por gentilmente ter aceitado o convite de participação da banca de defesa como membro suplente.

Aos meus pais, Atanair e Vilma, pelo amparo, pelo incentivo e pelas lições de vida que, de algum modo, me influenciaram na escolha dos caminhos que tenho percorrido.

Ao meu irmão Lucas pelo apoio e pela reelaboração, no AutoCAD, das figuras de representação da dinâmica de forças.

Ao meu namorado Gustavo Jordão pelo amor e carinho, pelo companheirismo, pelo apoio às minhas decisões e pela compreensão durante as minhas ausências.

Ao meu amigo Frédéric Grieco e às minhas amigas Danila e a Palloma, por me incentivarem nesta etapa e ouvirem meus desabafos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás pela oportunidade de ingresso no curso de Mestrado em Estudos Linguísticos e aos servidores técnico-administrativos do Programa pelo atendimento prestativo e por todo o suporte necessário à realização desta pesquisa.

Aos colegas do Grupo de Estudos Funcionalistas, especialmente a Fernanda Cristine e o Izac Chaves, pela força, pelas discussões acerca das teorias funcionalistas e pelas contribuições no trabalho.

À Universidade Estadual de Goiás pela dispensa de expediente para frequência às aulas durante o curso.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás pela concessão de bolsa para realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de examinar, numa perspectiva cognitivo-funcional, as microconstruções causativas interpessoais em usos sincrônicos do português brasileiro falado. Prototipicamente, essas microconstruções atendem ao subesquema “deixa eu X”, em que X é um verbo geralmente de cognição ou elocução no infinitivo, como, por exemplo, *deixa eu pensar*, *deixa eu falar* etc. Os *corpora* analisados são constituídos de dados do Projeto Fala Goiana (FG), do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), do Grupo Discurso e Gramática (D&G) e também de dados de fala não sistematizados, ou seja, do registro de usos comumente ouvidos, mas que não constaram dos *corpora* analisados. Primeiramente, procedemos à quantificação das várias microconstruções causativas perifrásticas presentes nas transcrições de fala. Em seguida, para o enfoque desta pesquisa, foi realizado um recorte das microconstruções causativas interpessoais, partindo do pressuposto de que suas especificidades fonológicas, morfossintáticas e discursivo-funcionais apontam para a ocorrência de um processo de mudança linguística. Na análise, buscamos investigar pistas sobre o processo de construcionalização em questão e descrever a funcionalidade dessas microconstruções no português brasileiro contemporâneo falado. Esta investigação se assenta no escopo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (ou Linguística Cognitivo-Funcional), que articula princípios do Funcionalismo Clássico (GIVÓN, 1975, 2001; HOPPER; THOMPSON, 1980; HEINE et al, 1991) e da Linguística Cognitiva (TALMY, 2000; CROFT; CRUSE, 2004). No exame da construcionalização, recorreremos sobretudo a Traugott e Dasher (2004) e Traugott e Trousdale (2013). Na descrição da funcionalidade da microconstrução em questão, baseamo-nos em alguns autores que trabalham a noção de intersubjetividade (TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2004) e de polidez linguística (BROWN; LEVINSON, 1987). Os usos encontrados mostraram que, em relação às causativas plenas (ex.: *deixei os pássaros voar*), tais microconstruções desempenham um papel destacadamente no nível interpessoal, funcionando como estratégia de polidez, de manutenção de turno e de reformulação da fala.

Palavras-chave: Causatividade. Interpessoalidade. Funcionalismo. Construcionalização.

ABSTRACT

This research has as its main goal the examination of interpersonal causative micro-constructions in synchronic usages in spoken Brazilian Portuguese following a cognitive-functional analysis. Prototypically, these micro-constructions follow the subsequence “deixa eu X” where X is a cognition or elocution verb in the infinitive, as in *deixa eu pensar*, *deixa eu falar*, for example. The analyzed corpora are data from Projeto Fala Goiana (FG) from Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), which is part of the work of Grupo Discurso e Gramática (D&G) and also non-systematized speech data, meaning that these belong to the commonly heard usages register, but were not in the analyzed corpora. Firstly, the work quantifies the many periphrastic causative micro-constructions that appear in the transcriptions. Afterwards, respecting the research emphasis, the causative interpersonal micro-constructions excerpts were selected according to the assumption that their phonological, morphological and discursive-functional specificities point to the occurrence of a linguistic change process. In the analysis, the research aimed to investigate clues about the constructionalization process of interpersonal causatives and describe their functionality in contemporary spoken Brazilian Portuguese. This investigation has as its theoretical basis the Functional Linguistics Centered in Use (or Cognitive-Functional Linguistics) field, which articulates principles from Classic Functionalism (GIVÓN, 1975, 2001; HOPPER; THOMPSON, 1980; HEINE et al, 1991) and Cognitive Linguistics (TALMY, 2000; CROFT; CRUSE, 2004). For the examination of constructionalization, the work supports itself in Traugott and Dasher (2004) and Traugott and Trousdale (2013). In the description concerning the functionality of the micro-construction in question, it is based on authors that work with the intersubjectivity conception (TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2004) and linguistic politeness (BROWN; LEVINSON, 1987). The usages found indicate that, when related to full causatives (eg: *deixe os pássaros voar*), these micro-constructions play a highlighted role in the interpersonal level, working as a politeness strategy, maintaining turn-taking and reformulation of speech.

Key-words: Causativity. Interpersonality. Functionalism. Constructionalization.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1 - Representação da categorização no modelo clássico.....	23
Figura 2 – Padrões de dinâmica de forças.....	29
Figura 3 – Símbolos usados nos diagramas de forças de Talmy (2000).....	30
Figura 4 – Dinâmica de forças das microconstruções causativas encabeçadas pelo verbo <i>fazer</i>	32
Figura 5 – Dinâmica de forças das microconstruções causativas encabeçadas pelo verbo <i>deixar</i>	33
Figura 6 – Relações hierárquicas entre as construções.....	41
Figura 7 - Hierarquia construcional reformulada.....	41
Figura 8 – Construções de estrutura argumental no inglês.....	43
Figura 9 – Tendência de mudança semântico-pragmática.....	51
Figura 10 – Rede hierárquica das microconstruções causativas interpessoais.....	75
Figura 11 - Rede de causatividade perifrástica.....	92
Figura 12 – Trajetória de mudança das microconstruções causativas interpessoais.....	93

QUADROS

Quadro 1 - Dimensões das construções.....	38
Quadro 2 – Estratégias de polidez positiva propostas por Brown e Levinson (1987)....	53
Quadro 3 – Estratégias de polidez negativa propostas por Brown e Levinson (1987)...	55
Quadro 4 – Quantificação das microconstruções causativas identificadas.....	69
Quadro 5 – Transcrições selecionadas.....	70
Quadro 6 – Verbos de cognição e elocução nas microconstruções causativas interpessoais.....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A: addressee (“destinatário”)

ABS: absoluto

Ago: agonista

Ant: antagonista

ASSERT: assertivo

AUX:CAUS: auxiliar causativo

C: Prefixo relacional marcando adjacência do complemento

CAUS: causativo

CV: sílaba formada por consoante e vogal

CVC: sílaba formada por consoante, vogal e consoante

CNS: *corpus* não sistematizado

D&G: Discurso & Gramática

DECL: declarativo

E: entrevistador

ERG: ergativo.

F: falante (entrevistado)

FG: Fala Goiana

GC: Gramática de Construções

I: informante (entrevistado)

LFCU: Linguística Funcional Centrada no Uso.

NFUT: não futuro

NPASS: não passado

OBJ: objeto

OBJ2: objeto indireto

OBL: oblíquo

PB: português brasileiro

PEUL: Programa de Estudos sobre o Uso da Língua

P: pessoa

POSS: possessivo

Pron: pronome

RED: reduplicação morfológica

RLS: realis

RP: prefixo relacional

S: speaker (“falante”)

SG: singular

SN: sintagma nominal

Suj: sujeito

UEG: Universidade Estadual de Goiás

UFG: Universidade Federal de Goiás

V: verbo

V_{cognição}: verbo de cognição

V_{elocução}: verbo de elocução

XCOMP: elemento caracterizador do objeto

1: primeira pessoa

2: segunda pessoa

3: terceira pessoa

∅: zero

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – ORIENTAÇÃO TEÓRICA GERAL.....	20
1.1 O Funcionalismo Clássico.....	20
1.2 A Linguística Cognitiva.....	25
1. 2.1 A Teoria da Dinâmica de Forças.....	27
1.2.2 A causatividade à luz da Teoria da Dinâmica de Forças.....	31
1.3 A Gramática de Construções.....	34
1.3.1 A mudança linguística na Gramática de Construções.....	44
CAPÍTULO 2 – RELAÇÕES DE INTERSUBJETIVIDADE	48
2.1 A noção de intersubjetividade.....	48
2.2 A noção de polidez linguística.....	51
CAPÍTULO 3 – A CAUSATIVIDADE E SUA EXPRESSÃO NAS LÍNGUAS DO MUNDO.....	57
3.1 A definição de causatividade.....	57
3.2 A causatividade no PB e nas línguas do mundo.....	59
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA.....	64
4. 1 A seleção do objeto.....	64
4.2 O método de raciocínio.....	65
4. 3 Os <i>corpora</i>	67
4.4 Procedimentos de análise.....	68
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS.....	72
5. 1 As microconstruções causativas perifrásticas nos <i>corpora</i>	72
5.2 As microconstruções causativas interpessoais.....	74
5.2.1 As microconstruções causativas interpessoais na Gramática de Construções.....	75
5.2.2 A construcionalização das microconstruções causativas interpessoais.....	77
5.2.3 A funcionalidade das microconstruções causativas interpessoais.....	82
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS.....	96

Para quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios, tenho boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas ideias, novas teorias, novas análises, novas cabeças.

(Mário Perini).

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou investigar pistas sobre o processo de construcionalização das microconstruções causativas interpessoais no português brasileiro falado à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e verificar sua funcionalidade no nível interpessoal. Como objetivos específicos, buscamos: 1) verificar os aspectos semânticos, sintáticos e discursivo-pragmáticos caracterizadores microconstruções causativas interpessoais; 2) descrever os aspectos formais e semânticos relativos às etapas da trajetória de mudança linguística em questão; e 3) especificar o papel desempenhado pelas microconstruções causativas interpessoais na relação locutor-interlocutor.

A análise foi feita a partir de usos sincrônicos da microconstrução em questão, partindo do pressuposto de que o exame da sincronia pode revelar pistas e lançar hipóteses importantes sobre a mudança linguística, que ocorre diacronicamente (HEINE et al, 1991). Os usos dessas microconstruções foram examinados em dados de fala do Projeto Fala Goiana (FG), do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), do Grupo Discurso e Gramática (D&G) e em dados não sistematizados.

A causatividade é uma noção básica da experiência humana e é entendida como a expressão da relação entre uma entidade que leva outra a agir/realizar algo. De acordo com Givón (1975, p. 60-1), tal conceito compreende a relação entre um evento-causa e um evento-efeito, de maneira que a ocorrência deste é inteiramente dependente daquele. A causatividade é, também, a expressão de uma dinâmica de forças resultante da interação entre uma entidade em tendência de ação (introdutora da força) e uma entidade que aplica ou se abstém de aplicar uma força contrária, tal como propõe a Teoria da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000).

No português brasileiro, uma das maneiras de expressão da causatividade ocorre em uma oração complexa, cuja oração matriz geralmente é constituída pelos verbos *fazer*, *forçar*, *mandar*, *deixar* etc. Inicialmente, foram examinadas, nos *corpora*, várias microconstruções causativas perifrásticas, que, segundo Song (2001, p. 260), são aquelas em que o predicado de causa e o predicado de efeito são codificados por verbos distintos (ex.: *fiz o menino chorar*, *deixei a borracha cair*, *leveí meu amigo a contar o segredo* etc.). Entre os usos analisados, chamaram-nos a atenção algumas microconstruções específicas encabeçadas pelo verbo *deixar*, devido ao fato de desempenharem uma função interpessoal de maneira mais acentuada. Além disso, em comparação com a forma-fonte causativa (ex.: *deixei*

o pássaro voar), as características apresentadas por essas microconstruções com relação às restrições morfossintáticas e à redução fonológica indicam a existência de um processo de mudança linguística, que nos instigou a uma investigação mais sistematizada. Tal processo foi investigado à luz da noção de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que compreende o processo diacrônico de perda de conteúdo das construções e ganho de funções procedurais e/ou discursivas.

As ocorrências a seguir exemplificam usos menos (1) e mais (2) interpessoais:

(1)[Roberta, colega de classe] Falou que tava com dor de cabeça, dor de ouvido. Aí falou “posso embora, posso embora?” Aí ele [o professor da turma] falou “não, você não vai embora não”, “por favor *deixa eu ir embora*”, aí chorou e tudo pra ir. (PEUL, R, F, 14).

(2)²E: Qual a sua renda mensal aproximada ou renda familiar se for financeiramente independente? Não. Você não é- você não é- é- você é dependente. Então, qual é a renda familiar? Assim, quanto a sua família recebe?

F: Ah ... *deixa eu vê* ...Porque eu moro com duas tias e cada uma trabalha numa coisa. Acho que cada uma deve receber dois salários... cada uma. (PEUL, R, F, 14).

Em (1), o falante³ narra um fato ocorrido dentro da sala de aula com uma colega de classe (Roberta). De acordo com o relato, a aluna não estava se sentindo bem de saúde e pede ao professor: “por favor *deixa eu ir embora*”. Observa-se que a microconstrução causativa é usada com valor de pedido e faz referência ao mundo físico. A falante a utiliza com a finalidade de pedir permissão para ir embora da sala.

Já em (2), o entrevistador questiona qual é a renda familiar do falante, que, então, responde “Ah...*deixa eu vê*...Porque eu moro com duas tias [...]”. As reticências marcam duas pausas: uma que precede à microconstrução destacada e outra que se pospõe a ela. Infere-se que a microconstrução faz referência ao universo discursivo⁴ e é usada como uma estratégia de estabelecimento de pausa para (re)organização e formulação da fala. Note-se que a microconstrução como um todo está longe de indicar uma atitude protípica de ordem (como poderia sugerir o verbo “deixar” no imperativo) ou ainda de pedido de permissão, já que, além

² Em alguns contextos, apresentamos tanto as falas tanto do entrevistador quanto do entrevistado para que seja possível compreender melhor o sentido da microconstrução causativa na situação de fala. Nesse caso, mantemos fielmente as abreviações presentes nas transcrições dos *corpora*. No *corpus* do PEUL, usa-se “E” para indicar a fala do entrevistador e “F” para indicar a do entrevistado (falante). No *corpus* Discurso e Gramática (D&G), usa-se “E” para indicar a fala do entrevistador e “I” para indicar o informante (entrevistado). Nos casos em que não há essa indicação (E, I ou F), subentende-se que se trata de uma fala do entrevistado/informante.

³ Nesta Dissertação, nos comentários sobre as transcrições de fala, usamos alternadamente os termos “falante” e “entrevistado” para fazer referência ao indivíduo que foi objeto de entrevista realizada por equipe vinculada aos projetos de coleta de dados.

⁴ Nesta Dissertação, usamos o termo “discurso” (e adjetivos derivados, como “discursivo”) como sinônimo de ato de fala e, em alguns casos mais especificamente, com referência ao nível da relação locutor-interlocutor. São essas acepções do termo que também vigoram nas teorias de orientação funcionalista.

da ausência de sinal de interrogação na transcrição, não se verifica nenhuma resposta por parte do interlocutor. Nesta investigação, a fim de fazer referência à causatividade que se dá no plano discursivo, denominamos os usos do tipo (2) de microconstruções causativas interpessoais.

Esse tipo de microconstrução interpessoal já foi abordado em algumas pesquisas, como se observa em Pinto (2008) e Scherer (2014), ambas realizadas na perspectiva do Funcionalismo Clássico. Entendemos, no entanto, haver a necessidade de um maior detalhamento das funções desempenhadas por essas microconstruções no nível discursivo-pragmático. Por isso, a abordagem de aspectos cognitivo-funcionais – que é amparada pela LFCU, por exemplo – é adequada para fornecer uma descrição que atenda à complexidade do nosso objeto.

Entendemos, portanto, que o exame das microconstruções causativas interpessoais no português brasileiro falado requer a adoção de uma teoria que se interesse pelo exame da língua para além da estrutura gramatical e que busque, na situação comunicativa, a motivação para os fatos linguísticos, os quais resultam de modelos convencionalizados com base na interface linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico. Por esse motivo, foi adotada, em nossa investigação, a LFCU, que conjuga princípios do Funcionalismo Clássico e da Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, assumem-se alguns pressupostos funcionalistas básicos, tais como a ideia de que a língua se realiza na interação e de que o uso tem papel fundamental na atualização da expressão linguística. É defendida ainda, na LFCU, a noção funcionalista de fluidez categorial, que postula a inexistência de divisões rígidas e dicotômicas entre as categorias gramaticais.

Nossa análise também se assenta na proposta da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que tem sido bastante empregada nos trabalhos realizados no âmbito da LFCU. Por meio da expressão “Gramática de Construções”, faz-se alusão a um conjunto de teorias que defendem a construção como a unidade básica de análise linguística e que começaram a desenvolver-se, com maior representatividade, a partir da década de 1980, com Fillmore et al. (1988) e Langacker (1987). Atualmente a proposta tem sido trabalhada principalmente por Goldberg (1995), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013).

Com base em Talmy (2000), analisamos como ocorre a interação entre as forças na relação básica de causatividade e mostramos que, no caso da microconstrução causativa interpessoal, a construcionalização altera potencialmente a dinâmica das forças envolvidas. Ademais, recorreremos, para descrever as funções pragmáticas das causativas interpessoais, à

noção de intersubjetividade proposta por Traugott e Dasher (2004) e Traugott (2010) e à noção de polidez linguística proposta por Brown e Levinson (1987).

Partimos da hipótese de que as microconstruções causativas interpessoais configuram um *nó* na rede de operadores intersubjetivos, atuando na relação locutor-interlocutor, e se desenvolveram a partir de microconstruções causativas com sentidos de maior concretude. Nos estudos da Gramática de Construções, o *nó* é resultante da especialização de determinado padrão construcional que dá origem a uma nova forma associada a uma nova função, ou seja, uma nova construção.

Nesse sentido, orientamos esta pesquisa no sentido de responder aos seguintes questionamentos:

- a) Como a Gramática de Construções pode contribuir para a análise das microconstruções causativas interpessoais?
- b) Como a noção de construcionalização contribui para a investigação do processo de mudança linguística da microconstrução em questão?
- c) Quais micropassos de mudança instanciam essa construcionalização?
- d) Que funções as microconstruções causativas interpessoais desempenham no nível discursivo-pragmático?

A fim de atingir os objetivos propostos e responder a essas questões, realizamos a pesquisa, cujo produto é esta dissertação, organizada em 5 (cinco) capítulos. No Capítulo 1, primeiramente, versamos sobre a proposta da LCFU e discorremos sobre os princípios gerais que norteiam o Funcionalismo Clássico e a Linguística Cognitiva, duas abordagens que a LFCU conjuga. No âmbito das teorias cognitivistas, apresentamos uma síntese dos postulados da Teoria da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000) e realizamos uma análise contrastiva da dinâmica de forças presente nas microconstruções causativas encabeçadas pelos verbos *fazer* e *deixar*. Esse capítulo ainda contempla conceitos centrais na Gramática de Construções, com especificações acerca do tratamento construcional dado à mudança linguística.

No Capítulo 2, discorremos sobre os conceitos de intersubjetividade, principalmente com base em Traugott e Dasher (2004), e de polidez linguística, desenvolvido a partir das noções de face positiva e face negativa propostas por Brown e Levinson (1987).

No Capítulo 3, discutimos o conceito de causatividade e apresentamos uma síntese das três maneiras de como ela se expressa no Português Brasileiro (PB) e nas demais línguas do mundo: lexical, morfológica e sintática. Ao final do Capítulo, mencionamos brevemente a possibilidade de a causatividade se dar no plano discursivo.

No Capítulo 4, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, principalmente com relação à delimitação do objeto, aos *corpora*, à tipificação da análise e ao embasamento teórico que norteia esta investigação.

No Capítulo 5, apresentamos a análise e a discussão dos dados. Num primeiro momento, são apresentados brevemente diferentes tipos de microconstruções causativas perifrásticas identificados nos *corpora*. Num segundo momento, caracterizamos especificamente as microconstruções causativas interpessoais com base na Gramática de Construções e, posteriormente, lançamos hipóteses sobre o seu processo de construcionalização, tendo em vista a noção de micropassos de mudança (DIEWALD, 2002; 2006). Na última seção do Capítulo, é estudada a funcionalidade das microconstruções causativas interpessoais com base nas noções de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2004) e polidez linguística (BROWN; LEVINSON, 1987).

CAPÍTULO 1

ORIENTAÇÃO TEÓRICA GERAL

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que embasaram esta pesquisa e que pertencem a dois grandes eixos: o da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e o da Gramática de Construções.

A LFCU ou Linguística Cognitivo-Funcional surge no final do século XX e é resultante da articulação entre princípios do Funcionalismo Clássico, que tem como alguns de seus expoentes Lehmann (1988), Hopper e Thompson (1980), Givón (2001 [1984]), e a Linguística Cognitiva, que tem grande representatividade nos trabalhos de Lakoff e Johnson (1980), Langacker (1987), Fillmore et al (1988), Talmy (2000) e Fauconnier e Turner (2002). O termo “Linguística Funcional Centrada no Uso” surge como tradução livre de *Usage-based Model*, utilizado por Langacker (1987) para se referir a modelos teóricos que privilegiam o estudo do uso da língua.

Neste capítulo, primeiramente apresentamos alguns conceitos-chave no Funcionalismo Clássico que continuam presentes na LFCU. Posteriormente, apresentamos algumas noções da Linguística Cognitiva importantes a esta pesquisa e, por fim, versamos sobre a proposta da Gramática de Construções.

1.1 O Funcionalismo Clássico

Na Europa, o Funcionalismo nasce no contexto do Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926, que surge inicialmente dentro do Estruturalismo, mas que, posteriormente, dele se afasta, ao enfatizar a função das unidades linguísticas. Inicialmente os estudos eram bastante ligados a aspectos da fonologia. Troubetzköi, que entra no Círculo em 1928, desenvolve os conceitos de fonema, contraste funcional e a teoria dos sistemas fonológicos, essa última em parceria com Jakobson, que formulou o conceito de marcação, aplicado sobretudo aos estudos de morfologia. Um dos marcos do surgimento do Funcionalismo foi a formulação da teoria sobre o fluxo informacional da sentença, iniciada por Mathesius e desenvolvida por Firbas e Danes, sob o rótulo “perspectiva funcional da sentença”, que buscava analisar a função comunicativa da sentença com base, sobretudo, nas noções de informação dada (tema) e nova (rema).

A proposta de Firbas e Danes surge principalmente na análise de sentenças de mesmo conteúdo, mas que se aplicam a diferentes contextos pragmáticos, como se observa

em “Já comprei desse caderno” e “Desse caderno eu já comprei”. O sintagma “desse caderno”, no primeiro exemplo, tem *status* de informação nova (não mencionada previamente); no segundo, tem *status* de informação dada (já mencionada).

Já nos Estados Unidos, o Funcionalismo surge em meados da década de 70, com Bolinger, que desenvolveu, conforme Furtado da Cunha (2011), um estudo pioneiro sobre a pragmática da ordenação das palavras na sentença. A partir de então, vários trabalhos foram desenvolvidos nessa perspectiva autodenominando-se, de fato, funcionalistas, como faz Givón, que, em 1977, publica *From Discourse to Syntax: Grammar as a processing strategy* e que, em 1979, lança o livro *Understanding Grammar*, duas obras marcantes no início da consolidação do funcionalismo norte-americano.

Ressaltamos que, embora estudos funcionalistas na Europa e nos Estados Unidos tenham tido desdobramentos com distinções significativas, alguns princípios são comuns à maioria dos autores que defendem essa perspectiva teórica.

Nas várias vertentes funcionalistas, é premissa fundamental a assunção da concepção de língua como *interação*. Nessa visão, a língua manifesta o dinamismo das relações sociais (CASSEB-GALVÃO, 2001) e existe em função do atendimento às necessidades comunicativas dos falantes. É justamente isso que leva à consideração de que a gramática de uma língua natural nunca é estática, mas fluida, e emerge das regularidades das pressões geradas pelo próprio uso (HOPPER, 1987).

Outro conceito bastante presente nos estudos funcionalistas é o de *marcação*, que foi desenvolvido por Jakobson no contexto do Círculo Linguístico de Praga e surgiu inicialmente no estabelecimento de traços distintivos para os fonemas. A clássica distinção entre /p/ e /b/, por exemplo, se deve ao traço [+ vozeado]. O fonema /b/, por ter o traço de vozeamento, é marcado; já o fonema /p/, em razão de ser [-vozeado], é considerado não marcado. Posteriormente, houve a extensão da aplicação do conceito de marcação ao campo da morfologia e da sintaxe.

De acordo com Givón (1995), há uma tendência de a estrutura marcada ser mais *complexa* ou ter uma *extensão maior* que a respectiva estrutura não marcada. Isso se deve ao fato de que a estrutura marcada geralmente contém um elemento a mais (um traço distintivo, um morfema, um sintagma etc.), que não está presente na estrutura não marcada. É o que ocorre com o substantivo “menino” (não marcado e com seis sons) e “meninos” (marcado e com sete sons).

Outra correlação existente é entre a *marcação* e a *frequência*. Geralmente, a estrutura marcada é menos frequente do que a estrutura não marcada (GIVÓN, 1995). Assim, a sílaba

do tipo CV (consoante + vogal) é mais frequente, por exemplo, que a sílaba do tipo CVC (consoante + vogal + consoante).

Existe ainda, conforme Givón (1995), uma correlação entre a *marcação* e a *complexidade cognitiva*: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa que a respectiva estrutura não marcada. É o que ocorre, por exemplo, com o padrão oracional SVO (ex.: *eu comprei o presente*) no português, cujo processamento mental demanda menos esforço que o de um padrão OVS (ex.: *o presente comprei eu*).

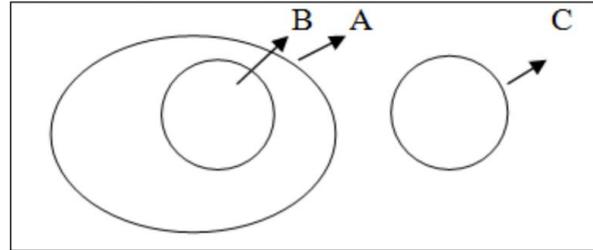
Outra noção recorrente nos estudos funcionalistas é a ideia de *prototipia*, que está diretamente relacionada à categorização. O verbo grego *kategorēin*, que deu origem a *categorizar*, tinha o significado de “acusar”, “dizer de” e “julgar” (ARANALDE, 2009). Nesse sentido, a categorização consiste no agrupamento dos elementos de acordo com a semelhança de suas características. Trata-se de uma atividade cognitiva básica que tem como ponto de partida a comparação. É o confronto entre os traços característicos de um elemento com relação a outro dado previamente que leva, posteriormente, ao enquadramento de um termo como pertencente (ou não) a determinada categoria. Como afirma Lakoff (1987, p. 5), toda vez que “vemos algo como ‘um tipo’ de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando.”

O fato de a categorização ser uma atividade cognitiva tão básica se deve não só à facilidade que ela propicia ao armazenamento e recuperação das informações, mas também à diminuição na demanda de memória humana que ela possibilita (MARKMAN, 1989 apud LIMA, 2010). A categorização tem a função precípua de organização do pensamento, por meio do agrupamento de elementos por semelhança. Sem a categorização, presume-se que a capacidade de armazenamento da memória humana seria potencialmente menor, além da maior demanda de tempo para recuperação das informações.

No modelo aristotélico, as categorias são definidas apenas pelas propriedades comuns a todos os seus membros. Os membros de determinada categoria são os elementos que portam as características necessárias e suficientes definidoras da categoria; e os que não apresentam essas características são considerados não membros (LIMA, 2010). As fronteiras entre as categorias são rigidamente delimitadas, de maneira que não há sobreposição entre um membro e um não membro.

Ademais, no modelo clássico, os elementos agrupam-se numa hierarquia categorial, de maneira que as categorias mais específicas incluem todos os atributos das categorias mais gerais, tal como mostra a figura seguinte:

Figura 1 - Representação da categorização no modelo clássico



Fonte: Givón (1989, p. 36 apud SILVA, 2011).

Para fins de exemplificação, uma orquídea, por exemplo, por ter caule e pétalas, enquadra-se na categoria *flor* (que abriga outros elementos, como rosa, margarida, lírio etc.), que, por sua vez, pertence à categoria maior *planta*. Com base na noção de hierarquia categorial, a orquídea, que pertence à categoria específica *flor*, apresenta todos os traços da categoria *planta*. O contrário, entretanto, não ocorre, já que nem todos os membros da categoria *planta* apresentam as características dos pertencentes da categoria *flor*.

Outro modelo categorização bastante conhecido é o advindo da Teoria dos Protótipos, elaborada por Eleanor Rosch na década de 70. Uma das principais críticas dessa proposta ao modelo clássico, segundo Murphy (2002, p. 73 apud LIMA, 2010), é com relação à necessidade e à suficiência das propriedades das classes. No modelo de protótipos, o enquadramento de um elemento em determinada categoria não necessariamente pressupõe que ele apresente todas as características convencionadas como definidoras da categoria. Há, nessa visão, uma organização dos elementos em torno de um protótipo central, que seria o membro mais representativo da categoria, ou seja:

aquele que compartilhasse com os outros membros da categoria do maior número de características e que, por outro lado, compartilhasse de poucas características (ou nenhuma) com elementos provenientes de fora da classe. (LIMA, 2010, p. 116).

Na categoria, em torno do protótipo central, acomodam-se os membros periféricos, que podem, inclusive, apresentar características limítrofes a outras categorias. Enquanto “vaca”, por exemplo, é um membro prototípico da classe dos mamíferos, já que tem pelos, produz leite e possui coluna vertebral, o animal “morcego” é um membro periférico dessa classe, dado que, embora tenha pelos, produza leite e tenha coluna vertebral, tem asas, que é uma característica típica da classe das “aves”.

Nos estudos funcionalistas da linguagem, esse é o modelo de categorização adotado no tratamento das classes gramaticais. Na categoria “verbo”, por exemplo, as características mais representativas são: flexão em tempo, modo e voz; apresentação de sentido de ação,

concordância com o sujeito e transitividade direta. Por reunir esses traços, o verbo “fazer” mostra-se como prototípico da categoria; já o verbo “estar”, por não indicar ação nem ser transitivo direto, configura-se como membro mais periférico.

Uma das consequências da noção de *prototipia* é assunção pacífica, nos estudos funcionalistas, da não rigidez da definição dos limites intercategoriais. Isso leva, então, à possibilidade de intersecção no compartilhamento de características de uma ou mais categorias, como é o caso da palavra “comprado”, que apresenta tanto características de “verbo”, já que a desinência {-ado} indica se tratar da forma participial do verbo “comprar”, quanto da categoria “adjetivo”, uma vez que é capaz de estabelecer concordância nominal com o substantivo. Nesse sentido, as gradiências morfossintáticas e semânticas atuam não só no nível intracategorial, mas também no nível intercategoriais (AARTS, 2007a apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2010).

Segundo Rios de Oliveira (2001), algumas consequências do tratamento das categorias a partir da ideia de *prototipia* são:

- a) a possibilidade de trabalho com classes não fechadas;
- b) a admissão de possível mudança de categoria;
- c) a flexibilidade na interpretação das classes;
- d) a aceitação de que há termos ocupando posições distintas no paradigma categórico, ora mais nucleares, ora mais marginais;
- e) a possibilidade de se trabalhar “sem medo” com expressões linguísticas pouco definidas.

A proposta de categorização linguística com base na noção de *prototipia* fornece suporte teórico para que determinados usos de difícil categorização possam ser devidamente descritos. Com base nesse conceito, espera-se que o pesquisador não venha a ignorar tais usos ou omiti-los dos dados encontrados em razão da dificuldade de exame dessas particularidades. A proposta, ao contrário, motiva, de algum modo, o rastreamento dos usos de difícil enquadramento, a fim de atestar o pressuposto funcionalista de que as gradiências são constituidoras das categorias linguísticas.

Citamos, por fim, a noção de *iconicidade*, que é bastante presente nas análises de cunho funcionalista. Trata-se da assunção da existência de uma relação motivada entre forma e sentido que confronta essencialmente a visão saussureana da arbitrariedade do signo linguístico, isto é, a defesa de que não há qualquer motivação que una significante (“imagem acústica”) e significado (“sentido”).

Com relação à *iconicidade*, Givón (1990 apud FURTADO DA CUNHA, 2011) propõe três subprincípios. O primeiro é o da *ordenação linear*, que prevê, em alguns casos, uma relação entre a ordem dos elementos na cadeia sintagmática e a sequência dos eventos no mundo. Assim, na sentença “Compre e ganhe”, fica claro que a atitude de comprar antecede à de ganhar. O elemento que aparece primeiro na cadeia sintagmática corresponde à atitude que, no mundo, deverá ser realizada num primeiro momento como condição para a segunda.

O segundo subprincípio da iconicidade é o da *quantidade*, que, segundo Givón (1990 apud FURTADO DA CUNHA, 2011), estabelece uma relação direta entre o tamanho da estrutura e a quantidade de informação veiculada. Nessa proposta, quanto maior a forma, mais conteúdo ela expressa. É o que ocorre, por exemplo, com o termo “autoescola”, em comparação a “escola”. Enquanto este designa “estabelecimento de ensino”, aquele traz uma informação complementar, com o sentido de “estabelecimento de ensino de direção de veículos”, ou seja, trata-se de uma maior quantidade de informação.

Outro subprincípio relativo à iconicidade é o da *proximidade*, que prevê uma relação direta entre a proximidade dos itens na cadeia sintagmática e a proximidade da relação que eles estabelecem no mundo. Desse modo, na sentença “João comprou uma bicicleta amarela”, a contiguidade entre os termos “bicicleta” e “amarela” na sentença é um reflexo do fato de, no mundo, esse objeto e cor estarem diretamente relacionados.

1.2 A Linguística Cognitiva

O surgimento da Linguística Cognitiva se dá a partir de ramificações de alguns estudos gerativistas em razão da constatação de que a sintaxe por si mesma não é suficiente para descrever os fenômenos linguísticos. Além disso, os cognitivistas entendem que sintaxe e semântica não constituem módulos rigidamente separados na mente, como defendem os gerativistas. Em geral, os estudos cognitivistas surgem, na Linguística, assumindo a centralidade da semântica nos estudos da língua (em oposição ao sintaticismo chomskyano), o que propiciou uma série de investigações sobre o sentido, dando origem a propostas como a semântica de frames, os espaços mentais, as mesclagens conceptuais etc.

George Lakoff, um dos grandes nomes da linha cognitivista, defende, em 1965, sua tese de doutorado intitulada *Irregularity in Syntax*, em que analisa algumas exceções às regras transformacionais de Chomsky, como o caso das sentenças passivas e ditransitivas. Esse trabalho, segundo Salomão (2010), pode ser visto inclusive como uma motivação embrionária para o que viria a ser a Gramática de Construções.

Os trabalhos em Linguística Cognitiva, conforme pontuam Croft e Cruse (2004), são norteados a partir das seguintes hipóteses: a) a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; b) gramática é conceptualização; e c) o conhecimento da língua emerge da língua em uso.

A ideia de que a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma se baseia numa concepção não modular, ou seja, na defesa de que não há um módulo na mente que seja específico para o processamento da linguagem. Assim, a linguagem passa pelos mesmos mecanismos gerais de processamento ligados a outras capacidades cognitivas. Nessa visão, as estruturas linguísticas estão sujeitas aos mesmos processos de rotinização, por exemplo, a que estão sujeitas as atividades não linguísticas (BYBEE, 2010).

A segunda hipótese – gramática como conceptualização – prevê que a língua não representa o mundo em si, mas a visão que os falantes têm dele a partir da cultura em que estão inseridos e das experiências vividas. De acordo com Silva (2012, p. 52), “a diversidade linguística e cultural pode se desenvolver a partir de recursos compartilhados que refletem aspectos universais do corpo humano, da mente e da experiência.” As diferenças tipológicas entre as línguas, nessa visão, seriam reflexo de diferentes modos de conceptualização do mundo. Na língua Pirahã, falada no sul do Amazonas, por exemplo, não há a classe dos numerais e a quantidade dos objetos é especificada por termos com o sentido de “poucos” e “muitos”. Essa característica pode ser explicada pela falta de necessidade do uso de números no dia a dia dos Pirahãs. Assim, se o modo de vida e as experiências desse povo revelam a não necessidade de quantificação precisa dos objetos, não há numerais na gramática da língua.

Já terceira hipótese prevê que é a partir de situações específicas do uso efetivo que o falante constrói seu conhecimento linguístico. Diferentemente da proposta chomskyana, que tem o foco na competência (conhecimento internalizado das regras da língua), interessa à Linguística Cognitiva analisar as condições de uso (desempenho) das estruturas linguísticas na comunidade. Ao se deparar com uma conjunção que lhe seja desconhecida, por exemplo, o falante possivelmente irá deduzir qual é o sentido dela, considerando as estruturas com as quais ela se concatena. A situação de comunicação em que a conjunção foi empregada também pode dar ao falante pistas sobre o grau de formalidade relativo a que o elemento linguístico pertence. A partir dessas deduções a partir do uso efetivo, o falante pode incorporar a referida conjunção ao seu acervo vocabular e utilizá-la no contexto adequado.

A fim de entender a relação entre as experiências básicas e a constituição da língua, há, na Linguística Cognitiva, várias propostas que buscam explicar como ocorre essa integração.

Uma delas é a Teoria da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000), sobre a qual falaremos na seção seguinte.

1. 2.1 A Teoria da Dinâmica de Forças

Nos estudos da Linguística Cognitiva, uma proposta bastante aceita é a da Teoria da Dinâmica de Forças, desenvolvida por Talmy (2000). Ela surge da necessidade de uma abordagem, nos estudos linguísticos, do modo como as entidades interagem com relação à força. No ramo da Física, a noção de força foi e ainda é objeto de longos anos de estudo. Fora desse campo teórico, segundo o autor, talvez a aplicação mais familiar do conceito seja a feita por Freud, em que a ideia de força está implícita nas noções de pulsão, repressão, resistência e o conflito id-superego. Diante disso, Talmy (2000) então desenvolve uma proposta a fim de abordar esse conceito num viés linguístico-cognitivo.

Segundo Talmy (2000), o motivo para o estudo da relação que as forças estabelecem entre si está no papel significativo que elas desempenham na estrutura linguística. No início do capítulo *Force Dynamics in Language and Cognition*, o autor apresenta uma distinção entre duas categorias nocionais. A primeira delas consiste em um conjunto de noções que, nas línguas, nunca aparecem em classes fechadas, como o conceito de “cor”. Já a segunda é formada por um conjunto de noções que comumente aparecem em classes fechadas, mas que desempenham um papel estruturante conceitual básico, como aspecto, modo e evidencialidade. Nessa categoria de noções presentes em classes fechadas, enquadra-se, segundo o autor, a dinâmica de forças.

Para fins de ilustração da interação entre as forças com base nos domínios semânticos, são analisados aqui alguns exemplos dados por Talmy (2000) e traduzidos para o português:

1 A bola estava rolando ao longo da grama.
 1.2 A bola continuou rolando ao longo da grama. [físico]

2 João não saiu da casa.
 2.2 João não conseguiu sair da casa. [físico/psicológico]

3 Ele não fechou a porta.
 3.1 Ele se absteve de fechar a porta. [intrapicológico]

4 Ela é polida com ele.

4.1 Ela é tolerante⁵ a ele. [intrapsicológico: lexicalizado]

5 Ela tem que ir ao parque.

5.1 Ela consegue ir ao parque. [sociopsicológico]

Em 1, há um evento neutro com relação à dinâmica de forças, uma vez que a “bola” está em tendência de movimento e não há outra entidade que interaja com essa força. Já em 1.2, o uso de “continuou” traz as seguintes possibilidades: ou a bola tem uma tendência ao repouso que está sendo superada por alguma força externa (o vento), ou a bola tende a um movimento que, de fato, supera a oposição externa (a grama rígida).

No segundo par de exemplos, há uma junção entre força psicológica e física. Como é possível observar, há, em 2, a constatação objetiva de um fato e uma neutralidade na relação entre forças, já que nenhuma entidade aplica qualquer força. Em 2.1, ao se acrescentar o verbo “conseguir”, surge uma complexa dinâmica de forças: João quer sair, mas há uma força física ou psicológica que se opõe a essa tendência, que é mais forte, resultando em repouso.

Tanto em 3 quanto em 3.1, há a descrição de uma situação em que o sujeito não realiza a ação, no entanto, em 3.1, a não ação é apresentada como resultado de um conflito intrapsicológico, que se dá entre o impulso do agente à ação (“fechar a porta”) e uma força psicológica de inibição que é mais forte, resultando em repouso.

Já o caso apresentado em 4.1 revela a possibilidade de lexicalização da dinâmica de forças, havendo um termo específico no léxico da língua para expressá-la. Enquanto “polida” (presente em 4) é um adjetivo de valor neutro com relação ao contraste de forças, “tolerante” (presente em 4.1) já revela, segundo Talmy (2000), a existência de uma tendência do sujeito de agir de maneira impolida no contexto, mas que foi suprimida por ele próprio. Outro exemplo que também se enquadra nessa situação é o que ocorre na terminologia utilizada no português para designação de estado civil. Tanto “solteiro” quanto “divorciado” indicam que a pessoa não está casada, todavia, enquanto o primeiro parece evocar o sentido de neutralidade de forças (o indivíduo está “solto”, “livre”), o segundo já apresenta uma complexa dinâmica de forças. O termo “divorciado” evoca, ao menos, duas forças que se opuseram no passado: uma no sentido de unir em casamento e a outra no sentido de separação.

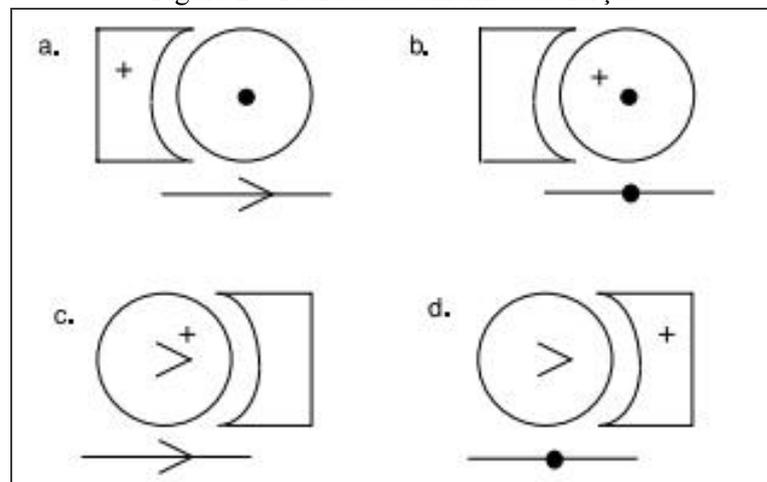
Em 5, já há um contraste de forças que pertencem a um domínio não só intrapsicológico, mas também social. Tanto 5.1 quanto 5.2 expressam dinâmica de forças, mas

⁵ Texto original: “She’s polite to him [...] She’s civil to him”. Como não foi identificado adjetivo em português que corresponda ao sentido de “civil” no contexto, substituímos por “tolerante”, que, mesmo tendo sentido distinto, poderia, a nosso ver, encaixar-se na análise proposta.

de modos distintos. Na sentença 5.1, o desejo do sujeito é o de não ir ao parque, mas há uma força externa de obrigatoriedade mais forte que se opõe a essa intenção. Já em 5.2, o desejo do sujeito é o de ir ao parque, mas existem circunstâncias que podem impedir que essa ação se realize. Elas, no entanto, parecem desaparecer ou não se materializar, permitindo, então, que o desejo do sujeito seja concretizado.

A partir do exame dessas oposições entre forças, observa-se que há duas entidades envolvidas. Sobre a entidade que exerce a força (agonista) recai destacada atenção focal, já que o que interessa, na interação, é verificar se essa entidade conseguirá exercer sua tendência de força ou se ela será superada. A outra entidade (antagonista) é a que exerce uma força oposta. Com base nas possibilidades de padrões básicos de dinâmica de forças, Talmy (2000) propõe as seguintes situações:

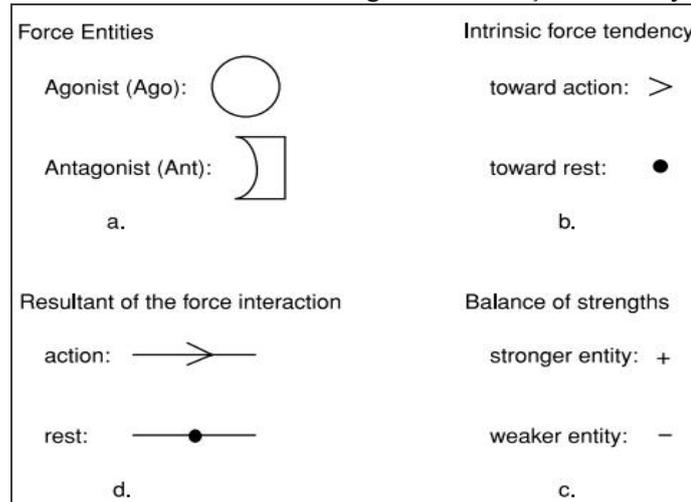
Figura 2 – Padrões de dinâmica de forças



Fonte: Talmy (2000, p. 416).

Os significados de cada símbolo utilizado nos diagramas de Talmy (2000) podem ser observados na seguinte figura:

Figura 3 – Símbolos usados nos diagramas de forças de Talmy (2000)



Fonte: Talmy (2000, p. 414)⁶.

Na Figura 2, item a), há a representação de um tipo de interação em que o agonista (Ago) tem uma tendência intrínseca ao repouso e o antagonista (Ant) exerce uma força oposta que é mais forte, como se observa pelo sinal “+”. Um exemplo possível de situação que se enquadra nesse caso é “A bola rolou por causa do vento soprando contra ela”, em que o agonista (bola) está em tendência ao repouso, que é superada pela força do vento (antagonista), tendo como resultante o movimento. Em b), o agonista também está em tendência de repouso e a força que o antagonista aplica é mais fraca, resultando, assim, em repouso. É isso que ocorre, por exemplo, em “A cabana se manteve em pé apesar do vento forte soprando contra ela”. Já em c), o agonista tem uma tendência intrínseca ao movimento que é superior à aplicada pelo antagonista, o que resulta em ação. Um exemplo dessa dinâmica ocorre em “A bola continuou rolando apesar da aspereza da grama”, em que a bola (agonista) tende ao movimento, mas a grama (antagonista) exerce uma força contrária. Como a força da bola é maior, a força resultante da dinâmica é de movimento. Por fim, em d), o agonista está em tendência de movimento, mas o antagonista aplica uma força contrária mais forte, resultando em repouso. É o que se observa, por exemplo, em “Não saí de casa ontem porque choveu”, em que o sujeito (agonista) tinha a intenção de sair de casa, ou seja, estava em tendência de movimento, mas a chuva aplicou uma força contrária mais forte, impedindo que o sujeito saísse, o que resultou em repouso.

Nesses exemplos, é possível observar que certos conceitos de dinâmica de forças têm uma representação gramatical. Quando o agonista aparece como sujeito, o papel do antagonista mais forte é expresso por meio da locução conjuntiva “por causa de”; enquanto o

papel do antagonista mais fraco pode ser expresso pela locução conjuntiva “apesar de”. Além disso, a oposição de forças é prototipicamente expressa pela preposição “contra”, como ocorre em “O carro se chocou contra a parede”, o que contribui para a defesa da ideia de que a dinâmica de forças faz parte do conjunto de noções que podem aparecer em classes fechadas nas línguas, como defende Talmy (2000).

Ressalta-se, todavia, que pode haver um deslocamento dos padrões de força tradicionais. Um deles, segundo Talmy (2000), seria a mudança no estado de impacto, que consiste na possibilidade de o agonista, ao invés de colidir insistentemente com o antagonista, optar por entrar nessa colisão ou sair dela. Um exemplo possível é “A liberação da pista deixou os carros passarem”, em que o agonista (“liberação”) sai da colisão iniciada pelo antagonista (“carros”), ou seja, deixa de aplicar uma força contrária.

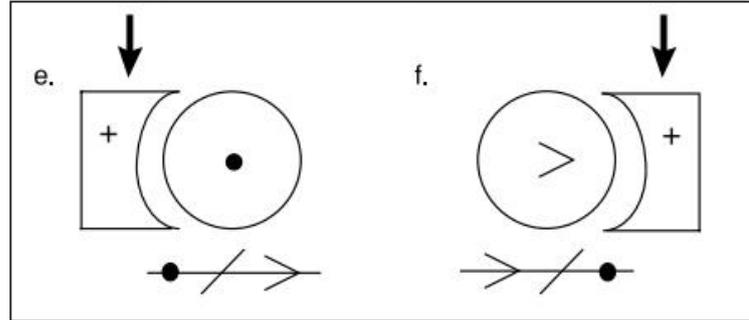
1.2.2 A causatividade à luz da Teoria da Dinâmica de Forças

A fim de explicar como se dá a interação entre as entidades participantes da relação de causatividade, fizemos uma análise comparativa entre a dinâmica de forças nas microconstruções causativas introduzidas pelo verbo *fazer*, que são as mais prototípicas, e nas introduzidas pelo verbo *deixar*, que se distanciam da configuração básica da dinâmica de forças da causatividade. Recorremos aqui à Teoria da Dinâmica de Forças, de Talmy (2000) e a Soares da Silva (2004), que faz uma aplicação dessa teoria a causativas perifrásticas em português e espanhol.

As microconstruções causativas prototípicas, conforme defende Talmy (2000), apontam para uma propriedade comum, ausente dos outros padrões de dinâmica de forças, que emerge da análise da dinâmica de forças como definição da concepção de causação. A propriedade é que a atividade resultante do agonista é o oposto da sua tendência intrínseca. A interpretação é que um objeto tem uma tendência de força natural e irá manifestá-la, a menos que seja superada por um impacto constante ou o início de uma colisão com uma força externa mais forte.

Nas microconstruções causativas perifrásticas introduzidas pelo verbo *fazer*, a atividade resultante do agonista é justamente o oposto da sua tendência intrínseca. Se o agonista está em tendência ao repouso, o antagonista aplica uma força contrária no sentido de movimento. Por outro lado, se o agonista está em tendência à ação, o antagonista aplica uma força contrária de repouso. A figura seguinte ilustra essas possibilidades:

Figura 4 – Dinâmica de forças das microconstruções causativas encabeçadas pelo verbo *fazer*



Fonte: Talmy⁷ (2000, p. 418).

No desenho à esquerda, o agonista está em repouso (•) e o antagonista inicia uma força contrária no sentido de movimento. Como essa última é de mais forte, a força resultante é de movimento. É o que se observa em:

(3) A pancada da bola fez a maçã cair da mesa. (CNS)

Observa-se que o agonista (“maçã”) está em tendência ao repouso e o antagonista (“bola”) aplica uma força contrária mais forte, resultando numa mudança de estado de repouso para ação.

Já no lado direito da figura, o agonista está em movimento (>) e o antagonista inicia uma força contrária mais forte de repouso, como se observa no seguinte uso:

(4) Ah::: hoje eu... *o casamento fez eu ficá mais calmo* (FG, JCS, M, 38)

Nesse caso, o agonista (“eu”) estava em tendência de agitação e o antagonista (“casamento”) aplica uma força contrária no sentido de repouso (“acalmar”). Como a força contrária é mais forte, a dinâmica resulta em repouso.

Também se observa a mesma dinâmica de forças em:

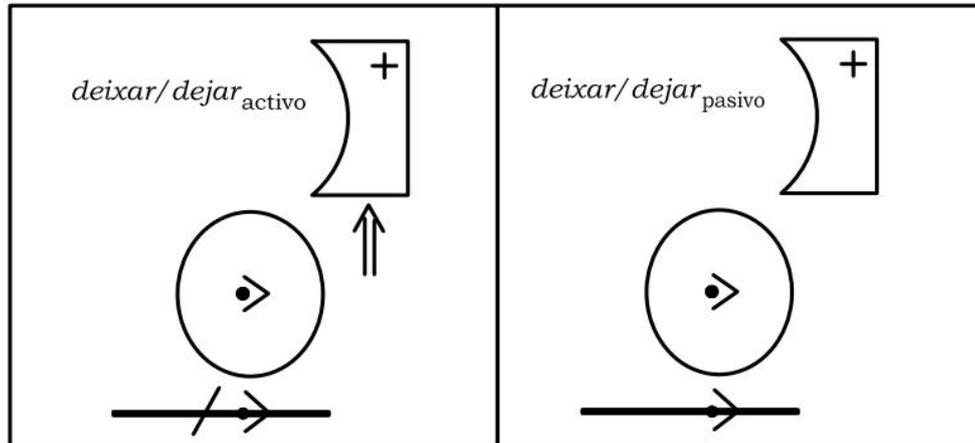
(5) [...] de vez em quando *a gente fazia a professora chorá mais...* é pôco (FG, JCS, M, 38).

Observa-se que, no exemplo, o agonista “professora” está em tendência ao repouso (não ação), contudo os alunos (“a gente”) aplicam uma força contrária mais forte, resultando em movimento.

⁷ Seguem-se alguns símbolos complementares: ↓ : de onde parte a força. • : tendência ao repouso. > : tendência ao movimento.

Já as microconstruções causativas formadas pelo verbo “deixar” se distanciam dessa dinâmica de forças típica da causação, já que o antagonista, ao invés de entrar na ordem de colisão com o agonista, entra ou sai desse estado de impedimento. A figura seguinte ilustra essa distinção:

Figura 5 – Dinâmica de forças das microconstruções causativas encabeçadas pelo verbo *deixar*



Fonte: Soares da Silva (2004, p. 586).

Como mostra a figura, no caso das microconstruções causativas com o verbo “deixar”, o antagonista aparece acima do agonista, ou seja, ele não está mais no campo de colisão com a outra entidade. Ele se abstém de exercer uma força contrária, podendo haver: 1) não impedimento (ausência de barreira), 2) cessação de impedimento (eliminação da barreira) e 3) permissão. No primeiro caso, a atitude do agonista é passiva; nos outros dois, é ativa. Algumas microconstruções causativas com o verbo *deixar* encontradas nos *corpora* são transcritas a seguir:

(6) Tu pega o ovo. É...quebra ele, quebra casca dele, coloco a parte de dentro na-na panela. Aí depois quando... aí *deixa fritar*, depois vai virando ele. Dá-dá pra fazer de [dois-] de dois jeito. O ovo mole e ovo duro. E... eu gosto mais do ovo mole. (PEUL, ROM, M, 14)

(7) Os cães estavam presos no quarto. Latiam muito. *A vizinha deixou eles saírem*. (CNS).

(8) É um filme de um bando de adolescentes... minha mãe disse que era até pra min vê bastante o filme. Aí ela falou que quando eu quero olhá, *ela deixa eu vê* pra depois não acontecê (falando rindo) nada disso comigo, que ela disse. (PEUL, ROB, F, 14).

Em (6), o falante ensina ao entrevistador como preparar ovo frito. Na microconstrução causativa “*deixa fritar*”, há uma atitude passiva do antagonista. O ovo, por estar na panela, está em tendência à ação de fritar; cabe ao antagonista apenas esperar que o ovo seja frito. Assim, essa microconstrução se enquadra na representação da dinâmica de forças do “deixar” passivo (lado direito da figura).

Em (7), observa-se que o agonista (“os cães”) está em tendência ao movimento e o antagonista (“a vizinha”) não se opõe a essa força. A mulher age no sentido de possibilitar que essa tendência de ação do agonista se concretize. Como a entidade antagonista tem uma atitude ativa, essa microconstrução se enquadra no modelo de dinâmica de forças de “deixar” ativo (lado esquerdo da figura).

Por fim, em (8), a microconstrução causativa “*ela deixa eu vê*” aparece em um contexto de permissão. A falante narra que, quando ela quer assistir a determinado filme, a mãe a permite. Nesse caso, o agonista (“eu”) está em tendência à ação de ver e o antagonista (“a mãe”) não desenvolve uma força contrária a ela. A mãe age, ativamente, permitindo a filha assistir ao filme. Dada a atitude ativa do antagonista, essa microconstrução se enquadra também no modelo de dinâmica de forças de “deixar” ativo (lado esquerdo da figura).

Apresentadas algumas noções gerais da proposta da Teoria da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000; SOARES DA SILVA, 2004), abordamos, no próximo capítulo, a Gramática de Construções, amplamente adotada nos estudos da LFCU.

1.3 A Gramática de Construções

Por meio da expressão “Gramática de Construções”, faz-se alusão a um conjunto de teorias que defendem a construção como a unidade básica de análise linguística e que começaram a desenvolver-se, com maior representatividade, a partir da década de 1980, com Fillmore et al (1988) e Langacker (1987). Atualmente a proposta tem sido trabalhada principalmente por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013).

A importância da Gramática de Construções (GC) deve-se, sobretudo, à ruptura que ela estabelece com os princípios composicionais que permearam os estudos da linguagem por séculos. Desde a Lógica Clássica, fundada por Aristóteles, muito se discutiu sobre que tipo de relação existe entre o todo e suas partes. Na lógica moderna, em *Sobre o sentido e a referência*, Frege (2009 [1892]) apresenta o problema da igualdade como relação de identidade e, ao final, propõe a distinção entre sentido e referência como solução para o enigma. O problema da composicionalidade (a ideia de que o sentido do todo é dado pela soma do sentido das partes) aparece entremeadado na obra e, em razão disso, comumente se atribui a ele a enunciação desse princípio, embora, de acordo com Pelletier (2001), ele não o tenha defendido com tanta explicitude.

A tese de que o sentido do todo é dado pela concatenação do sentido das partes, segundo Giarolo (2011), também foi amplamente defendida por outros filósofos lógicos, tais como Wittgenstein (em sua primeira fase, por volta de 1920). Tal pensamento transpassou as fronteiras da Lógica e se estabeleceu também no âmbito da Linguística.

Principalmente na segunda metade do século XIX, todavia, a ideia da composicionalidade linguística, passou a ser questionada. Nessa época, vários pesquisadores, sobretudo de orientação cognitivista, demonstraram grande interesse em analisar, mais a fundo, as expressões idiomáticas. A primeira obra que se destaca na trajetória do surgimento da GC é *Syntactic Amalgams*, de George Lakoff, publicado em 1974. Segundo Pinheiro e Alonso (2018), o texto apresenta uma solução gerativista pouco ortodoxa aos amálgamas sintáticos (um tipo de sentença complexa formada a partir de sentenças independentes). Com relação à estruturação argumentativa do texto, Lakoff, ao início, descreve vários casos de amalgamação sintática e defende a necessidade de formulação de uma regra para explicação desse tipo de fenômeno; ao final, deixa transparecer a possibilidade de a regra ser estendida a fenômenos mais ordinários, como a relativização e a complementação. Tal sugestão pode ser observada no seguinte excerto:

Até agora, estamos olhando os fatos de modo conservador e nos perguntando que evidências existem em favor das regras de amalgamação — em que casos elas são absolutamente necessárias? Mas, agora que sabemos que algumas são necessárias, é possível fazer uma pergunta diferente: existem outras construções que poderiam ser descritas por meio de regras de amalgamação? (LAKOFF, 1974, p. 343 apud PINHEIRO; ALONSO, 2018).

Pouco tempo depois, no artigo *Innocence: a second idealization for linguistics*, de 1979, Fillmore problematiza algumas expressões linguísticas cujos sentidos são incalculáveis a partir da tentativa de decompô-las sintática e semanticamente. O autor, então, chega à conclusão de que nelas o significado, de fato, não é obtido por meio da concatenação do sentido das partes, mas é socialmente convencionado e cognitivamente motivado, podendo ser mais próximo (maior composicionalidade) ou mais distante da soma do sentido das partes (maior opacidade).

A ideia de composicionalidade, segundo Fillmore (1979), seria uma espécie de idealização linguística. É como se houvesse um léxico, uma única maneira de caracterização das estruturas gramaticais e um conjunto de papéis de integração semântica, que se articulam harmoniosamente na produção dos sentidos. Esse modelo não é embaraçado pela ambiguidade, homonímia, sinonímia ou vagueza e está longe de atender às necessidades comunicativas na interação.

Ao mesmo tempo da publicação de Fillmore, é lançado um outro artigo de Lakoff intitulado *Linguistic Gestalts*, de 1977, que é um marco não só no surgimento da Linguística Cognitiva, mas também da Gramática de Construções. No texto, o autor afirma que a língua seria composta por “padrões estruturais abstratos que apresentam significado próprio, independentemente das palavras que os preenchem” (PINHEIRO; ALONSO, 2018). Segundo Salomão (2002), a obra sugere que as expressões idiomáticas consistem numa potencialização dos padrões linguísticos lexicalmente abertos, mas sua configuração (passiva, causativa ou existencial) já contribuiria semanticamente para a interpretação da sentença. A partir dessas reflexões, passa-se a pensar na gramática como um repertório de construções em rede vinculadas por herança (SALOMÃO, 2002).

Outra publicação que se destaca no esteio do surgimento da GC é o artigo de Kay (1984), divulgado nos anais do *10th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, em que são discutidos os usos de *kind of*, *kinda*, *sort of* e *sorta* e mostradas as falhas produzidas pela separação rígida entre léxico, sintaxe e pragmática na análise desses elementos. Ao final do texto, na seção intitulada *Grammatical constructions*, o autor introduz a importância de se pensar num modo de explicação dos fatos linguísticos que tome como unidade básica de análise a construção, que reuniria “informação lexical, sintática, semântica e pragmática⁸” (KAY, 1984, p. 167).

No ano seguinte, Fillmore (1985) publica o artigo intitulado *Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction*. Seguindo a mesma estratégia argumentativa indutiva de Lakoff e Kay, como apontam Pinheiro e Alonso (2018), Fillmore (1985) analisa algumas expressões exóticas com o *have* contrafactual (ex: “If you had’ve eaten it, you would have died”) e certas interjeições “invasoras” do tipo “the hell”, “the devil” em sentenças como “What the heck did you see?”. Ao final, também apresenta uma seção intitulada *Grammatical Constructions*, em que defende a necessidade de a noção de construção, que é essencial para analisar expressões periféricas, ser adotada, por extensão, na análise todos os fenômenos linguísticos (inclusive os dotados de maior composicionalidade e regularidade), não havendo, assim, descontinuidade entre a gramática periférica e a gramática nuclear⁹.

Na mesma linha argumentativa, é publicado o artigo *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions* (FILLMORE et al, 1988), que ficou amplamente conhecido na

⁸ “[...] syntactic and semantic information but lack lexical and pragmatic information.” (KAY, 1984, p.167).

⁹ No texto, Fillmore (1985, p. 84) entende como pertencentes a gramática nuclear (*core grammar*) as estruturas linguísticas dotadas de maior regularidade e composicionalidade; já à gramática periférica pertenceriam as construções que fogem aos padrões de regularidade e previsibilidade e que seriam pelo autor consideradas “exóticas”.

comunidade científica por apresentar um estudo exaustivo de *let alone*. Os autores partem da análise de casos particulares da referida construção e constataam a necessidade de aplicação da ideia construção; ao final, concluem pela defesa do espraiamento dessa noção a outros fenômenos regulares da língua.

Naquele momento, segundo Pinheiro e Alonso (1985), havia, nos textos de Kay (1984), Fillmore (1985) e Fillmore et al (1988), o reconhecimento da necessidade de adoção do conceito de construção para formulação de uma teoria gramatical, todavia nenhum deles esboçava qualquer teoria construcional consistente. Ademais, apesar de ser defendida a aplicação da ideia de construção a estruturas com maior regularidade, os autores não apresentaram, até então, qualquer análise que materializasse essa possibilidade.

É, porém, no artigo *The mechanisms of “Construction Grammar”* que, conforme Pinheiro e Alonso (2018), se vislumbram os primeiros passos em direção à elaboração de um novo modelo teórico. A teoria proposta considerava a construção como a unidade básica de análise e se assentava sobre três princípios:

princípios de unificação (que regem a compatibilidade dos itens concretos entre si e com as construções abstratas que eles instanciam), princípios de herança (por meio dos quais as construções podem compartilhar traços gramaticais) e princípios de verificação da presença de elementos obrigatórios (que regulam a possibilidade de omissão de complementos). (PINHEIRO; ALONSO, 2018, p. 10-11).

É nesse contexto, então, que surge a Gramática de Construções, em que a construção é vista como a unidade básica de análise linguística. Uma das definições mais correntes é a de Goldberg (1995), segundo a qual a construção é concebida como um pareamento entre forma e significado cujo sentido não é predizível de suas partes. Considerando-se os trabalhos realizados na Gramática de Construções, o termo “significado” (FURTADO DA CUNHA et al, 2016), não é utilizado apenas com referência a aspectos semânticos, mas também abrange questões pragmáticas e discursivo-funcionais. Observa-se que os autores desse campo teórico utilizam ora o termo pareamento “forma-sentido”, ora “forma-função”, indistintamente.

Uma noção central nos estudos construcionais é a noção de rede. De acordo com Hudson (2007a apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a linguagem é uma rede conceitual, na medida em que é um sistema de entidades conectadas cognitivamente. Para o autor, a noção de rede, de certo modo, se aproxima da concepção saussureana de língua como um sistema de termos interdependentes, no qual o valor de cada termo resulta unicamente da presença simultânea dos outros. Ressalta-se, no entanto, que as redes construcionais não se

restringem ao léxico. Ademais, elas são dinâmicas, uma vez que novos nós e ramificações surgem em fluxo contínuo, em razão das influências do uso.

Com relação à caracterização das construções, adotamos a proposta de Traugott e Trousdale (2013), que apresentam três dimensões em que uma construção pode ser classificada: tamanho, especificidade fonológica e conteúdo, tal como se observa a seguir:

Quadro 1 - Dimensões das construções

Classificação das construções			
Tamanho	Atômica red, -s	Complexa pull strings, on top of	Intermediária bonfire
Especificidade	Substantiva dropout	Esquemática N, subject-auxiliary inversion	Intermediária V-ment
Conteúdo	Conteudista red, N	Procedural -s, subject-auxiliary inversion	Intermediária way-construction

Fonte: Elaboração própria com base em Traugott e Trousdale (2013).

Quanto ao tamanho, as construções podem ser monomorfêmicas (atômicas), como é o caso de um substantivo (*red*) ou um morfema (-s), ou podem ser compostas por mais de uma unidade (complexas), como é o caso de *pull strings* e *on top of*. Podem, ainda, ser consideradas intermediárias, que geralmente são aquelas formadas por composição, como é o caso de *bonfire*.

Já a especificidade é uma dimensão que diz respeito ao material fonológico das construções e existe como resultado do preenchimento dos *slots* esquemáticos. Os *slots* são posições em aberto a serem preenchidas em determinada construção. Quando todos os elementos da construção são especificados, sem *slots* (ou casas abertas), há uma construção substantiva, como é o caso de *dropout*. É o que ocorre também, no português brasileiro, com as microconstruções *daí que* (ARENA, 2015) e *um belo dia* (SILVA, 2017). Em oposição, quando nenhum elemento está especificado e só há casas abertas, estamos diante de uma construção esquemática, que, por ser mais geral, é altamente abstrata. É o que ocorre com a desinência de plural “-s”, cujo esquema, tanto em inglês quanto em português, pode ser preenchido à esquerda, por exemplo, por substantivos, como acontece em *cars* (*car* + -s), *tables* (*table* + -s), *carros* (*carro* + -s) e *mesas* (*mesa* + -s). No português, ainda há a

possibilidade de preenchimento desse esquema pela classe dos adjetivos (ex.: *bonitos = bonito + -s*), fato que não ocorre no inglês, já que, nesse caso, os adjetivos não se flexionam no plural. Esse é o caso da estrutura argumental [SUBJ V OBJ1 OBJ2], que pode ser preenchida de diversas maneiras, como *I gave John a cake, I baked John a cake*. Em português, esse esquema também pode ser preenchido de várias formas, como *Pedro entregou o presente a João, A filha fez um bolo para a mãe* etc. Quando a construção está parcialmente preenchida, ou seja, apresenta parte fixa e parte variável (*slots*), considera-se uma construção intermediária, como é o caso de “-mente”, que tem uma parte variável, que admite a inserção de adjetivos, e outra fixa.

Já com relação à dimensão de conteúdo, uma das possibilidades é a caracterização das construções como de conteúdo, que são aquelas que expressam noções [+] concretas e, assim, estão mais próximas do léxico, como é o caso da construção “café”, que nomeia uma entidade no mundo. Caso a construção seja esvaziada de sentido lexical e desempenhe funções no nível mais gramatical, ela já é considerada uma construção procedural, como é o caso de “para”, “de” e “-s” (morfema de plural). Caso a construção esteja em transição, apresentando, ao mesmo tempo, propriedades conteudistas e função procedural, ela pode ser classificada como intermediária, como é o caso do verbo “dever”, que tanto apresenta conteúdo lexical quanto funções gramaticais, como o de verbo auxiliar modal, por exemplo.

Deixamos claro que as dimensões e categorias de classificação das construções apresentadas por Traugott e Trousdale (2013) não vislumbram o enquadramento rígido numa categoria ou em outra. Continuam vigentes, na proposta, os postulados funcionalistas de *continuum*, gradualidade e fluidez categorial (GONÇALVES et al, 2007).

Associados a essas dimensões, Traugott e Trousdale (2013) apresentam os conceitos de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, que são frequentemente discutidos na literatura da GC.

A *esquematicidade* diz respeito à propriedade de as construções instanciarem os padrões mais abstratos e gerais de um conjunto de construções específicas sejam procedurais, sejam de conteúdo. No nível nocional, por exemplo, o substantivo “moradia” consistiria num esquema geral que compreende as categorias “casa”, “apartamento” etc. No nível estrutural, o encadeamento [SVO] corresponde a uma ordem esquemática, no qual se encaixam várias sentenças, como “eu assei o bolo”, “a moça comprou os vestidos”, “o cachorro rasgou a cortina” etc. O esquema é, portanto, uma instância categorial mais ampla que reúne os elementos presentes em determinado conjunto de categorias.

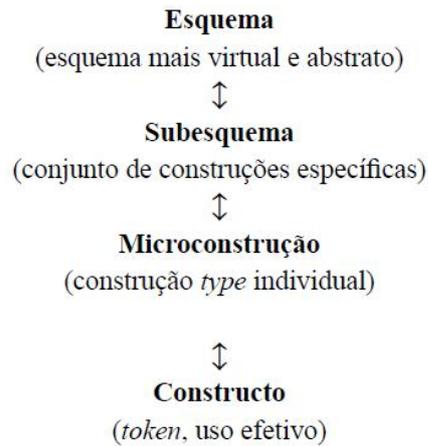
A *produtividade*, na visão de Traugott e Troudale (2013), está relacionada com a capacidade dos esquemas de instanciarem construções menos esquemáticas e com o grau de restrição desses esquemas. O encadeamento [SVO], por instanciar várias construções, por exemplo, é considerado altamente produtivo. A produtividade também está ligada diretamente ao aumento das frequências *type* e *token*, as quais consistem, respectivamente, na quantidade de possibilidades de preenchimento de um padrão abstrato e na quantidade de usos de um mesmo construto em determinado *corpus*.

A *composicionalidade* corresponde ao grau de transparência entre forma e sentido numa construção. Quanto mais o sentido das partes se aproxima ao sentido do todo da construção, maior a composicionalidade. As construções idiomáticas, a título de exemplo, tendem a uma composicionalidade mais baixa, já que o sentido delas não é resultante da concatenação do sentido das partes. É o que ocorre em “bater as botas”, cujo sentido não é dado pela soma dos sentidos do verbo “bater” e o de “botas”, mas pela convencionalização sociocognitiva entre forma-função, cujo sentido é o de “morrer”.

Uma ideia importante na GC que assumimos nesta pesquisa é a de que as construções estão configuradas em uma hierarquia radial formada por esquemas > subesquemas > microconstruções. Os esquemas consistem na instância mais geral e abstrata resultante do processo de construcionalização e não são fonologicamente especificados. Já os subesquemas, conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 17), são parcialmente especificados quanto à fonologia, ou seja, há uma parte fixa e outra variável. Na base da hierarquia, há as microconstruções, que são, em sua totalidade, fonologicamente especificadas.

Conquanto alguns pesquisadores adotem o termo “microconstrução” como sinônimo de “construto”, entendemos, nesta pesquisa, que a microconstrução, embora seja fonologicamente especificada e não tenha casas abertas/*slots*, ainda não faz referência ao uso efetivo da língua. Assumimos que é o construto “o dado linguístico empiricamente constatado, a partir do qual são propostos ou formulados os demais níveis acima” (RIOS DE OLIVEIRA, 2013, p. 155). Assim, conforme a esquematização proposta por Rios de Oliveira (2013, 2015), defendemos a necessidade de inclusão, na rede hierárquica construcional, da categoria dos construtos:

Figura 7 - Hierarquia construcional reformulada



Fonte: Rios de Oliveira (2015, p. 25).

No nível semântico, as construções também se organizam hierarquicamente, de acordo com as especificidades de sentido. Na figura a seguir, há o esquema quantificador (mais amplo, genérico e abstrato), que se subdivide nos subesquemas de “grande quantidade” (que dá origem às microconstruções “muito” e “grande quantidade de”) e de “pequena quantidade” (que dá origem às microconstruções “pouco” e “um pouco de”):

Figura 6 – Relações hierárquicas entre as construções



Fonte: Elaboração com base em Traugott e Trousdale (2013, p. 17).

Conquanto haja várias ramificações nos estudos construcionais, destacamos aqui algumas ideias partilhadas entre os vários autores da área, conforme mencionam Traugott e Trousdale (2013):

I – A unidade básica é a construção, que é um pareamento convencional entre forma e função;

II – O mapeamento da estrutura semântica é feito diretamente na superfície da estrutura sintática, sem derivações;

III – Língua, como outros sistemas cognitivos, é vista como uma rede de nós e ligações entre nós, formando, em alguns casos, hierarquias de herança;

IV – A variação translinguística pode ser observada de várias formas, incluindo processos cognitivos de domínio geral e construções específicas;

V – A estrutura da língua é moldada pelo uso.

Na trajetória dos estudos desenvolvidos na GC, destacamos o artigo de Goldberg (1998) intitulado *Patterns of experience in patterns of language*. No texto, a autora problematiza uma questão que até então era relativamente pacífica nos estudos funcionalistas: a ideia de que a forma e o significado de uma sentença são determinados pelo verbo principal. A ideia do verbo como centro lógico-semântico que “abre” casas argumentais é ainda muito forte nos estudos funcionalistas, sobretudo no europeu, influenciado pela teoria de valências. Nessa perspectiva, há, segundo Casseb-Galvão (2008, p. 6), a “postulação de uma centralidade do verbo, ou seja, o reconhecimento do verbo como o nó central que organiza a frase, vista como um conjunto de conexões configuradas em termos de dependência e hierarquia”.

Na obra em questão, Goldberg (1998) analisa a sentença “Pat assou um bolo para Chris¹⁰”, considerando o contexto em que Chris havia pedido que Pat assasse um bolo. Há, nesse caso, uma perceptível relação de transferência, no entanto, questiona a autora, de onde ela vem? Percebe-se que essa noção não é necessariamente parte do sentido de “assar”. Uma possibilidade de explicação seria a consideração de que o sentido de “X causar Y a receber Z” está atribuído diretamente ao padrão formal “Suj V Obj Obj2”. Nesse caso, o padrão de experiência influencia na construção da sentença, ampliando as casas argumentais abertas pelo verbo “assar” (geralmente biargumental ou de valência¹¹ 2), com a introdução de uma terceira entidade. Com isso, a autora reforça a necessidade de se considerar o padrão construcional, e não apenas o verbo, na análise da estrutura predicativa das sentenças.

A partir dessas reflexões, Goldberg (1995, 1998) propõe a noção de construção de estrutura argumental, a qual consiste em um tipo de pareamento forma-função que reflete

¹⁰ Tradução nossa. Texto original: “Pat baked a cake for Chris” (GOLDBERG, 1998, p. 204).

¹¹ A noção de valência, conforme Casseb-Galvão (2008), diz respeito à capacidade de um elemento (predicador) selecionar argumentos. Quando um verbo seleciona dois argumentos, diz-se que ele é bivalente ou que apresenta valência 2. Para fins de exemplificação, analisemos o verbo “cortar” em “A cozinheira cortou o bolo”. O verbo “cortar” seleciona alguém que pratique a ação (agente) e um elemento que seja objeto dessa ação (afetado), ou seja, dois argumentos, o que caracteriza o verbo como biargumental ou de valência 2.

padrões de experiência humana. A proposta é a de que, associada a determinada estrutura argumental, há um sentido com base numa associação entre sintaxe e semântica. A autora desenvolve uma série de análises para verificação dos padrões de experiência associados às construções de estrutura argumental, como X causa Y a receber Z (construção de objeto duplo), X causa Y a mover-se para Z (construção de movimento causado), X causa Y a tornar-se Z (construção resultativa), X move para Y (movimento intransitivo), X age em Y (construção transitiva) e X possui Y (construção possessiva). Esses padrões de experiência e suas respectivas associações argumentais podem ser observados na seguinte figura:

Figura 8 – Construções de estrutura argumental no inglês

<i>Construction/Example</i>	<i>Meaning</i>	<i>Form</i>
1. Double Object Pat faxed Bill the letter.	X causes Y to receive Z	Subj V Obj Obj2
2. Caused-Motion Pat sneezed the foam off the cappuccino.	X causes Y to move Z	Subj V Obj Obl
3. Resultative She kissed him unconscious.	X causes Y to become Z	Subj V Obj XCOMP
4. Intr. motion The fly buzzed into the room.	X moves Y	Subj V Obl
5. Transitive Pat cubed the meat.	X acts on Y	Subj V Obj
6. Possessive Sam landed/secured a good job.	X acquires/possesses Y	Subj V Obj

Fonte: Goldberg (1998, p. 206).

Em português, a sentença “Maria enviou uma carta a Paulo”, por exemplo, enquadra-se na construção de objeto duplo, já que apresenta o sentido de X levar Y a receber Z (ou seja, Maria leva Paulo a receber uma carta) e atende à forma Suj V Obj Obj2. Já a sentença “Maria colocou os pratos na mesa” apresenta o sentido de X move Y para Z (ou seja, Maria moveu os pratos para mesa) e atende à forma Subj V Obj Obl¹². Em razão disso, a sentença se enquadra na construção de movimento causado.

Em “Ela pintou a casa de rosa”, cuja estrutura é Suj V Obj XCOMP¹³, o sentido é o de que X (“Ela”) leva Y (“a casa”) a tornar-se Z (“rosa”), o que a faz, no modelo de Goldberg (1998), enquadrar-se na categoria das construções resultativas. Já em “O pássaro voou para dentro da gaiola”, o sentido é o de que X (“pássaro”) moveu-se para Z (“gaiola”). Ademais, a

¹² No caso, “Obl” significa objeto oblíquo, que, no contexto dos estudos linguísticos, consiste em um argumento não selecionado pelo verbo, mas que participa da composição do sentido da sentença. Entram nessa categoria, segundo Kato (1998), os locativos, instrumentais e benefactivos (beneficiários).

¹³ Na proposta de Goldberg (1995), a microconstrução resultativa prototípica é transitiva direta e apresenta, geralmente, sujeito, verbo, objeto e um elemento caracterizador do objeto (geralmente um adjetivo), que aponta para o resultado da ação do sujeito.

sentença se enquadra na forma Suj V Obl. Esse sentido associado à estrutura sintática descrita leva, com base na Figura 7, a sentença a ser considerada como construção de movimento intransitivo.

Ademais, com base em Goldberg (1998), a sentença “A vendedora cortou o bolo” é considerada construção transitiva, já que expressa a ideia de que X (“A vendedora”) agiu em Y (“o bolo”) e tem a forma Suj V Obj. Por fim, em “Paulo conseguiu um bom emprego”, cuja estrutura também é Suj V Obj, o sentido é o de que X (“Paulo”) possui Y (“um bom emprego”) e a sentença se enquadra na categoria das construções possessivas.

Embora a noção de construção de estrutura argumental tenha trazido importantes contribuições para se pensar a estruturação das predicções na língua, modernamente os autores da Gramática de Construções têm se voltado à análise de fenômenos de variação e mudança linguística. Traugott, que, na perspectiva do Funcionalismo Clássico, desenvolveu estudos de referência sobre processos de mudança linguística, principalmente sobre a gramaticalização, elaborou uma nova proposta para repensar esse fenômeno, considerando-se a noção de construção. A GC, de acordo com Rios de Oliveira (2012), oferece subsídios significativos para o tratamento da gramaticalização, já que ela não focaliza a distinção entre léxico e gramática e entende esse processo como resultado de padrões construcionais ritualizados que ganharam um novo significado a partir da sua formação.

Um fato que impulsionou a abordagem da gramaticalização na arquitetura da GC foi a constatação da relação entre a alta frequência de um item na língua e o empacotamento cognitivo. Percebeu-se que sequências repetidas de palavras (ou morfemas), segundo Bybee (2010, p. 7), são empacotadas juntas na cognição, de modo que toda a sequência pode ser acessada como um bloco. Nesse sentido, mudanças que ocorrem numa forma em processo de gramaticalização se assemelham a mudanças que acontecem com habilidades não linguísticas, que também estão sujeitas à automação (BOYLAND, 1996 apud BYBEE, 2003).

1.3.1 A mudança linguística na Gramática de Construções

No livro *Constructionalization and Constructional Changes*, Traugott e Trousdale (2013) propõem a distinção entre mudança construcional e construcionalização. A primeira, de acordo com os autores, consiste numa mudança que afeta características específicas de uma construção, como, por exemplo, aspectos semânticos, morfofonológicos ou de colocação. Nesse caso, apenas um dos subcomponentes da construção passa por alteração: ou a forma (aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos), ou o sentido (aspectos semânticos,

discursivos e pragmáticos). As mudanças construcionais não necessariamente levam à formação de um novo par forma-função, ou seja, não surge um novo nó na rede construcional. Traugott e Trousdale (2013) enquadram a gramaticalização (desenvolvimento de itens procedurais) e a lexicalização (desenvolvimento de itens lexicais) numa categoria maior denominada construcionalização.

Um exemplo de mudança construcional é o que ocorre em “Medi o meu peso hoje”, em comparação com “Senti um peso na consciência”. Note-se que o verbo passa de um sentido [+] concreto para um [+] abstrato, mas essa dessemantização não está associada a uma mudança na forma. Outro exemplo é a redução de “você” para “cê”, por exemplo, em que só há mudança no material fonológico (forma). Nesse último caso, como não há mudanças na função/sentido, também não se pode falar em construcionalização. Em ambos os casos, há, portanto, processos de mudança construcional.

Já a construcionalização, conforme Traugott e Trousdale (2013), consiste numa nova forma associada a um novo significado/função, que, ao serem convencionalizados, passam a constituir um novo nó na rede construcional. Esse processo, no entanto, é gradual, como destacam Traugott e Trousdale (2013):

Ele forma novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual¹⁴. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21-22).

É no campo da construcionalização que entram os estudos de gramaticalização (desenvolvimento de itens procedurais) e lexicalização (desenvolvimento de itens lexicais, de conteúdo). Traugott (2014) ressalta, todavia, que a construcionalização vai além desses mecanismos em dois aspectos. O primeiro é que forma e significado devem ser considerados igualmente. Na gramaticalização, como aponta a autora, tem-se pensado fundamentalmente em termos de significado e estrutura conceitual (por exemplo, o trabalho de Brend Heine) ou de forma (por exemplo, o trabalho de Christian Lehmann). Na construcionalização, tanto forma quanto função devem passar por mudança para se afirmar a existência de uma nova construção.

¹⁴ Tradução nossa. Texto original: “It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual”. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21-22).

O outro aspecto que em que a construcionalização vai além da gramaticalização e da lexicalização, segundo Traugott (2014), é a possibilidade de as mudanças serem pensadas não só em relação a elementos específicos, mas também em função dos esquemas abstratos aos quais eles se associam. Além disso, na perspectiva da construcionalização, é possível estudar, por exemplo, não só o processo de formação da microconstrução *um belo dia* (SILVA, 2017), mas também o seu funcionamento numa rede esquemática mais ampla de introdutores de clímax da narrativa, como *de repente, quando dei fé, quando dei por mim*.

Pontuamos também que, na construcionalização, a consideração de aspectos cognitivos possibilita a configuração de um novo olhar para o fenômeno, que, no Funcionalismo Clássico, se preocupava com a verificação de mudanças na forma e na função discursivo-pragmática, ficando, em segundo plano, os aspectos cognitivos motivadores da mudança. Deixa-se claro que não havia uma negação desses aspectos; alguns deles, inclusive, eram muito estudados, como a analogia. Na visão construcional, no entanto, a cognição ganha um papel mais representativo, interessando a verificação de como a língua instancia, numa estrutura radial, os padrões da experiência humana.

Numa perspectiva construcional, o trabalho de Barros (2016), por exemplo, traz importantes contribuições para se pensar a mudança na perceptualização dos eventos reflexivos na fala goiana. A autora verifica que, nessa variedade do português, a não marcação pronominal na voz reflexiva configura-se como um processo de construcionalização, na medida em que, além da mudança na forma (ausência do pronome reflexivo), há também mudanças no sentido, já que o sujeito passa de agente (voz reflexiva prototípica) para experienciado. Nesse caso, a mudança na língua materializa uma mudança de perceptualização dos eventos no mundo.

Com relação às contribuições que a noção de construcionalização agrega ao tratamento dos fenômenos de mudança linguística, Traugott (2014) pontua:

No trabalho com construcionalização, a habilidade para ver como os esquemas e microconstruções são criados ou crescem e decaem, assim como a habilidade de acompanhar o desenvolvimento de padrões a níveis substantivos e esquemáticos permitem ao pesquisador ver como cada microconstrução tem sua própria história dentro das restrições de padrões mais amplos (de maneira mais imediata, esquemas; mas também outros nós da rede relacionados). (TRAUGOTT, 2014, p. 103).

Além disso, outro postulado que assumimos aqui é a noção de gradualidade na construcionalização, ou seja, ela não é abrupta e isso se deve sobretudo ao fato de ela ser resultante de uma série de micropassos da mudança construcional. Na verificação dos estágios de mudança, uma proposta bastante recorrente nos estudos da GC é a de Diewald (2002,

2006). Uma nova função gramatical, segundo a autora, não surge homogeneamente em todos os usos de um item, “mas na sua origem está ligada a contextos linguísticos específicos ou construções” (DIEWALD, 2002, p.1). A autora propõe três etapas sucessivas no desenvolvimento diacrônico de funções gramaticais e três tipos diferentes de contextos aos quais elas se associam. Descrevemos, a seguir, cada um desses contextos, iniciando pela apresentação do contexto típico (que é anterior à mudança).

I – Contexto típico: é o contexto de uso da construção antes do processo de mudança. Geralmente, a construção tem componentes mais conteudistas e, portanto, com sentido [+] concreto, aproximando-se mais do léxico;

II – Contexto atípico: é o primeiro contexto em que se observa o início da mudança. Nesse estágio, as pré-condições para a gramaticalização se desenvolvem. Há uma expansão inespecífica da distribuição da construção em questão para outros contextos em que ela não havia sido usada antes. Segundo Diewald (2002), o novo significado, que será gramaticalizado no desenvolvimento posterior, pode surgir como uma implicatura conversacional. Ressalta-se que contextos atípicos podem persistir após a gramaticalização ter ocorrido;

III – Contexto crítico: é o estágio que marca o desencadeamento real do processo de gramaticalização. Caracteriza-se por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas, sugerindo várias interpretações, inclusive o significado gramatical;

IV – Contexto de isolamento: é o contexto em que se percebe a conclusão ou a consolidação do processo de gramaticalização. Nessa etapa, há um isolamento do novo significado com relação ao significado mais antigo (mais lexical).

Ao final do processo de construcionalização, as construções podem exercer funções não só mais gramaticais, mas também caminhar rumo ao desempenho de papéis no nível discursivo-pragmático, atuando no estabelecimento da intersubjetividade, conceito que abordamos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

RELAÇÕES DE INTERSUBJETIVIDADE

Neste capítulo, apresentamos, no âmbito da Linguística, alguns conceitos que dizem respeito à relação locutor-interlocutor: primeiramente, abordaremos a proposta de Traugott e Dasher (2004) e Traugott (2010) e, posteriormente, detalharemos a noção de polidez linguística, proposta por Brown e Levinson (1987).

2.1 A noção de intersubjetividade

No percurso investigativo da Linguística, os primeiros estudos sobre (inter)subjetividade que ganharam mais destaque foram os de Benveniste, que levou em consideração os trabalhos de Michel Bréal, os quais, conforme aponta Werner (2006), teriam funcionado como inspiração para os estudos benvenistianos dos pronomes e pessoas verbais.

Em *Da subjetividade na linguagem*, publicado originalmente em 1958, Benveniste (1991) desenvolve uma teoria sobre o sujeito, concebendo-o como um ser essencialmente linguístico. O autor defende que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego” (BENVENISTE, 1991, p. 28). Nesse sentido, a constituição da subjetividade depende da linguagem.

Na visão de Benveniste (1991), para se tornar sujeito, é necessário também a consideração do interlocutor, uma vez que ele só existe a partir da relação dialógica estabelecida com o outro. Ao enunciar algo, o sujeito pressupõe necessariamente um interlocutor (real ou imaginário). Assim, segundo o autor, “É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1991, p. 287).

No âmbito da Gramática de Construções, as investigações da (inter)subjetividade linguística são desenvolvidas principalmente a partir de Traugott e Dasher (2004) e Traugott (2010), que expressamente citam os estudos de Benveniste e deles partem para o desenvolvimento de uma abordagem construcional da intersubjetividade. Esses autores também levam em consideração, explicitamente em suas obras, a noção de polidez linguística proposta por Brown e Levinson (1987).

Embora a linguagem seja, em sua base, essencialmente intersubjetiva, já que se estabelece na relação eu-tu, como defende Benveniste, é necessário reconhecer, segundo Traugott (2010), a diferença entre elementos da língua que atuam no nível subjetivo, como “possivelmente”, “mesmo” (marcadores de avaliação do falante com relação ao dito) e os que atuam no nível intersubjetivo, como “por favor” (um marcador do reconhecimento e atenção do falante ao destinatário). Deixamos claro que, para os autores, essas duas categorias não estão rigidamente separadas, mas em um *continuum*, apresentando traços de [+] ou [-] (inter)subjetividade.

Embora haja várias possibilidades de expressão da (inter)subjetividade, como gestos e entonação, Traugott e Dasher (2004) interessam-se especificamente pelo modo como ela se manifesta linguisticamente. Apresentam, então, uma caracterização básica das marcas linguísticas associadas à subjetividade e à intersubjetividade.

Segundo Traugott e Dasher (2004), as construções que expressam subjetividade geralmente apresentam as seguintes características:

- (i) dêixis espaciais e temporais explícitas;
- (ii) marcadores explícitos da atitude do falante/redator em relação ao que é dito, incluindo atitude epistêmica com relação à proposição;
- (iii) marcadores explícitos da atitude falante/redator com relação ao que precede e o que se segue, ou seja, à estrutura do discurso.

Um exemplo de sentença [+] subjetiva é o que ocorre em “Eu acho que vou levar este produto” (num supermercado). Percebemos, nela, alguns dêiticos, como “eu”, que é dêitico de pessoa e marca a posição do falante, e “este”, que funciona como dêitico espacial, indicando, no caso, que o objeto (“produto”) está próximo falante. Há o uso do verbo “achar” em sentido mais abstratizado, indicando a avaliação do falante em relação ao conteúdo proposicional (“vou levar este produto”). Ademais, a locução verbal “vou levar” tem valor de futuro, o que também revela certo grau de subjetividade, uma vez que se trata de uma projeção, e não de um evento concretizado.

Já a intersubjetividade, entendida como resultante da atenção dada pelo falante à face do ouvinte como participante do evento de fala, apresenta as seguintes características:

- (i) dêixis social explícita,
- (ii) marcadores explícitos da atenção do falante/redator ao interlocutor/leitor, como marcadores de polidez e títulos honoríficos.

Um exemplo de construção intersubjetiva é o que ocorre em “Professor, gostaria que você revisse a minha nota, por favor”. Observa-se que, de início, já há um elemento dêitico social, que, no caso, indica a posição do interlocutor (“Professor”) em relação ao locutor. Além disso, há o uso de “por favor” e de verbo no futuro do pretérito (“gostaria”), que indicam polidez, cortesia, revelando uma atenção dispensada pelo falante ao interlocutor.

Outro exemplo de intersubjetividade é a construção imperativa *let us X* (“permita-nos X”) no inglês. Segundo Traugott e Dasher (2004), essa construção já nasce intersubjetiva desde o começo em virtude da estrutura de argumento: o enunciado tem força ilocucionária; além disso, falante e ouvinte são participantes do evento projetado, uma vez que a construção é imperativa (dirigida a uma segunda pessoa) e se refere à ação projetada pelo falante em relação ao ouvinte. Em “let us pass”, verifica-se uma construção em que o locutor (“us”) dirige-se, de maneira imperativa, diretamente ao interlocutor. Já em “*Let’s take our pills now, Johnny*” (num contexto de fala dirigida a pessoas enfermas ou crianças), observa-se que o verbo muda da segunda para a primeira pessoa, gerando uma atenuação da intenção imperativa. Ao se incluir na ação, o locutor revela uma preocupação com a face do interlocutor, o que se configura essencialmente como uma manifestação de intersubjetividade.

De acordo com Traugott e Dasher (2004), o desenvolvimento diacrônico-semântico de “let” ilustra não apenas o aumento da intersubjetividade, mas também uma mudança dos significados conteudísticos baseados na estrutura de argumento no nível clausal para significados processuais pragmáticos no nível do discurso.

Construções com o uso de primeira e segunda pessoa, por fazerem referência direta aos participantes do discurso “eu” e “tu”, geralmente são intersubjetivas por excelência. Ressaltamos, no entanto, que a intersubjetividade envolve crucialmente a atenção do locutor para o interlocutor como participante do evento de fala, e não do mundo falado. Conseqüentemente, como defendem Traugott e Dasher (2004), a intersubjetividade não é necessariamente uma característica de todas as expressões que fazem referência à segunda pessoa. Na sentença “eu vou levá-lo para a escola¹⁵”, observa-se pouca ou nenhuma atenção por parte do falante/redator em relação à imagem ou outras necessidades do outro como interlocutor no evento de fala.

Destaca-se aqui a distinção entre subjetividade e subjetificação (ou subjetivação) e entre intersubjetividade e intersubjetificação (ou intersubjetivação). Como defendem Traugott e Dasher (2004), o sufixo {-idade} indica um fenômeno sincrônico, enquanto o sufixo {-ção}

¹⁵ Tradução nossa. Texto original: “*I will take you to school*” (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 22).

aponta para um processo de mudança linguística (diacrônico), ou seja, para a subjetificação e a intersubjetificação acontecerem, deve haver um novo pareamento forma-função. Além disso, longas investigações feitas por Traugott revelaram que toda intersubjetificação pressupõe algum grau de subjetificação.

Ao longo da obra *Regularity in semantic change*, Traugott e Dasher (2004) abordam a mudança semântica de algumas formas linguísticas a partir de trabalhos realizados por vários autores. Primeiramente, é analisado o desenvolvimento diacrônico dos verbos modais *must*, *ought to* (ambos do inglês) e *de* (do chinês) a partir de dados coletados em diferentes períodos da história. Num segundo momento, é apresentado o processo de mudança de alguns advérbios do inglês que passam a desempenhar a função de marcadores discursivos, como *indeed*, *in fact*, *actually*, *well*, *let's*, e também o advérbio japonês *sate*. Na sequência, os autores examinam a mudança semântica de alguns verbos e construções performativas em dados diacrônicos, como *promise* (do inglês), *bao* (do chinês) e *aisatu* (do japonês). Por fim, é analisado o desenvolvimento semântico de alguns dêiticos sociais, como *please* (do inglês) e *saburahu* (do japonês).

Com base na extensa compilação de análises apresentada, Traugott e Dasher (2004) identificam a seguinte tendência de mudança:

Figura 9 – Tendência de mudança semântico-pragmática



Fonte: Elaboração própria com base em Traugott e Dasher (2004, p. 281).

Segundo os autores, os significados são recrutados pelo falante para codificar e regular atitudes e crenças (subjetivação). Uma vez subjetivados, podem ser recrutados para codificar significados centrados no interlocutor (intersubjetivação).

Apresentados os principais conceitos ligados à intersubjetividade, retomamos, na próxima sessão, o conceito de “polidez linguística”, que, como vimos em Traugott e Trousdale (2013), consiste em uma das características das construções intersubjetivas.

2.2 A noção de polidez linguística

No campo de estudos da pragmática, uma das teorias mais conhecidas para abordagem do fenômeno da polidez linguística é a chamada Teoria da Polidez, de Brown e

Levinson (1987). Lançada inicialmente em 1978, com o título *Universals in Language Usage, Politeness Phenomenon*, a teoria sofreu algumas reformulações e foi republicada em 1987, com o título de *Politeness: some universals in language usage*. A obra consistiu na primeira tentativa de uma abordagem sistemática da polidez linguística e se baseou no Princípio da Cooperação, de Grice (1975).

Ao publicar o texto intitulado *Logic and Conversation*, Grice (1975) trouxe grandes contribuições aos estudos dos atos de fala. O autor constata uma incompatibilidade do significado dos termos da lógica formal e a linguagem cotidiana, já que essa última seria dotada de uma série de especificidades próprias do uso. Segundo Grice (1975), a comunicação humana tem como característica a expressão e o reconhecimento de intenções. Ele propõe os conceitos de implicatura convencional (ligada ao conceito convencional das palavras) e implicatura conversacional (ligada ao contexto, às intenções do falante e características gerais do discurso). A ideia central do Princípio da Cooperação é “faça sua contribuição conversacional como é exigida, no momento em que ocorre, de acordo com o propósito ou direção aceita da troca conversacional em que você está envolvido.” (GRICE, 1975, p. 45)¹⁶.

Além disso, Brown e Levinson (1987) inspiram-se nos conceitos de “face” e “território do eu”, propostos por Goffman¹⁷ em 1967, que passam a ser denominados “face positiva” e “face negativa”. Para ele, a face consiste no valor social positivo a que a pessoa aspira, sendo assim “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 2011, p. 14). Já o “território do eu” seria uma espécie de espaço da individualidade, cujas fronteiras são bastante disputadas socialmente.

Brown e Levinson (1987) entendem como face positiva o conjunto de imagens valorizadas de si mesmos que os locutores constroem e sentem a necessidade de transmitir na interação, ou seja, ela expressa a necessidade de ser aceito ou aprovado socialmente. Já a face negativa seria o conjunto de territórios do “eu”, ou seja, a preservação da face está ligada à necessidade que o ser humano tem de não ser impedido em suas ações nem sofrer coerção.

As faces, como apontam Brown e Levinson (1987), são dinâmicas, já que emergem da interação, podendo ser perdidas, mantidas ou aprimoradas (melhoradas). Na interação, está em jogo uma mútua vulnerabilidade das faces, já que normalmente a face de alguém depende de ela ser mantida por todos. Os autores defendem que, embora o conteúdo da face (a delimitação dos territórios pessoais) seja diferente em várias culturas, “o conhecimento mútuo

¹⁶ Tradução nossa. Trecho original: “make your conversational contribution such as required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged.” (GRICE, 1975, p. 45).

¹⁷ Os estudos de Goffman (2011 [1967]) são do campo da sociologia.

da autoimagem pública dos membros ou face e a necessidade de se orientar para interação são universais”¹⁸ (BROWN, LEVINSON, 1987).

Os autores também postulam a noção de *polidez positiva* e *polidez negativa* como formas de reparação diante de situações potencialmente ameaçadoras à *face*. A primeira é orientada para preservação das necessidades da face positiva do interlocutor¹⁹. A reparação consiste em satisfazer parcialmente essas necessidades comunicando que os próprios desejos (ou alguns deles) são, em alguns aspectos, semelhantes aos desejos do destinatário. Ela indica, segundo Brown e Levinson (1987), que o locutor deseja os desejos do interlocutor²⁰, ou seja, que os desejos do interlocutor são desejáveis. Exemplos desse tipo de reparação ocorrem, por exemplo, por meio do uso de elogios (“Que vaso lindo! De onde ele é?”) e marcas de identidade de grupo, como formas de endereçamento (“pai”, “mãe”, “amigo”), marcas dialetais, jargões e elipses.

Ressalta-se que, muitas vezes, esse tipo de polidez é pouco perceptível, já que está na base dos atos de fala. No estabelecimento da interação, pressupõe-se que, de algum modo, quem quer comunicar algo direciona seu dizer, em maior ou menor grau, para chamar a atenção do interlocutor e isso só é conseguido por meio da utilização de recursos para preservar a face positiva dele. Segundo Brown e Levinson (1987), elas são mais notadas quando há algum exagero, como se observa, por exemplo, na atitude de elogiar exageradamente as qualidades do interlocutor ou os objetos que ele possui.

No quadro seguinte, apresentamos as estratégias de polidez positiva propostas por Brown e Levinson (1987):

Quadro 2 – Estratégias de polidez positiva propostas por Brown e Levinson (1987).

Estratégias de polidez positiva	
	<p>1. Perceber o outro. Mostrar-se interessado pelos desejos e necessidades do outro. Exemplo: “You must be hungry, it’s a long time since breakfast. How about some lunch?” Tradução: Você deve estar com fome, faz muito tempo desde o café. Gostaria de almoçar?</p>
	<p>2. Exagerar no interesse, aprovação e simpatia pelo interlocutor. Exemplo: “What a fantastic garden you have!” Tradução: Que</p>

¹⁸ Tradução nossa. Trecho original: “[...] the mutual knowledge of members’ public self-image or face, and the social necessity to orient oneself to it in interaction, are universal.” (BROWN; LEVINSON, 1987, 62).

¹⁹ Os autores utilizam a palavra “destinatário”. Como esse termo sugere certa passividade do indivíduo a quem a fala é dirigida, optamos pela utilização de “interlocutor”, que expressa uma dinamicidade maior, já que, na fluidez da interação, falante e ouvinte se alternam constantemente.

²⁰ No trecho original: “S wants H’s wants” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 70). Os autores utilizam S para se referir ao falante (“speaker”) e H para se referir ao interlocutor/destinatário (“addressee”).

Polidez positiva	jardim fatástico você tem!
	3. Intensificar o interesse pelo interlocutor. Exemplo: “You always do the dishes! I’ll do them this time.” Tradução: Você sempre cozinha! Vou fazer a comida esta vez.
	4. Usar marcas de identidade de grupo. Exemplo: “Come here, mate.” Tradução: Venha aqui, companheiro.
	5. Procurar acordo. Exemplo: “A: I had a flat tire on the way home. B: Oh God, a flat tire!” Tradução: A: Eu tinha um pneu furado no caminho de casa. B: Oh Deus, um pneu furado!
	6. Evitar desacordo. Exemplo: “A: You hate your Mom and Dad. B: Oh, sometimes.” Tradução: A: Você odeia sua mãe e seu pai. B: Oh, às vezes.
	7. Pressupor, declarar pontos em comum. Exemplo: “A: Oh this cut hurts awfully, Mom. B: Yes dear, its hurts terribly, I know.” Tradução: A: Oh, esse corte é horrível, mãe. B: Sim querido, ele dói terrivelmente, eu sei.
	8. Fazer piadas. Exemplo: “OK if tackle those cooks now?” Tradução: Tudo bem se eu atacar esses biscoitos agora?
	9. Explicitar e pressupor os conhecimentos sobre os desejos do interlocutor Exemplo: “I know you love roses but the florist didn’t have any more, so I brought you geraniums instead.” Tradução: Eu sei que você ama rosas, mas o florista não tinha mais, então eu comprei gerânios ao invés de rosas.
	10. Oferecer, prometer. Exemplo: “I’ll drop by sometime next week.” Tradução: Eu virei em algum momento na semana que vem.
	11. Ser otimista. Exemplo: “Look, I’m sure you won’t mind if I remind you to do the dishes tonight.” Tradução: Veja, eu tenho certeza de que você não se importará se eu lembrá-lo de cozinhar essa noite.
	12. Incluir o interlocutor na atividade. Exemplo: “Give us a break.” Tradução: Dê-nos um intervalo.
	13. Dar ou pedir razões, explicações. Exemplo: “Why not lend me your cottage for the weekend?” Tradução: Por que não me empresta o seu chalé para o fim de semana?
	14. Simular ou explicitar reciprocidade. Exemplo: “I’ll do X for you if you do Y for me.” Tradução: Eu farei isso pra você se você fizer isso pra mim.
	15. Dar presentes ao destinatário. Brown e Levinson (1987) não apresentam um exemplo para essa estratégia de polidez.

Fonte: Elaboração própria com base em Brown e Levinson (1987, p. 102 e 131) e Marchezi (2014).

Já a polidez negativa é orientada para parcialmente satisfazer a face negativa do interlocutor, ou seja, seu desejo básico de não ser impedido e não ter seu território invadido. Nela, o locutor reconhece e respeita os desejos negativos da face negativa do interlocutor e não interferirá neles (ou apenas minimamente, caso haja liberdade). Atitudes que ameaçam a face comumente são corrigidas com pedidos de desculpas, impessoalizações (como a voz passiva), que distanciam locutor e interlocutor do ato, e com outros mecanismos de atenuação que permitem ao interlocutor uma "saída", uma linha de fuga para salvar sua face. No quadro a seguir, são exemplificadas as estratégias de polidez negativa propostas por Brown e Levinson (1987):

Quadro 3 – Estratégias de polidez negativa propostas por Brown e Levinson (1987).

Estratégias de polidez negativa	
Polidez negativa	1. Ser convencionalmente indireto. Exemplo: "Can you please pass the salt?" Tradução: Você pode, por favor, passar o sal?
	2. Questionar, ser evasivo. Exemplo: "I think that Harry is coming." Tradução: Eu acho que Harry está vindo.
	3. Ser pessimista. Exemplo: "Perhaps you'd care to help me." Tradução: Talvez você se importasse em me ajudar.
	4. Minimizar a imposição. Exemplo: "I just want to ask you if I can borrow a little paper?" Tradução: Eu só queria perguntar a você se eu poderia pegar um papel pequeno?
	5. Mostrar respeito. Exemplo: "That's all right, sir." Tradução: Está tudo certo, senhor.
	6. Pedir desculpas. Exemplo: "I'm sorry to bother you, but..." Tradução: Perdoe-me por incomodar, mas...
	7. Impessoalizar o falante e o interlocutor. Evitar os pronomes "eu" e "você".
	8. Declarar os atos de ameaça à face como uma regra geral.
	9. Nominalizar.
	10. Ir diretamente ao assunto como se estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte.

Fonte: Elaboração própria com base em Brown e Levinson (1987, p. 102 e 131) e Marchezi (2014).

Ressaltamos que a Teoria da Polidez recebeu muitas críticas ao longo dos anos, principalmente por considerar que os mecanismos de polidez são universais. Testes empíricos evidenciam que eles são específicos de cada cultura (LOURENÇO; GODÓI, 2017). Uma

pergunta como “Você pode passar o sal?²¹”, que, no português, expressa polidez, teria outras interpretações em outros contextos socioculturais. A respeito dessa frase, Escandell-Vidal (1996) faz as seguintes considerações:

Poloneses ou russos acham estranho, porque eles assumem que é evidente que eles podem passar o sal, e, portanto, são incapazes de compreender o significado pretendido. Para outras culturas, o mesmo exemplo receberia uma interpretação mais direta, mas novamente errada. Por exemplo, se você usar para falar com um parceiro tailandês, você obteria o efeito oposto, ela/ele entenderá imediatamente que você está levantando algumas dúvidas sobre capacidade dele de fazer algo e ficará muito irritado. (ESCANDELL-VIDAL, 1996, p. 631, tradução nossa²²).

Apesar das críticas existentes a essa teoria, entendemos que ela contribui significativamente para se pensar nos mecanismos pragmáticos envolvidos no uso das microconstruções causativas interpessoais, já que, como discutiremos na seção 5.2.3 do Capítulo 5, elas se mostram como um recurso intimamente ligado à preservação da face.

²¹ Tradução nossa. Frase original: “Can you pass the salt?” (ESCANDELL-VIDAL, 1996, p. 631).

²² Tradução nossa. Texto original: “Poles or Russians find it strange, because they assume that it is evident that they can pass the salt, and hence are unable to work out what the intended meaning could be. For other cultures, the same example would receive a more straightforward, but again wrong, interpretation. For example, if you use it while speaking to a Thai partner, you would obtain the opposite effect: s/he will immediately understand that you are overly casting some doubts on her/his ability to do something, and will become very angry”. (ESCANDELL-VIDAL, 1996, p. 631).

CAPÍTULO 3

A CAUSATIVIDADE E SUA EXPRESSÃO NAS LÍNGUAS DO MUNDO

Neste capítulo, apresentamos uma breve elucidação acerca da terminologia adotada para fazer referência ao objeto de análise desta Dissertação, a causatividade, e, posteriormente, apresentamos uma síntese de como essa noção se manifesta nas línguas do mundo.

3.1 A definição de causatividade

Inicialmente, faz-se necessária a distinção entre os termos “causatividade” e “causalidade”. Conquanto, em ambas, esteja presente o radical [causa-], verificam-se, na literatura, usos distintos relativos a esses conceitos. A causatividade aparece associada a verbos tradicionalmente causativos. Já a causalidade é mencionada quando se trata de orações adverbiais que expressam causa, ou seja, aquelas que notadamente são introduzidas por conectivo causal, com exceção às reduzidas. Vejam-se os exemplos a seguir:

(9) João fez o filho se sentar na cama. (CNS)

(10) Os convidados não foram à festa do João porque choveu. (CNS)

Nota-se que, em todas as duas sentenças, existe uma relação de causa e efeito. Em termos estruturais, no entanto, em (9), o predicado de causa (“fez”) e o predicado de efeito (“se sentar”) estão em relação de encaixamento e o segundo é complemento direto do primeiro. Essa estruturação é a tradicionalmente reconhecida como causativa. Já em (10), a oração que expressa causa (“porque choveu”) é introduzida por meio de uma conjunção causal e está em relação de hipotaxe²³ com a oração que expressa efeito (“Os convidados não foram à festa”), que é satélite. Na literatura, somente a estruturas do tipo (10) se atribui a categoria de causatividade. Causatividade e causalidade, se constituem, portanto, por meio de estruturas sintaticamente bastante distintas.

Nas gramáticas normativas do português, o termo “verbo causativo” geralmente não consta das seções destinadas à classificação dos tipos de verbo. Costuma aparecer em partes da gramática que tratam de concordância verbal ou de usos do infinitivo. Na gramática de Bechara (2009), por exemplo, esse termo aparece apenas na seção dedicada às regras para o emprego do infinitivo: “Com os causativos deixar, mandar, fazer (e sinônimos), a norma é

²³ Classificação com base na proposta por Lehman (1988).

aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente” (BECHARA, 2009, p. 284). Em Cunha e Cintra (2008), o termo também aparece no mesmo contexto: “É também normal o emprego do infinitivo não flexionado [...] quando depende dos auxiliares causativos (deixar, mandar, fazer e sinônimos) ou sensitivos (ver, ouvir, sentir e sinônimos)” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 501). Em geral, não há nas gramáticas normativas qualquer definição de verbo causativos; são mostrados apenas exemplos de verbos que assim podem se comportar. Resta ao leitor, então, o papel de deduzir como se dá caracterização dos verbos causativos bem como a relação semântica estabelecida por eles com os outros participantes da predicação.

Já o termo “causatividade” surge nos estudos descritivos de língua e expressa, segundo Song (2001, p. 214), a noção geral de “fazer alguém executar determinada ação”. Nos estudos sobre o português brasileiro, geralmente são enquadradas nessa categoria algumas sentenças cujo predicado matriz é constituído por verbos tradicionalmente classificados como causativos ou factivos, como *fazer*, *mandar*, *deixar*.

Para Comrie (1989), a causatividade denota uma complexa situação que envolve duas microssituações ou eventos: (1) o evento de causa, em que o causador faz ou inicia algo a fim de provocar um evento diferente e (2) o evento causado, em que entidade causada realiza uma ação ou sofre uma mudança de condição ou estado como resultado da ação do causador. Em razão de detalhar não só o evento de causa, mas sobretudo o de efeito, a definição de Comrie (1989) parece-nos, então, mais apropriada.

É necessário destacar que a noção de causatividade também está presente em outras estruturas linguísticas que tradicionalmente não recebem essa classificação. Observemos os seguintes exemplos:

- (11) A partir do momento em que João agiu, os bandidos foram embora. (CNS)
 (12) Houve a eliminação da sujeira pela máquina de tirar pó. (CNS)

Em (11), há uma oração cujo predicado é “foram” e há uma estrutura satélite com função adverbial temporal (“A partir do momento em que João agiu”), dentro da qual há a oração relativa “em que João agiu”. Na sentença, é clara a ideia de que João fez os bandidos irem embora, o que expressa a ideia de causatividade. Em (12), há uma oração simples, em que há uma nominalização do verbo “eliminar”. Nela, observa-se a ideia de que a máquina de pó fez a poeira ser eliminada. Em ambas as sentenças, há uma noção de causatividade, já que uma entidade leva outra a agir, contudo não há uma estrutura gramatical específica que possibilite esse enquadramento categorial.

3.2 A causatividade no PB e nas línguas do mundo

Partindo do pressuposto de que os domínios básicos da experiência expressam noções semânticas partilhadas entre os indivíduos e, assim, são codificados em vários sistemas linguísticos, apresenta-se, nesta seção, uma síntese das diferentes maneiras de manifestação da causatividade nas línguas do mundo a partir de trabalhos de descrição já realizados acerca da expressão dessa noção numa perspectiva tipológica.

Conforme Song (2001, p. 260), a causatividade pode ser expressa nas línguas do mundo por meio de diferentes formas: 1) lexical, 2) morfológica e 3) sintática. No primeiro caso, há uma fusão máxima entre o predicado da causa e o do efeito. No português brasileiro, há alguns exemplos de construções com causatividade lexical, como se observa nos seguintes exemplos de Arrais (1985, p. 42):

(13) O barulho acordou o garoto.

(14) João matou o cachorro.

Em (13), observa-se que o verbo “acordar” implica “fazer acordar”, ou seja, o causador (“O barulho”) leva o causado (“o garoto”) a realizar a ação de acordar, situação com valor tipicamente causativo. O mesmo ocorre em (14), já que o sujeito (“João”) leva o objeto (“cachorro”) a morrer. Segundo Song (2001), línguas que exibem o tipo causativo lexical apresentam um verbo não causativo e também sua versão causativa, como, por exemplo, o alemão, em que há a forma “sterben” (‘morrer’) e “töten” (‘matar’); o japonês, que há a forma “sin” (‘morrer’) e “koros-” (‘matar’); e o inglês, em que há as formas “die” (‘morrer’) e “kill” (‘matar’).

Já as causativas morfológicas são aquelas em que o predicado de causa se apresenta na forma de um morfema derivacional ou afixo. Nelas, de acordo com Song (2001), o predicado de efeito é constituído pela base lexical do verbo ao qual o afixo se liga.

Na língua Tenetehára, da família Tupi-Guarani, falada pelos povos Guajajára (região central do Maranhão) e os Tembé (leste do Pará), a causatividade, além de lexical e perifrástica, também pode ser construída com marcação morfológica, como mostra Camargos (2013). O autor apresenta a existência de dois morfemas causativos nessa língua: {mu-} e {- (u)kar}. O primeiro tem a propriedade de inserir um argumento na posição de sujeito de verbos inicialmente monovalentes, como mostram os dados de Camargos (2013):

(15) u-wa-wak1 tázuràn a’è

3-virar-RED porco ele
 “O porco ficou rodando”

(16) u-**mu**-wa-wak awa tázuràn a’è
 3-CAUS-virar-RED homem porco ele
 “O homem ficou rodando o porco” (“fez o porco rodar”)

Já $\{-(u)kar\}$ pode afixar-se a verbos transitivos para introdução de um terceiro argumento na posição de sujeito, como ocorre em:

(17) u-zuka kuzà zakukaz a’è
 3-matar mulher galinha ela
 “A mulher matou a galinha”

(18) u-zuka-**kar** awa zapukaz kuzà ø-pe a’è
 3-matar-CAUS homem galinha mulher C-por ele
 “O homem fez a mulher matar a galinha” (CAMARGOS, 2013)

Outro exemplo de língua que comporta causativização morfológica é o Karitana, da família Arikém, do tronco Tupi. De acordo com descrição feita por Storto (1999), o morfema causativo $\{-m\}$ é utilizado para adicionar um argumento a um verbo inicialmente intransitivo, ocorrendo, assim, um aumento de valência verbal, como se verifica abaixo:

(19) pyke’onyn ti’y
 3-ASSERT-esfriar-NFUT comida
 A comida esfriou’

(20) pymke’onyn ti’y ãonso
 3-ASSERT-CAUS-esfriar-NFUT comida mulher
 A mulher fez a comida esfriar’/ ‘A mulher deixou a comida esfriar’

A língua Matis, da família Pano, também apresenta causatividade morfológica, que se dá por meio do sufixo $\{-me\}$, como mostram os dados de Ferreira (2005). Segundo o pesquisador, “o sufixo causativo $\{-me\}$ é muito produtivo na língua e seu uso, aparentemente, ocorre com qualquer tipo de raiz verbal (transitiva ou intransitiva)”. Abaixo seguem alguns exemplos de Ferreira (2005, p. 111):

(21) Dani nesek
 Dani -Ø nes- -e -k
 Dani -ABS. banhar- -N.PASS. -DECL
 ‘A Dani toma banho’

(22) awĩn tʃutʃun nesmeek Dani
awĩ -n tʃutʃu -n nes- -me -e -k Dani -ø
3P.SG. -POSS. irmã+velha -ERG. banhar- -CAUS. -N.PASS. -DECL. Dani -ABS.
‘Sua irmã mais velha fez a Dani banhar’

Outros exemplos de causatividade morfológica podem ser observados em dados do Amárico (HETZRON, 1976 apud SONG, 1994), em que uma das formas causativas para o verbo “balla” (‘comer’) se dá por meio do acréscimo do prefixo “a-”, como se observa nos dados a seguir:

(23) Laǰu saga bälla
The boy meat eat+PAST+3sg
‘The boy ate meat’
‘O menino comeu carne’

(24) Abbat laǰu-n saga a-bälla
Father the boy+OBJ meat CAUS-eat+past+3SG
‘The father forced the boy to eat meat’
‘O pai forçou o menino a comer carne’

A causatividade morfológica também pode ser observada na língua Apinajé, da família Jê, tronco Macro-Jê, por meio da inserção do proclítico “ɔ” ao radical do verbo, como se observa nos dados de Oliveira (2005):

(25) Na ka ic-t ⇒ tujaro
RLS 2 1-RP-CAUS=pregnant
‘Você me fez engravidar/engravidou.’

Por fim, a causatividade sintática, analítica ou também chamada de perifrástica caracteriza-se por ter o predicado de causa e o predicado de efeito codificados por itens distintos (geralmente verbos). Esse tipo de estrutura, segundo Song (2001), está presente em línguas isolantes e analíticas, já que nelas causa e efeito podem ser codificados em verbos lexicais separados. Segundo Soares da Silva (2004), as construções causativas analíticas exibem uma grande complexidade gramatical (maior nas línguas românicas do que nas germânicas), que pode ser explicada com base não só em fatores formais, mas também conceituais e semânticos. Nesse sentido, elas expressam uma perceptualização mais complexa do falante com relação ao evento descrito.

No italiano, por exemplo, há a possibilidade de a causatividade ser expressa por meio de perífrase, tal como se vê em usos do verbo “fare” (‘fazer’) seguido de verbo no infinitivo:

- (26) Faccio scrivere Ada
 I make to write Ada
 ‘I make Ada write’
 ‘Eu faço Ada escrever’ (SONG, 1994, p. 216).

A língua Karitana, além de causativas morfológicas, também apresenta a possibilidade de causativas sintáticas por meio do acréscimo do auxiliar *typoong*. Na passagem da sentença ativa não causativa para causativa, o argumento acrescentado é um agente ou causa, e o antigo sujeito agente ou causa do verbo transitivo passa a ser objeto oblíquo da causativa, recebendo o sufixo {-ty}, como se vê nos dados extraídos de Rocha (2014):

- (27) João Ø -na-oky-t boroja
 João 3-DECL-matar-NFUT cobra
 ‘João matou a cobra’

- (28) Cláudio Ø -na-oky-t **typoong** boroja João-ty
 Cláudio 3-DECL-matar-NFUT AUX:CAUS cobra João-OBL
 ‘Cláudio fez João matar a cobra’

No português brasileiro, além das causativas lexicais, também há causativas sintáticas, como se observa em:

- (29) João fez o amigo devolver o presente (CNS)
 (30) Levei meu amigo a acreditar em Maria (CNS)
 (31) O pai causou medo no filho (CNS)

Nota-se que, em (29) e (30), causa e efeito são codificados por verbos distintos. Em (29), o predicado concentrador da noção de causa é “fez” e o de efeito é “devolver”. Em (30), o predicado concentrador da noção de causa é “Levei” e o de efeito é “acreditar”. Em ambos os casos, percebe-se que a causa se dá por meio de uma atitude de convencimento, e não pelo emprego de força física.

Já em (31), há uma especificidade que pouco aparece na literatura existente acerca das causativas no português brasileiro. Nela, não se pode dizer que a causa é expressa apenas pelo verbo “causar”. Uma análise mais atenta leva à percepção de que se trata de uma

estrutura com verbo-suporte, em que há um verbo “leve” ou suporte (bastante dessemantizado) seguido de um sintagma nominal, que não funciona como argumento do verbo, mas que confere carga semântica à perífrase (“causou medo” = amedrontou). De acordo com Neves (2002), para que uma perífrase seja considerada como portadora de verbo-suporte, não é necessário que verbo “leve” e sintagma nominal estejam em relação de paráfrase (ou seja, passíveis de transformação em um só item), já que essa condição se baseia em aspectos ligados à composição do léxico de uma língua. Em muitos casos, “há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples.” (NEVES, 2002, p. 210).

Feita uma síntese das formas de manifestação da causatividade nas línguas do mundo, abordaremos, no próximo capítulo, os aspectos metodológicos adotados no percurso de nossa investigação, como a seleção do objeto, da teoria, dos *corpora*, e descreveremos as etapas de pesquisa.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Neste capítulo, detalharemos os procedimentos metodológicos adotados na realização desta pesquisa: a seleção do objeto, o método de raciocínio adotado, os *corpora* e as etapas da investigação. Deixamos claro que descrição dos procedimentos metodológicos de uma pesquisa, principalmente com relação às bases epistemológicas adotadas, não é tarefa fácil, uma vez que o pesquisador – imerso que está na construção científica – pode, por exemplo, não ter a exata consciência acerca dos movimentos interpretativos (objeto \rightleftharpoons teoria ou teoria \rightleftharpoons objeto) que permeiam as etapas do trabalho científico.

Discorrer sobre a metodologia adotada requer o desenvolvimento de um olhar *exotópico*²⁴ sobre a própria pesquisa, a fim de que seja possível enxergar, com maior neutralidade, a natureza dos procedimentos realizados. É necessário que o pesquisador realize o movimento de distanciar-se do próprio dizer e colocar-se na posição do outro, ou seja, que ele desenvolva um excedente de visão acerca do próprio trabalho. É na tentativa de desenvolver esse olhar *exotópico* que discorreremos sobre a metodologia adotada nesta investigação.

4.1 A seleção do objeto

As chamadas “orações causativas” despertam-nos o interesse já alguns anos, desde aulas de gramática normativa do ensino médio. Intrigavam-nos principalmente porque se trata do único caso em que, na norma padrão, é possível o pronome oblíquo funcionar como sujeito, como ocorre, por exemplo, em “mandei-o sair”, em que o pronome “o” é sujeito do verbo “sair”. É o único caso em que, no latim clássico, o sujeito era declinado no caso acusativo, e não nominativo²⁵.

²⁴ O conceito de *exotopia* surge na obra de Bakhtin (2003) e diz respeito à necessidade de o autor de uma obra desenvolver um excedente de visão, ou seja, distanciar-se do seu dizer e colocar-se na posição do outro. De acordo com Bakhtin (2003, p. 13), o “autor dever tornar-se ‘outro’ em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro”. É, assim, o desenvolvimento de um olhar exotópico que dá à obra seu acabamento estético. Embora o conceito tenha surgido no contexto de teoria literária, ele tem sido aplicado em reflexões sobre o fazer científico (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012).

²⁵ Numa perspectiva normativa, é com base na conservação da declinação latina que Almeida (2012), na *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, defende que não deve haver a utilização do pronome reto como sujeito do infinitivo na oração causativa.

Essas especificidades nos motivaram, ainda na graduação, ao desenvolvimento de um estudo sincrônico de orientação funcionalista do verbo *fazer* na fala goiana, que se mostrou bastante produtivo não só em construções causativas, mas também em indicação de tempo, em função referencial, em expressões idiomáticas, em estruturas com verbo-suporte etc. Tal pesquisa, vinculada ao Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) e sob orientação do Professor Leosmar Aparecido da Silva, resultou na publicação do artigo científico intitulado *Aspectos sintáticos e semânticos do verbo fazer na fala goiana*²⁶ (MENDES; SILVA, 2014). O trabalho tomou como *corpus* as transcrições de 17 (dezesete) inquiridos do Projeto Fala Goiana.

Anos depois, os resultados de Mendes e Silva (2014) fizeram ressurgir o interesse em estudar a causatividade na perspectiva da LFCU, sobretudo a partir da noção de construção proposta pela GC. O alto grau de integração entre as orações que constituem a causatividade perifrástica, como mostra Carvalho (2004), apontava, a nosso ver, para possibilidade de analisá-la como um pareamento forma-função e, assim, iniciou-se esta investigação.

4.2 O método de raciocínio

Assumimos que esta pesquisa – conforme propõe Givón (1995) – desenvolveu-se à luz do raciocínio abduativo, que se trata de uma abordagem metodológica mista que ora parte da dedução, ora da indução.

Entendemos que a adoção estrita da dedução, por já partir de postulados teóricos no exame dos dados, pode limitar o pesquisador na análise do objeto em si, impedindo a visualização de outros aspectos não abrangidos pela teoria escolhida. A assunção estrita do método indutivo, porém, pode levar a generalizações indevidas (LEÃO et al, 2009). Em *Functionalism and Grammar*, Givón (1995) propõe que, nos trabalhos funcionalistas, deve haver a adoção de diversidade teórica e metodológica. É na junção entre os métodos de raciocínio que, portanto, que a análise pode-se tornar mais completa.

A seleção do nosso objeto já atrelada a uma concepção teórica de gramática revela, de certa maneira, influências de ordem dedutivista. Nessa perspectiva epistemológica, realiza-se um processo cognitivo de transferir uma coisa à outra, o conhecido ao desconhecido (KJELDAL, 2002 apud LEÃO et al, 2009). Foi sob esse prisma que, no *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2006 [1916], p. 15) defendeu que “é o ponto de vista que cria o objeto”, ou

²⁶ O artigo foi publicado na *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)*, na edição n. 22, que reuniu entrevistas e artigos relativos especificamente ao tema da gramaticalização.

seja, a teoria é que fornece os pressupostos capazes de construir o próprio fenômeno de investigação.

Selecionado o objeto, conduzimos nossa pesquisa a fim de responder os seguintes questionamentos (conforme exposto na Introdução):

- a) Como a Gramática de Construções pode contribuir para a análise das microconstruções causativas interpessoais?
- b) Como a noção de construcionalização contribui para a investigação do processo de mudança linguística da microconstrução em questão?
- c) Quais micropassos de mudança instanciam essa construcionalização?
- d) Que funções as microconstruções causativas interpessoais desempenham no nível discursivo-pragmático?

Foi pensando na noção de pareamento forma-função no âmbito da GC que surgiu o interesse em investigar a causatividade. Nossas perguntas de pesquisa, portanto, também se assentam no paradigma lógico-dedutivo, já que revelam uma preocupação acerca de como a teoria adotada é capaz de descrever o fenômeno a ser estudado

A análise foi realizada em *corpora* de língua falada, já que, a nosso ver, eles são os mais se aproximam da interação humana básica e, em comparação à língua escrita, costumam revelar um grau de monitoramento mais baixo. O exame dos dados nos conduziu à observação de algumas microconstruções causativas que se afastavam da noção prototípica de causatividade. A fixação positivista pelo objeto pré-estabelecido poderia *a priori* nos levar à desconsideração desses usos atípicos, no entanto fizemos um movimento inverso. Fomos, nos usos esparsos, observando certa regularidade estrutural e funcional e, assim, pudemos extrair algumas generalizações acerca da manifestação da causatividade interpessoal. Nessa etapa da pesquisa, os dados nos conduziram a um exercício de indução, partindo, portanto, de casos particulares até à chegada de conclusões sobre uma categoria maior (KJELDAL, 2002 apud LEÃO et al, 2009).

Na descrição da funcionalidade das microconstruções causativas interpessoais, a identificação das funções discursivo-pragmáticas nos pareceu mais instintivas e foi a partir delas que selecionamos teorias que as pudessem descrever melhor, como a proposta de Brown e Levinson (1987). Nesse momento, houve uma predominância maior do raciocínio indutivo, já que as teorias foram selecionadas a partir dos objetivos estabelecidos.

4.3 Os *corpora*

O Fala Goiana, coordenado pela Professora Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão, é desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Estadual de Goiás (UEG), e visa à investigação de fenômenos de constituição do português do Brasil a partir de variedades linguísticas visíveis no português contemporâneo falado em Goiás. As transcrições do *corpus* do Projeto são principalmente de falantes das cidades de Goiás e Goiânia, de várias faixas etárias e com até 4 (quatro) anos de escolarização. No processo de coleta dos dados, os entrevistadores-pesquisadores são orientados a criar condições interativas que favoreçam o desenvolvimento de um discurso mais informal. A fim de tentar minimizar o grau de monitoramento gerado pela presença do pesquisador e do gravador, os entrevistadores buscam fazer, por meio de perguntas, com que os informantes narrem suas experiências de vida, lembranças e recordações conforme sugere Tarallo (2004).

O *corpus* do Projeto Fala Goiana é composto por transcrições de entrevistas realizadas principalmente nos anos de 2003 (informantes de Goiás) e de 2010 (informantes de Goiânia). Do total de cerca de 28 (vinte e oito) inquéritos, selecionamos 15 (quinze): da cidade de Goiás, foram 6 (seis) de informantes do sexo masculino e 6 (seis) do sexo feminino; de Goiânia, foram 3 (três) do sexo feminino. Por meio do recurso “Contagem de palavras” disponível no menu “Revisão” do Microsoft Word 2016, verificamos que os dados do Fala Goiana selecionados totalizaram cerca de 145.270 (cento e quarenta e cinco mil, duzentas e setenta) palavras. Os informantes são adultos e pertencem a várias faixas etárias, tendo de 25 a 72 anos.

Já o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) reúne pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O grupo se dedica ao estudo da variação e mudança linguística na variedade de português falada e escrita no Rio de Janeiro. Numa perspectiva essencialmente baseada na Sociolinguística Variacionista, os pesquisadores vêm se dedicando, há mais de vinte anos, à análise da língua em uso e à sua inter-relação com aspectos sociais, estruturais e funcionais. Entre os integrantes do grupo estão Anthony Julius Naro, Maria Cecília Mollica e Maria Martha Pereira Scherre.

Constituído de dados de fala e de escrita, o *corpus* do PEUL foi coletado na cidade do Rio de Janeiro, em vários períodos de 1980 a 1983; de 1999 a 2000 e de 2002 a 2004. Foram incorporadas a ele também algumas amostras de entrevistas com alunos do Mobral na década de 1970, de fala infantil (crianças de 4 a 11 anos de idade) coletada de 1979 a 1981 e

amostras interacionais coletadas de 1989 a 1990. Para esta pesquisa, selecionamos 4 (quatro) transcrições de entrevistas coletadas na cidade do Rio de Janeiro, das quais 3 (três) são informantes do sexo masculino e 1 (uma) é do sexo feminino, que totalizaram aproximadamente 36.800 (trinta e seis mil e oitocentas) palavras. Na nossa seleção, houve 3 (três) informantes com 14 anos de idade, cujas entrevistas datam do ano 2000, e 1 (um) com 56 anos, cuja entrevista ocorreu em 1980.

O Grupo Discurso & Gramática é composto por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo geral é investigar processos de variação e mudança tanto na fala quanto na escrita do português brasileiro, a partir de coletas realizadas nas cidades do Rio de Janeiro, Niterói, Rio Grande, Natal e Juiz de Fora. Os pesquisadores do grupo se orientam pelas teorias do funcionalismo norte-americano e atualmente têm trabalhado na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), principalmente a Gramática de Construções.

O *corpus* do D&G é composto por dados de fala e escrita coletados no ano de 1993. Cada falante produziu 5 (cinco) textos orais e 5 (cinco) textos escritos dos seguintes tipos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Trata-se de um *corpus* bastante extenso, com 20 (vinte) entrevistas em cada uma das cidades de Juiz de Fora, Natal e Rio Grande; 18 (dezoito) em Niterói; e 93 (noventa e três) na cidade do Rio de Janeiro. Para nossa pesquisa, selecionamos somente os dados de língua falada de 11 (onze) transcrições de entrevista: 4 (quatro) de Natal, 1 (uma) do Rio de Janeiro e 6 (seis) de Rio Grande. Nossa seleção do *corpus* do D&G totalizou cerca de 61.340 (sessenta e uma mil, trezentas e quarenta) palavras. Com relação à faixa etária, os informantes selecionados são jovens entre 13 e 30 anos e há também uma criança de 6 (seis) anos de idade.

4.4 Procedimentos de análise

Inicialmente, examinamos as várias estratégias de manifestação da causatividade no português brasileiro. Optamos pela análise das que apresentam estrutura perifrástica, em razão de elas apontarem indícios de uma complexidade cognitiva maior na perceptualização da integração dos eventos (como aponta SOARES DA SILVA, 2004) e, assim, serem mais instigantes para estudo.

Pelos critérios de frequência e produtividade, selecionamos, nos *corpora*, os verbos *fazer, mandar, deixar, colocar, por, forçar, levar e botar*, que geralmente constituem microconstruções causativas perifrásticas no PB. A fim de considerar diferentes variedades do português brasileiro, examinamos dados de fala sincrônicos do Projeto Fala Goiana, do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) e do Grupo Discurso & Gramática, todos disponíveis *online*²⁷. No caso do Fala Goiana e do PEUL, os arquivos foram baixados em formato “doc.”; no caso do D&G, os arquivos em PDF foram visualizados na própria janela do navegador Microsoft Edge.

Por meio do recurso “localizar” no Microsoft Word 2016 (cujo atalho é CTRL + L) e no Microsoft Edge (cujo atalho é CTRL + F), foram identificadas 114 (cento e catorze) microconstruções causativas. Durante o processo de categorização desses usos, deparamo-nos com algumas microconstruções de difícil enquadramento nas classificações previstas e que demandaram maior atenção: as causativas encabeçadas pelo verbo *deixar* que desempenham um papel mais destacado na interação locutor-interlocutor/falante-ouvinte.

No quadro a seguir, há a especificação dos quantitativos dos usos das microconstruções causativas presentes nos *corpora*:

Quadro 4 – Quantificação das microconstruções causativas identificadas.

Espécie/tipo	Quantidade	Porcentagem
Microconstruções causativas perifrásticas	114	_____
Microconstruções causativas interpessoais	15	13,15% (em relação ao total de causativas perifrásticas)
Microconstruções causativas interpessoais encabeçadas por verbo de cognição	12	80% (em relação ao total de causativas interpessoais)
Microconstruções causativas interpessoais encabeçadas por verbo de elocução	3	20% (em relação ao total de causativas interpessoais)

Fonte: Elaboração própria.

²⁷ O acesso *online* aos dados do Projeto Fala Goiana é possível por meio do link <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>; aos do PEUL por meio do link <http://www.letras.ufrj.br/peul/amfala.html>; e aos do Grupo Discurso & Gramática por meio do link <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br>.

Apesar de, nos trabalhos de construcionalização, comumente se realizar uma análise pancrônica (diacronia e sincronia), como vemos em Traugott e Trousdale (2013) e Diewald (2002, 2006), entendemos também a possibilidade de a análise sincrônica lançar pistas e fornecer hipóteses sobre como se dá a mudança diacronicamente (HEINE et al, 1991). Em entrevista concedida à *Revista Revel* em 2014, Traugott (2014) reconhece essa possibilidade de estudos, embora não coadune com ela. Nossa opção pela análise de dados sincrônicos se deve sobretudo em razão da complexidade do nosso objeto de pesquisa. Analisar a mudança diacronicamente das microconstruções causativas interpessoais demandaria um extensivo estudo sobre o desenvolvimento do sistema de imperatividade e da modalidade de permissão no português brasileiro, os quais estão ligados às etapas da construcionalização em questão.

Foram analisadas 26 (vinte e seis) transcrições de fala nos *corpora*, que são compostos por dados do Projeto Fala Goiana, do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) e do Grupo Discurso & Gramática. O primeiro motivo que norteou a escolha desses dados é o fato de todos os três projetos terem sido organizados por pesquisadores que se orientam por concepções teóricas que partilham a ideia de língua como interação e que reconhecem as variedades como manifestações da dinamicidade da língua. O segundo motivo é o fato de que todos os três *corpora* são de fácil acesso e estão disponíveis *online*. O quadro abaixo apresenta a quantidade de inquéritos por cidade:

Quadro 5 – Transcrições selecionadas

Projeto/Corpus	Cidade da coleta	Total
Fala Goiana	Goiás	12
	Goiânia	3
PEUL	Rio de Janeiro	4
D&G	Natal	4
	Rio de Janeiro	1
	Rio Grande	6

Fonte: Elaboração própria.

Após a seleção das microconstruções causativas interpessoais nos *corpora*, particionamos nossa análise em dois momentos: o de investigação da construcionalização e o de exame da funcionalidade das microconstruções em questão. Com base nos micropassos da mudança propostos por Diewald (2002, 2006), traçamos um possível caminho da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) para as causativas interpessoais, que partem das causativas que indicam cessação de impedimento. Caracterizamos cada um dos micropassos com base nos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

No exame da funcionalidade das microconstruções causativas interpessoais, a noção de *intersubjetividade*, tal como concebida por Traugott e Dasher (2004), forneceu-nos importantes subsídios para a identificação dos papéis que essas microconstruções desempenham na relação locutor-interlocutor, principalmente na manifestação de *polidez* (BROWN; LEVINSON, 1987) e na introdução e manutenção do turno de fala.

No capítulo seguinte, detalharemos os resultados obtidos com relação ao exame da construcionalização e da funcionalidade das microconstruções causativas interpessoais.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS DADOS

5.1 As microconstruções causativas perifrásticas nos *corpora*

Na análise dos dados, foram selecionadas microconstruções encabeçadas por verbos que normalmente constituem as causativas perifrásticas no PB, como *fazer*, *mandar*, *deixar*, *por*, *colocar*, *forçar*, *levar e botar*. Nos três *corpora*, identificamos 114 (cento e catorze) ocorrências dessas microconstruções, algumas das quais são transcritas abaixo. No primeiro exemplo, a falante descreve uma situação que viveu no passado em que não havia espaço para seus filhos dormirem em casa:

(32) dormi no chão na sala... no cochão no chão... porque os minino já tava rapaiz né? a gente num tinha nem liberdade aí eu dei pra eles pres dormi aí passava... até *minha mãe* viu que tava ficano difícil *pois os minino pra durmi lá na casa dela* porque na casa dela tinha dois quarto sobrano qu/era só ela e meu pai... (FG, Inf4, F, 33).

Na sentença “*minha mãe [...] pois os minino pra durmi lá na casa dela*”, observa-se uma microconstrução causativa cujo predicado concentrador²⁸ da noção de causa é o verbo “por” no pretérito perfeito (“pois”) e o da noção de efeito é o verbo *dormir* (“durmi”), que é introduzido por preposição.

No dado a seguir, ao ser questionado pelo entrevistador sobre como fritar ovo, o falante responde:

(33) Tu pega o ovo. É... quebra ele, quebra casca dele, coloco a parte de dentro na-na panela. Aí depois quando... aí *deixa fritar*, depois vai virando ele. Dá-dá pra fazer de [dois-] de dois jeito. O ovo mole e ovo duro. E... eu gosto mais do ovo mole. (PEUL, ROM, M, 14).

Em “*deixa fritar*”, também há uma microconstrução causativa. O predicado concentrador da noção de causa é “*deixar*” e o da noção de efeito é “*fritar*”, o sujeito desse último, contudo, está implícito e é recuperável pelo contexto (“o ovo”). Nesse caso, o verbo *deixar* está mais próximo de seu sentido pleno, que carrega a noção semântica de *abandonar*. Outro uso causativo do verbo *deixar* pode visto na transcrição a seguir, em que a falante

²⁸ Nas análises do Funcionalismo Clássico e nas pesquisas tipológicas, é recorrente a decomposição da sentença causativa perifrástica em predicado de causa (oração matriz) e predicado de efeito (oração completa). Com base na proposta da GC, entendemos que a noção de pareamento forma-função afrouxa a separação rígida entre os significados atribuídos às partes da sentença causativa. É sobre o sentido da microconstrução como um todo, portanto, que deve recair a análise. Assim, optamos pela consideração dos verbos presentes nas microconstruções causativas como *concentradores* das noções de causa e efeito.

descreve o filme “Kid”, que, segundo ela, retrata um bando de adolescentes que “fazem festas, fumam, fazem um monte de besteiras”:

(34) É um filme de um bando de adolescentes... minha mãe disse que era até pra min vê bastante o filme. Aí ela falou que quando eu quero olhá, *ela deixa eu vê* pra depois não acontecê (falando rindo) nada disso comigo, que ela disse. (PEUL, ROB, F, 14).

Em (34), observa-se que a microconstrução causativa já expressa uma modalidade de permissão: a mãe permite/autoriza a filha a ver o filme. A causatividade se afasta do modo *realis*²⁹, já que o efeito (“eu vê”) não é um fato concreto no mundo, mas possível. No quarto uso, o falante relata um caso apresentado no Programa do Ratinho, em que um homem se relacionava com duas mulheres ao mesmo tempo:

(35) a esposa dele tinha um bebê, tava com um bebê na barriga ainda, aí [a-] *a namorada dele mandou matar ela*, só que ele foi lá, matou ela aí cortou em pedaços e enterrou. (PEUL, ROM, M, 14).

Nesse caso, o predicado da oração matriz é *mandou*; e o da oração completiva é *matar*, que não tem sujeito explícito. Deduz-se que uma mulher (namorada) mandou alguém matar a esposa do homem com quem ela se relacionava, mas, no fim, ele próprio tomou a atitude de matar a esposa. Aqui a causatividade também se afasta do modo *realis*, já que está ligada a uma modalidade de ordem (deôntica) e o efeito (*matar ela*) é incerto. Ressaltamos que, nesse contexto específico, temos a informação sobre o efeito, já que, em seguida, é dito que a namorada foi morta, porém a microconstrução causativa de modalidade deôntica em si gera incerteza.

Embora tradicionalmente as causativas encabeçadas pelo verbo *fazer* sejam consideradas prototípicas, sobretudo pelo fato de terem alta frequência e por expressarem uma causa concreta/factual, há contextos em que os traços de factualidade não se manifestam, como se observa na seguinte situação, em que o falante descreve os esforços que têm feito para que o filho tire boas notas na escola:

(36) QUERu qui u meu filhu jamais pari di istudá porque vai sê a Única rique::za qui eu vô podê dá pru meu filhu é us estudos pur isso eu istou fazendu... todú u sacriFiciu pra pôde eh::... *fazê com quê ele saia bem na esCOla*... (FG, AF, M, 29).

Em (36), o predicado da oração matriz é o verbo *fazer* (“*fazê*”) e o da oração completiva é *sair bem* (“*saia bem*”). Ao contrário do que se esperaria de uma causativa

²⁹ Givón (2001) distingue a asserção *realis*, que é aquela declarada como verdade, e a asserção *irrealis*, que é aquela declarada como possível ou necessária.

constituída pelo verbo “fazer”, o exemplo em questão, a nosso ver, se afasta do modo *realis*. Essa constatação se justifica na medida em que a causatividade foi colocada dentro de uma relação de finalidade, marcada pelo conectivo *pra*. Percebe-se que o efeito (o filho sair bem na escola) não é certo; trata-se de uma possibilidade.

5.2 As microconstruções causativas interpessoais

Entre os usos causativos identificados nos *corpora*, chamaram-nos a atenção algumas microconstruções formadas pelo o verbo *deixar* que desempenham uma função interpessoal de maneira mais evidente. Ademais, quando formadas por *deixar* + verbo de cognição, estabelecem suspensão temporal para construção e reformulação do discurso/fala. Já quando constituídas por *deixar* + verbo de *elocução*, têm função metadiscursiva, ou seja, fazem referência ao próprio ato de fala (“deixa eu falar/dizer/contar/perguntar”). Em geral, essas microconstruções perdem um pouco a noção semântica de causatividade e atuam, principalmente, no nível pragmático, estabelecendo uma relação intersubjetiva.

Pinto (2008) analisa a gramaticalização do verbo *deixar* em transcrições de conversas orais gravadas em áudio no PROCON de Juiz de Fora em 2004, de conversas escritas registradas no MSN no final de 2006 e início de 2007 e de textos escritos retirados de sites da internet dos anos 2005, 2006 e 2007. A autora classifica algumas dessas microconstruções com função interpessoal como “marcadores discursivos”, já que elas seriam “sinalizadores pragmáticos do monitoramento local do texto falado”, ou seja, quando funcionam como marcadores discursivos têm o papel de sinalizar “as instâncias produtoras do discurso”, bem como definir “a relação dessas instâncias com a estruturação do processo de interação”. Nessa categoria a autora enquadra, por exemplo, os seguintes usos: “[...] cê vai ter que comprar, deixa eu te falar um negócio[...]

e “xô falar um negócio pro cê [dá licença, deixa eu justificar, deixa]”.

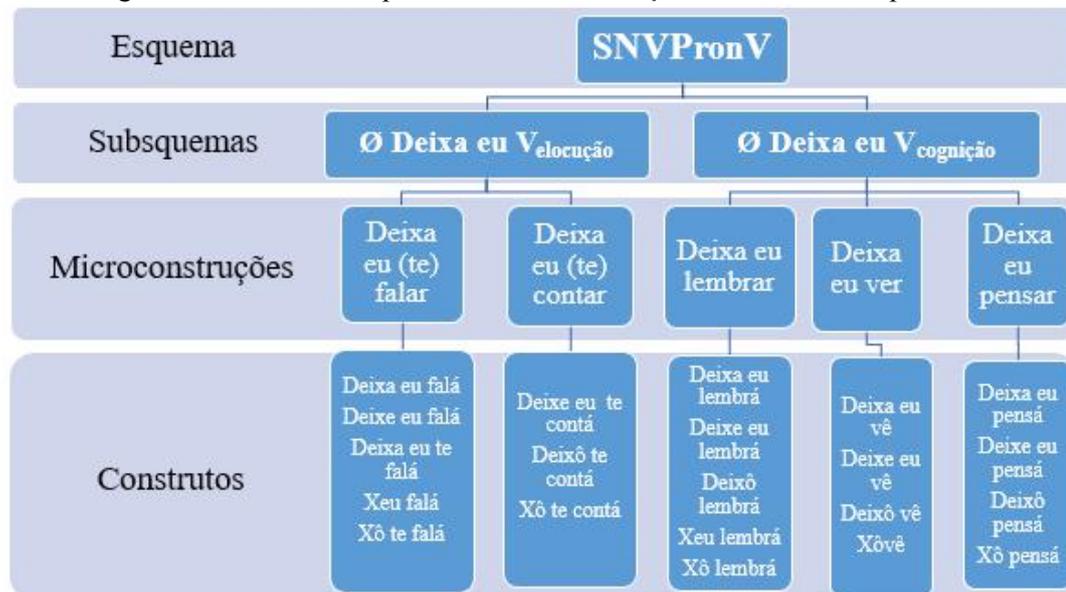
Sherer (2014), numa perspectiva funcionalista, analisa a gramaticalização de construções formadas por *deixar* seguido de verbos de cognição, como *ver*, *pensar* e *lembrar*. Para tanto, a autora examina duas amostras do Projeto Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina (VMPOSC) e do Banco de Dados Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL). Num estágio mais avançado de gramaticalização e com função mais interpessoal, a autora classifica essas microconstruções como marcadores discursivos, que, segundo ela, são usados com função interacional (manutenção de turno) e com função textual (reorganização do que se vai dizer).

Por meio desta pesquisa, pretendemos apresentar contribuições com relação à pesquisa de Pinto (2007), descrevendo, com maior detalhamento, as funções discursivo-pragmáticas associadas às causativas interpessoais. Com relação à pesquisa de Scherer (2014), a intenção é a apresentar, numa perspectiva construcional, outras causativas que desempenham papel interpessoal além das formadas pelo verbo *deixar* seguido de verbo de cognição. Os pressupostos da Gramática de Construções, associados às teorias da polidez, também contribuem para um exame ainda mais detalhado do papel das construções analisadas por Scherer (2014) no nível interpessoal.

5.2.1 As microconstruções causativas interpessoais na Gramática de Construções

Nesta seção, proporemos uma caracterização das microconstruções causativas interpessoais de acordo com a Gramática de Construções. Tendo em vista a distinção proposta por Traugott e Trousdale (2013) entre esquemas, subsquemas e microconstruções, esquematizamos a seguinte rede hierárquica para a microconstrução em questão:

Figura 10 – Rede hierárquica das microconstruções causativas interpessoais



Fonte: Elaboração própria³⁰ com base em Rios de Oliveira (2015, p. 25).

Conforme esquematizado na Figura 10, as causativas interpessoais são formadas a partir de um esquema mais amplo formado por [SNVPronV], em que o SN pode protipicamente ser preenchido por sintagma nominal ou um pronome reto (que o substitua

³⁰ Nem todos os construtos presentes na figura foram, de fato, identificados nos *corpora*. Com relação aos aspectos prosódicos, muitas junções do tipo “deixô vê”, “dexeu te falar”, “xô vê” são extremamente comuns na fala, no entanto hipotetizamos que, nas transcrições dos inquéritos, muitas dessas reduções fonológicas não tenham sido devidamente registradas.

em bloco pela mente. A inserção de um advérbio de tempo, por exemplo, mostra-se impossível caso se pretenda manter o sentido propriamente interpessoal: “deixa *amanhã* eu ver” e “*amanhã* deixa eu ver”.

Por fim, na rede hierárquica, há os construtos que, com base em Rios de Oliveira (2013), correspondem aos usos efetivos das microconstruções causativas interpessoais, como “xô te falá”, “deixô te contá”, “deixeu lembrá”, “xô vê” e “deixa eu pensá”. Aqui ficam em evidência os aspectos prosódicos da realização das microconstruções no uso.

5.2.2 A construcionalização das microconstruções causativas interpessoais

Uma comparação entre as microconstruções causativas interpessoais e as microconstruções causativas de conteúdo encabeçadas pelo verbo *deixar* possibilita-nos identificação de distinções morfossintáticas e discursivo-pragmáticas que apontam para um processo de mudança linguística, o qual analisaremos nesta seção.

Assumimos a ideia de que o exame de dados sincrônicos pode revelar pistas sobre processos diacrônicos de mudança. Embora Traugott defenda a análise de usos diacrônicos para a verificação do processo de construcionalização, ela reconhece a possibilidade de usar “descobertas da pesquisa em gramaticalização para organizar a variação sincrônica no domínio procedural da língua e para sugerir possíveis caminhos nos quais a mudança ocorreu” (TRAUGOTT, 2014, p. 101).

Retomamos aqui a seção 5.1 do Capítulo 5, que trata dos vários tipos de microconstrução causativa perifrástica encontrados nos *corpora*. Como foi visto, as microconstruções causativas encabeçadas pelo verbo *deixar*, com base na dinâmica de forças, podem instanciar os sentidos não impedimento (ausência de barreira), cessação de impedimento (eliminação de barreira) e permissão. Diante disso, qual dessas dinâmicas corresponderia à forma-fonte das causativas interpessoais³¹?

De acordo com Soares da Silva (2004), o sentido prototípico do verbo “deixar” (e seus equivalentes nas línguas românicas) é o de “cessar de impedir, soltar”. Assim, consideraremos como participantes do contexto típico as microconstruções causativas que expressam a noção de cessação de impedimento. Nelas, o antagonista é ativo e atua no sentido de eliminar a barreira que impede o agonista de realizar o movimento, tal como se observa em Soares da Silva (2004, p. 586):

³¹ Para evitar a repetição, usamos, em alguns momentos, a expressão “causativa interpessoal” como sinônima de “microconstrução causativa interpessoal”.

(41) João deixou o pássaro voar (abrindo a gaiola).

No exemplo, nota-se que o agonista (“o pássaro”) está em tendência de movimento e o antagonista (“João”) abre a gaiola numa atitude ativa de eliminar a barreira, resultando em início de movimento. Trata-se de uma ação concreta e identificável visualmente. Ademais, o sujeito tem o controle da ação expressa.

Já no trecho do inquérito seguinte, a microconstrução destacada tem o sentido de “não impedimento”:

(42) Doc. Mais [o assassino] foi preso na hora?

Inf. Não::: ele ficô muito tempo sumido

Doc. Uai... mais no fórum normalmente tem... segurança... pessoas que vêm

Inf. Mais pessoas que vêm... *dexaram ele escapuli*... num sei como mais dexô né... num pegô ele... agora mataram ele aí tamém num sei quem... (FG, MANC, F, 48).

Nesse caso, o sujeito do verbo *deixar* aparentemente é *passivo* (nos termos de SOARES DA SILVA, 2004), já que, no contexto, as pessoas viram o assassino fugir e não tomaram qualquer atitude para impedi-lo. Em comparação com o exemplo (41), o sujeito, de certo modo, parece ter menos controle da ação (“escapular”). Esse uso mostra-se, portanto, mais abstrato que o de cessação de impedimento, razão pela qual não é plausível considerá-lo como portador da noção de causatividade mais básica encabeçada pelo verbo *deixar*.

A fim de verificação das etapas da construcionalização em questão, recorreremos à proposta Diewald (2002, 2006). Conforme apresentado no Capítulo 1 desta Dissertação, o primeiro contexto proposto por Diewald é o *contexto típico*, que é aquele em que a microconstrução é usada em sentido [+ concreto] e em que ainda não foi iniciado o processo de mudança. No caso das causativas interpessoais, o *contexto típico* consiste naquelas em que o verbo “deixar” tem o valor de cessação de impedimento, como se observa em (41).

Já o *contexto atípico*, conforme Diewald (2002, 2006), é aquele em que se inicia o processo de mudança. No caso das microconstruções causativas interpessoais, entendemos que esse estágio corresponda aos usos ligados ao modo imperativo, indicando ora ordem (noção mais concreta), ora pedido de permissão (noção mais abstrata). Subdividimos, nesta pesquisa, o estágio de início da mudança em *contexto atípico I*, para se referir ao uso no valor de ordem, e *contexto atípico II*, para se referir ao uso no valor de pedido de permissão, como se observa em:

(43) *Deixe/deixa eu sair* daqui agora! Me solta! (CNS).

(44) Vai dar tudo errado nessa prestação de contas! *Deixa eu resolver* o problema do meu jeito. (CNS)

(45) [Roberta, colega de classe] Falou que tava com dor de cabeça, dor de ouvido. Aí falou “posso embora, posso embora?” Aí ele [o professor da turma] falou “não, você não vai embora não”, “por favor *deixa eu ir embora*”, aí chorou e tudo pra ir. (PEUL, ROB, F, 14)

Em (43), o falante hipotético exprime uma ordem para que o interlocutor o solte. Com relação à dinâmica de forças, o falante está na posição de agonista, em tendência de movimento (“sair”), e pede que o interlocutor (antagonista) elimine a barreira que o impede de realizar o movimento. Em (44), o falante hipotético (agonista) está em tendência de movimento e ordena que o interlocutor (antagonista) cesse de impedi-lo de agir (“resolver o problema”). Em (45), observa-se que a microconstrução causativa apresenta valor de pedido de permissão, conforme já analisado no início desta Dissertação.

No *contexto atípico*, verificamos as seguintes restrições quanto ao preenchimento dos *slots*, tais como:

- a) A existência de sujeito nulo para V_{deixar} ;
- b) O uso de V_{deixar} apenas na 3ª pessoa do singular e no modo imperativo;
- c) O preenchimento do *slot* [Pron] apenas por pronome da primeira pessoa do singular do caso reto (“eu”) ou, em algumas situações de maior formalidade, o pronome oblíquo (“me”).

Já no *contexto crítico*, conforme Diewald (2002; 2006), ocorre o desencadeamento real do processo de gramaticalização. Uma de suas características é a presença de múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas. Alguns exemplos de uso da microconstrução em questão no *contexto crítico* são:

(46) E: Pode descrever, (hes) saber assim sobre o filme?
 F: Ai (inint.).
 E: Eu nunca- nunca assisti esse filme. Conta a história para mim.
 F: (falando rindo) Contá a história toda. Ah! Então *deixa eu contá a do Orphee*.
 E: Tá bom.
 F: O Orphee é a história tipo... (PEUL, R, F, 14).

(47) F: Aí os alunos dessa escola que esse meu primo estuda, o que fez aniversário, tinham, botaram um apelido nele, aí...
 E: Qual foi o apelido?

F: Pera aí, *deixa eu terminá de falá*. Aí eu perguntei aos colega dele: “Vocês viram o Daniel aí?” (PEUL, M, 14).

No contexto de (46), o entrevistador pede que o falante conte a história de determinado filme. O falante responde: “Contá a história toda. Ah! Então *deixa eu contá a do Orpheo*”. Observa-se que o uso da microconstrução causativa “*deixa eu contá*” não está ligado à ideia de permissão. A falante não tem a intenção de pedir a autorização para contar a história de “Orpheo”³², uma vez que foi o próprio entrevistador que pediu que ele narrasse a história. Verifica-se também que a microconstrução não expressa ordem, como poderia sugerir o uso do imperativo. A utilização da microconstrução destacada está muito mais ligada a uma estratégia intersubjetiva para ganho de tempo na formulação de resposta. O entrevistador, então, responde “Tá bom”. Essa resposta, todavia, dá indícios de que o entrevistador talvez a tenha entendido como uma pergunta com finalidade de obter permissão. Essa ambivalência semântica que aponta para dois usos distintos contribui, segundo Diewald (2002, 2006), para a caracterização do *contexto crítico*.

Em (47), o entrevistado narra um evento pessoal ocorrido na infância (festa de aniversário do primo) e o entrevistador faz um questionamento sobre parte do relato. Entendendo que o questionamento rompeu com o fluxo narrativo, o entrevistado, então, busca tomar o turno de fala e diz “Pera aí, *deixa eu terminá de falá* [...]”. Aqui não fica claro se a microconstrução destacada tem valor de ordem, de pedido ou de uma preocupação propriamente intersubjetiva. Em razão dessa ambivalência, entendemos que a microconstrução em questão também está no *contexto crítico* (DIEWALD, 2002, 2006).

Por fim, no *contexto de isolamento*, conforme Diewald (2002, 2006), ocorre a consolidação do processo de construcionalização, como se vê em:

(48) E: Qual a sua renda mensal aproximada ou renda familiar se for financeiramente independente? Não. Você não é- você não é- é- você é dependente. Então, qual é a renda familiar? Assim, quanto a sua família recebe?

F: Ah ... *deixa eu vê* ...Porque eu moro com duas tias e cada uma trabalha numa coisa. Acho que cada uma deve receber dois salários... cada uma. (PEUL, ROB, F, 14).

Aqui já se observa uma série de restrições que caracterizam o processo de construcionalização, dando origem a um novo par forma-sentido formado pelos subesquemas [Ø Deixa eu V_{cognição}] e [Ø Deixa eu V_{elocução}], que apresentam as seguintes restrições de uso:

³² Considerando a história narrada, trata-se do filme brasileiro “Orfeu”, de 1999, dirigido por Cacá Diegues, que se baseia na mitologia grega do amor entre Orfeu e Eurídice. Mantivemos a grafia “Orpheu”, tal como consta da transcrição do *corpus* do PEUL.

- a) A flexão de V_{deixar} apenas no modo imperativo, na 2ª ou 3ª pessoa do singular;
- b) A existência de sujeito nulo para o verbo *deixar*;
- c) O preenchimento do sujeito de $V_{cognição}$ e $V_{elocução}$ apenas com os pronomes “eu” ou “me” (em contextos mais formais), fazendo referência ao próprio falante/locutor;
- d) A existência de pausa precedente ou posterior à microconstrução;
- e) O desempenho de funções de início, retomada e manutenção de turno;
- f) O alto grau de *chunking* e a impossibilidade de inserção de material interveniente, exceto os pronomes “te” e “me”, que podem aparecer, respectivamente, com função de complemento indireto (ex.: “deixa eu te contar”) no caso dos verbos de elocução e como parte integrante ao verbo (ex.: “deixa eu me lembrar”) no caso dos verbos de elocução;
- g) Nos estágios mais avançados de construcionalização, os verbos que constituem as orações completivas ($V_{cognição}$ e $V_{elocução}$) passam a não mais selecionar argumentos internos, deixando de atuar no nível predicação, como ocorre no exemplo (47);
- h) A existência erosão/redução fonológica, como se percebe nos usos de “deixeu vê”, “xô te fala”, “xô te contá”.

Ademais, a impossibilidade de identificação de uma dinâmica de forças atuante nessas microconstruções no contexto de isolamento contribui para atestar o esvaziamento por que passaram as microconstruções causativas interpessoais. Uma vez que elas não atuam mais na expressão de um estado de coisas (predicação), não há como falar em agonista e antagonista.

De acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.11 apud DIEWALD, 2002), “é toda a construção, e não simplesmente o significado lexical do caule, que é o precursor e, portanto, a fonte, do significado gramatical”. Nesse sentido, argumentamos que é justamente a base causativo-imperativa da forma-fonte que, no processo de mudança, conduz a microconstrução em direção à intersubjetividade. Se, de um lado, a causatividade expressa uma relação entre duas entidades; de outro, a imperatividade, em si, já é dialógica, pressupondo uma relação direta entre locutor e interlocutor. A fusão causativo-imperativa, então, já lança a microconstrução no plano da interpessoalidade e, ao se rotinizar, caminha em direção da atuação em papéis ainda mais intersubjetivos.

Como vimos, associado aos processos de abstratização, redução fonológica e restrições morfossintáticas, há, nas microconstruções causativas interpessoais, um ganho de

funções intersubjetivas, revelando aspectos discursivo-pragmáticos da relação locutor-interlocutor. São essas funções que discutiremos na próxima seção.

5.2.3 A funcionalidade das microconstruções causativas interpessoais

Os dados examinados nesta pesquisa indicam que as microconstruções causativas interpessoais refletem a atenção dispensada pelo locutor ao interlocutor como participante no evento de fala, e não no mundo falado. Nesse sentido, com base na proposta de Traugott e Dasher (2004), elas se enquadram na ampla categoria das estruturas que manifestam *intersubjetividade*.

A variedade de papéis desempenhados pelas microconstruções em questão na relação locutor-interlocutor se deve, sobretudo, à natureza do verbo que constitui a oração completiva, à posição da microconstrução na cadeia sintagmática, à entonação empregada e ao papel desempenhado no ato de fala. Sobre esse último elemento, cabe aqui distinguir, embora de maneira bastante sintética, as noções de turno conversacional e tópico discursivo. Enquanto o turno conversacional corresponde ao intervalo de tempo em que o falante se expressa verbalmente e que é delimitado pela alternância de vozes, o tópico discursivo consiste nos “referentes textuais mais recorrentes que compõem um conjunto de semelhanças temáticas” (MIRA, 2016), ou seja, é de ordem do conteúdo.

Como será mostrado adiante, o papel discursivo das microconstruções causativas interpessoais – sobretudo com relação às categorias turno e tópico – influencia diretamente a natureza da polidez expressa. Na sequência, analisamos, nos *corpora*, alguns usos dessas microconstruções constituídas por verbo de elocução e, posteriormente, as constituídas por verbo de cognição.

5.2.3.1 Microconstruções do subesquema[Ø Deixa eu V_{elocução}]

As causativas interpessoais que atendem ao padrão [Ø Deixa eu V_{elocução}] em *introdução* de turno discursivo parecem apontar para uma tentativa de preservação da face do interlocutor, no sentido de preparar-lhe para receber a informação a ser dada. Nos *corpora*, foram identificadas poucas ocorrências dessa microconstrução em posição inicial, fato possivelmente ocorrido em virtude de se tratar do gênero entrevista, em que, na maior parte do tempo, o informante responde a questionamentos do entrevistador (que conduz predominantemente a alternância de vozes) e geralmente não lhe cabe iniciar a abordagem dos assuntos.

Por esse motivo, trazemos aqui alguns exemplos hipotéticos de situações cotidianas em que as microconstruções em questão são usadas em introdução de turno, mas fora do contexto de resposta. Uma possível situação de uso seria a seguinte: Marcela e Joana, que são amigas, encontram-se numa esquina e Marcela diz:

(49) Joana, *deixa eu te contar uma coisa...* Soube no RH que teremos um aumento a partir do mês que vem! Que maravilha!

Outra situação possível seria, por exemplo, um filho, que sai do quarto e, ao ver a mãe na cozinha, diz:

(50) *Deixa eu te falar, mãe...* Tem como você comprar o computador essa semana? Vou precisar para fazer um trabalho da escola.

Tanto em (49) quanto em (50), observa-se que as microconstruções destacadas parecem funcionar como uma estratégia de estabelecimento de início de diálogo e revelam uma preocupação *intersubjetiva* (TRAUGOTT; DASHER, 2004) com a maneira com que a informação será recebida pelo interlocutor, no entanto há algumas diferenciações que necessitam ser exploradas.

Em função de introdução de turno de fala, uma das finalidades dessa microconstrução é gerar uma expectativa positiva acerca do que será dito, como ocorre em (49), situação em que a microconstrução geralmente é acompanhada de entonação e semblante enérgicos por parte do falante. Com base na Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987), esse uso poderia ser considerado uma estratégia de *polidez positiva*, já que ele está voltado para chamar a atenção do interlocutor. Conforme o modelo de Brown e Levinson (1987), essa microconstrução parece servir a estratégia de polidez positiva de número 3 (mencionada no Quadro 2), que consiste em intensificar o interesse do interlocutor acerca do que é dito. Para exemplificar essa estratégia, os autores dão o seguinte exemplo:

(51) Eu desço as escadas, *e o que você acha que eu vejo?* - uma bagunça enorme em todo o lugar, o telefone está fora do gancho e as roupas estão espalhadas por toda parte... (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 106, grifo nosso)³³.

Ao apresentarem o trecho exemplificativo, os autores pretendem mostrar o quanto o uso do presente do indicativo no lugar do pretérito perfeito pode levar a uma aproximação do

³³ Texto original: "I come down the stairs, and what do you think I see? — a huge mess all over the place, the phone's off the hook and clothes are scattered all over." (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 106).

interlocutor com o fato narrado. A troca dos tempos verbais, nesse caso, promove um efeito de atualização do passado e, assim, aumenta o interesse do interlocutor pela narrativa. Outro elemento que, nesse trecho, também funciona como intensificador do interesse do interlocutor e que, porém, não foi mencionado por Brown e Levinson (1987) é a pergunta retórica “*e o que você acha o que eu vejo?*”, que, ao fazer referência direta ao interlocutor e trazê-lo para perto da narrativa, gera nele maior expectativa sobre o que será dito.

Outros recursos que, conforme Brown e Levinson (1987), têm esse tipo de função são a alternância de tempos verbais no relato de evento passado (ex.: “Naquele dia, então, eu *recebi* a tão sonhada proposta de trabalho. Eu *estava* com um chapéu muito bonito, embora hoje eu não *use* mais chapéus.”) e o exagero na descrição dos fatos (ex.: “A festa na escola lotou. *Nunca* vi tanta gente”). Trata-se de uma estratégia por meio da qual o locutor gera a impressão de que tem muito a contribuir no seu dizer e, assim, há uma intensificação do interesse do interlocutor acerca do assunto.

Há casos, porém, em que o diálogo já está estabelecido e o subesquema [Ø Deixa eu *V_{elocução}*], embora apareça no início da sentença, funciona, mais estritamente, na *delimitação do tópico discursivo* ou na *tomada de turno conversacional*. Geralmente, essas funções ocorrem quando a microconstrução é usada na introdução de resposta a algum pedido ou questionamento feito pelo interlocutor, como se observa em:

(52) E: e::... agora eu queria que você me dissesse... qual é a sua opinião... ou sobre a situação política... ou da economia... ou da educação no Brasil...

I: eh::... *deixa eu falar da educação*... a educação está indo de:: mal a pior ((riso)) eu acho que está todo mundo vendo... né? eh::... os estudantes estão sem dinheiro pra pagar a faculdade... a faculdade está sem dinheiro pra manter a instituição... os professores estão recebendo mal... estão ganhando mal... eh::... tem muitos centros acadêmicos que estão fechando (D&G Rio de Janeiro, E, F, 24).

(53) E: E também não tem nenhuma situação interessante com os seus primos pra você contar?

F: Engraçada? Ah, num sei, deixa eu me lembrar aqui. Ah, tem um primo, no aniversário de quinze anos dele. Só ele mesmo fazer uma festa de quinze anos. Ele foi e convidou os amigos dele, aí, uma certa vez, ele não estuda na mesma escola que eu estudo, aí (inint.) teve a Feira Pedagógica da escola, aí é permitida a entrada de alunos de outra escola. Aí os alunos dessa escola que esse meu primo estuda, o que fez aniversário, tinham, botaram um apelido nele, aí...

E: Qual foi o apelido?

F: Pera aí, *deixa eu terminá de falá*. Aí eu perguntei aos colega dele: “Vocês viram o Daniel aí?” (PEUL, R, M, 14).

Em (52), é pedido ao entrevistado que diga sua opinião sobre algum dos três temas: política, economia ou educação no Brasil. Numa atitude responsiva, o entrevistado declara

“eh”, faz pausa e diz “*deixa eu falar de educação*”. Logo após, faz pausa novamente antes de expressar sua opinião. Nota-se que, aqui, a microconstrução destacada é usada como elemento de referência anafórica que, embora introduza novo turno de fala, visa a delimitar o tópico discursivo proposto pelo entrevistador. As pausas que intercalam a microconstrução assinalam também uma tentativa de ganho de tempo para formulação da resposta, aspecto que trabalharemos com maior enfoque na análise das microconstruções causativas interpessoais formadas por verbo de cognição.

Em (53), o entrevistado narra um evento pessoal ocorrido na infância (festa de aniversário do primo) e o entrevistador faz um questionamento acerca do relato. Entendendo que o questionamento rompeu com o fluxo narrativo, o entrevistado, então, busca tomar o turno de fala e diz “Pera aí. *Deixa eu termina de falá* [...]”. Nos termos de Brown e Levinson (1987), a microconstrução destacada também funciona como uma estratégia de *polidez*, porém *negativa*, já que busca minimizar uma atitude ameaçadora à *face* do interlocutor. Na situação em questão, o entrevistado não responde ao questionamento feito. Caso ele simplesmente continuasse a narração dos fatos, o entrevistador poderia entender a atitude como grosseria ou falta de educação, já que sua pergunta não obteve resposta. A microconstrução causativa interpessoal é usada, então, a fim de minimizar a atitude impolida do entrevistado de não responder o questionamento, que consiste em um ato potencialmente ameaçador à *face*. Presume-se que, em razão do uso dessa microconstrução, o entrevistador entendeu que o falante prosseguiria na narração dos fatos e, assim, continua a ouvi-lo na expectativa de talvez depois ter sua resposta atendida.

Nos *corpora*, não foram identificadas microconstruções do subesquema [Ø Deixa eu V_{elocução}] em posição ao meio ou ao final da sentença. Também não nos ocorreram à memória quaisquer exemplos da microconstrução nessa posição. Assim, ao que parece, elas funcionam essencialmente na introdução de turno de fala.

5.2.3.2 Microconstruções do subesquema [Ø Deixa eu V_{cognição}]

Em posição *inicial* na sentença, as microconstruções do subesquema [Ø Deixa eu V_{cognição}] parecem desempenhar a função de introduzir turno discursivo e gerar tempo para formulação do discurso. Essa última função, comparada aos usos do subesquema [Ø Deixa eu V_{elocução}], aparece aqui de maneira mais acentuada, uma vez que as pausas que as circundam costumam ser mais longas, abrindo, no falante, uma espécie de *frame* para varredura e seleção das informações a serem relatadas. A microconstrução evidencia, assim, uma espécie de suspensão no tempo para que o discurso possa ser enunciado. É o que se observa em:

(54)E: Duarte Alexandre mas ... você ia falando do seu final de semana ...
 I: ah ... o meu final de semana ... *deixe-me ver* ... foi tranquilo ...
 E: sete de fevereiro não ... o seu aniversário ... data de nascimento?
 I: sete do dois do sessenta e três .. (D&G Natal, I, M, 30).

(55)E: Qual a sua renda mensal aproximada ou renda familiar se for financeiramente independente? Não. Você não é- você não é- é- você é dependente. Então, qual é a renda familiar? Assim, quanto a sua família recebe?
 F: Ah ... *deixa eu vê* ...Porque eu moro com duas tias e cada uma trabalha numa coisa. Acho que cada uma deve receber dois salários... cada uma. (PEUL, ROB, F, 14).

Em (54), o entrevistador, no contexto, havia pedido que o falante fizesse um relato de algum fato recente. Como esse último aparentemente havia se esquecido do que estava a relatar, o entrevistador o lembra (“você ia falando do seu final de semana”), a fim de que a narrativa seja retomada. O falante, então, diz “ah ... o meu final de semana ... *deixe-me ver* ... foi tranquilo ...”. Por meio do uso de reticências, observa-se a existência de algumas pausas que revelam a necessidade do falante de vasculhar a memória a fim responder à demanda apresentada. Função semelhante desempenha a microconstrução destacada em (55), já analisada em outra seção desta Dissertação.

O uso da microconstrução causativa interpessoal, sobretudo as compostas por verbo de cognição, parece indicar a tentativa de evitar o silêncio necessário à varredura na memória e à (re)formulação do discurso. Como mostram várias pesquisas (GUERRERO, 2016; XING, 2016), o silêncio é passível de várias interpretações, a depender não só do contexto, mas também da cultura. De acordo com Siafinou (1997 apud XING, 2016), em muitas culturas asiáticas, há, de maneira muito presente, a ideia de que só se deve falar quando há algo relevante a ser comunicado, no entanto, em grande parte da cultura americana e da europeia, mesmo que não haja nada significativo a ser comunicado, o falar continua a ser desejável.

Na interpretação do silêncio (e de qualquer outro ato linguístico), vários elementos devem ser considerados, conforme pontua Le Breton (1999, p. 75 apud XING, 2016):

O silêncio adquire um significado que não pode ser concebido fora dos hábitos culturais da fala, fora do estatuto de participação de quem fala, fora das circunstâncias e do conteúdo da comunicação e da história pessoal dos indivíduos em presença. (LE BRETON, 1999, p.75 apud XING, 2016).

No caso dos brasileiros, que são considerados bastante “comunicativos” por indivíduos de outras nacionalidades,³⁴ os silêncios, em grande parte das vezes, não costumam ser vistos com positividade e, de acordo com o contexto, podem ser interpretados, inclusive, como falta de educação, descaso ou desprezo. No Brasil, parecem vigorar os valores de grande parte das culturas ocidentais, nas quais, segundo Le Breton (1999 apud XING, 2016), modernamente já não há lugar para o silêncio, mas uma espécie de pressão ao pronunciamento da palavra, de maneira que os indivíduos se sentem na obrigação de dizer algo.

Nesse sentido, em um contexto de diálogo entre falantes brasileiros, quando uma pergunta é feita, é gerada uma expectativa pragmática de resposta. Se, nessa situação, o interlocutor imediatamente fica em silêncio, o locutor sente algum grau de incômodo e, se o silêncio perdura, comumente a atitude é interpretada como algo negativo. Nesse contexto, o silêncio é, com base em Brown e Levinson (1987), uma *atitude potencialmente ameaçadora à face* do interlocutor, já que esse último, como participante do ato comunicativo, não tem seu desejo de resposta atendido.

Diante da situação de ainda não ter formulado resposta a um questionamento recebido, o falante, ao usar a microconstrução causativa interpessoal, expressa ao outro a sua intenção de responder à demanda apresentada e cooperar para a eficiência do ato comunicativo, mesmo que, de imediato, ainda não tenha a resposta formulada. É como se a microconstrução “licenciasse” o falante a tomar um intervalo de tempo para formulação do discurso, sem que, com isso, seja gerado qualquer estranhamento no interlocutor. Esse, inclusive, continua a fixar pacientemente a atenção no falante, à espera de que algum complemento informacional seja dado.

O uso da microconstrução causativa interpessoal com a finalidade de evitar o silêncio pode ser visto, com base em Brown e Levinson (1987), como uma estratégia de *polidez negativa*, já que visa a amenizar os possíveis efeitos negativos decorrentes de uma atitude potencialmente ameaçadora à face (no caso, principalmente os mal-entendidos gerados pelo silêncio).

Funções semelhantes às que acabamos de apresentar desempenham as microconstruções do subesquema [Ø Deixa eu V_{cognição}] em posição *medial* na sentença, como mostram os seguintes dados:

³⁴ A visão acerca de que os brasileiros, em geral, são receptivos e comunicativos, em comparação com indivíduos de outras nacionalidades, está presente em várias matérias publicadas na internet, como a de Eisele (2017).

(56) E: qual foi o lugar que tu escolheste pra descrever?

I: minha sala... bom... a minha sala:... quer dizer:... a minha sala tem... sofás... tem... dois espelhos na parede... tem a televisão... tem uma mesinha... tem um barzinho... tem uma estante... na estante tem... tem dois cavalo... tem... dez caneca de chope ((riso)) tem... dois vasos... tem... (os meus cadernos) tem:... tem copos... tem... *deixa eu ver o que mais*... tem o tapete no chão... tem outra estante... tem... bebida dentro do barzinho... *deixa eu ver o que mais*... tem cortina... tem um:./ uma janela... tem uma porta... tem um... um lustre... e tem uma parede que é com eucatex...

E: uhn... uhn... é isso?

I: é... (D&G Rio Grande, KC, F, 17).

(57) [...] outra experiência que eu tive ... foi ... *deixa eu ver* ... quando ... na/ quando eu fiz a quinta série que eu tava ... quase ia sendo re/ reprovada né ... aí quase ia sendo reprovada ... precisava de dez em matemática ... passei o ... o resto do bimestre todinho estudando ... em dezembro ... se num passasse ficava de castigo ... passei ... precisando de dez ... fiz trabalho valendo três ... prova valendo sete ... pra mim também foi uma experiência porque eu achava que nunca ia passar ... (D&G Natal, G, F, 17).

Na situação de (56), o falante é avisado previamente que seria convidado a fazer a descrição de algum cômodo da casa. No trecho transcrito, é registrado, então, o momento em que o entrevistador propõe a atividade de descrição por meio do seguinte questionamento: “qual foi o lugar que tu escolheste pra descrever?”. O falante, então, responde que irá descrever o ambiente da sala e enumera uma série de elementos que a caracterizam. Em um dado momento, entre pausas, o falante diz “*deixa eu ver o que mais*” aparentemente a fim de obter um tempo maior para verificar quais outras características ele poderia citar. Se ele se calasse até concluir o pensamento, o entrevistador poderia se estranhar com o silêncio ou, ainda, fazer alguma pergunta, tomando o turno de fala. O uso da microconstrução causativa interpessoal, portanto, não está ligado, nesse caso, somente à preocupação com a *minimização* da ameaça à face do interlocutor gerada pelo silêncio, mas também à necessidade de *manutenção do turno* de fala.

A *manutenção do turno* pode ser usada, como aponta Marchezi (2014), com a finalidade preservar a *face negativa* do locutor. A autora mostra que, em alguns contextos de entrevista, é interessante ao locutor manter o turno para não abrir a possibilidade de que o outro continue a fazer perguntas ameaçadoras à sua face. Assim, o locutor fica numa posição mais conveniente, já que, naquele intervalo, ele é quem controla o que será dito. Considerando que a *face negativa* consiste no conjunto de territórios do “eu”, o falante, ao utilizar-se de estratégia de *manutenção* de turno, preserva, então, os limites desse território e atende à necessidade do indivíduo (falante) de não ser impedido em suas ações.

Em (57), o falante é instado a relatar algumas experiências de vida. Em determinado momento, após concluir a descrição de uma delas, o falante demonstra a intenção de narrar mais um evento, todavia aparentemente não consegue lembrar-se dele de imediato. Ele usa, então, a microconstrução “*deixa eu ver*”, abrindo um *frame* de busca na memória.

Funções semelhantes às que acabamos de apresentar desempenham as microconstruções que atendem ao subsquema [Ø Deixa eu V_{cognição}] em posição *medial* na sentença, como mostram os seguintes dados:

(58) Inf. Eu sei lê um poquim... ()
 Doc. Ah::
 Inf. Aqui tem otro [texto de oração/reza]... *dexa eu vê* se vô achá [...]
 Inf. Mais eu quero... eu quero decorá essa oração pra mim rezá... toda noite
 Doc. Sei
 Inf. *Dexa eu vê otra aqui*...q/eu gosto muito de rezá... eu rezo ela sim sabe... eu ca... quando eu termino lá eu vorto atrás... () (FG, MRDA, F, 70).

(59) E: então você podia me contar assim ... como é a sua escola? porque eu queria ir lá ... mas eu num sei ... eu não sei como é que você faz pra entrar lá ... e eu queria saber como é a sua escola ...
 I: assim ... entra ... o portão ... fica esperando ... o portão abrir ... aí toca ... o portão abre ... aí a gente vai ... aí do lado tem:: a dire/ uma sala ... aí tem a direção ... tem o banheiro de homem e mulher ... aí tem:: aí tem:: a biblioteca ... aí o resto é tudo sala ... cinco sa/ é ... dez sala de um lado ... aí no outro lado ... no outro lado ... onze sala ... aí vai ... na ... na ... dez sala ... que passa ... aí tem a minha sala ... aí do outro lado tem onze sala ... aí ... no meio ... do colégio tem um pátio ... aí tem ... a cozinha ... que tem ... quatro pia ... pronto ... aí tem os banheiro ... peráí ... *deixa eu ver* quantos banheiro tem ... três ... das criança ... das mulheres e o dos homens ... quatro banheiro ... ó ... o das menina pequena ... que é um ... aí dos menino pequeno que é dois ... aí das menina ... aí ... aí das menina grande ... que é três ... dos menino grande que é quatro ... (D&G, Natal, D, F, 6)

Em (58), o falante procura um texto de natureza religiosa para mostrar ao entrevistador. Principalmente em razão das pausas, percebe-se que o falante usa as microconstruções “*deixa eu vê*” e “*Dexa eu vê otra aqui*”, abrindo um *frame* de varredura de natureza predominantemente física. Aqui, o verbo “ver” tem sentido mais concreto, qual seja, o de “procurar” ou “executar ações para encontrar algo”. O uso da microconstrução causativa interpessoal abre um intervalo para que o falante manuseie os papéis a fim de encontrar o texto pretendido. Assim como no exemplo anterior, aqui o uso da microconstrução também aponta para uma estratégia discursiva de *polidez negativa*, já que visa a minimizar a ameaça gerada pelo silêncio. Simultaneamente, essa microconstrução funciona como um recurso que evita uma eventual interrupção do turno por parte do entrevistador e, assim, estabelece a *manutenção* do turno de fala.

Em (59), o entrevistado é questionado acerca de como são as características físicas da escola que frequenta e, então, põe-se a descrevê-la. Em determinado momento, após versar sobre a disposição das salas, do pátio e da cozinha, ele diz: “aí tem os banheiro... peraí ... *deixa eu ver* quantos banheiro tem...”. Percebe-se que o entrevistado apresenta dúvidas acerca de quantos banheiros há na casa. O uso da microconstrução “*deixa eu ver*” abre, então, na mente do falante, um *frame* de cálculo informacional. Promove-se, por meio do uso da microconstrução, uma espécie de suspensão no tempo para o cálculo da quantidade exata de banheiros. Ao mesmo tempo, a microconstrução evita o silêncio, que poderia levar o interlocutor a algum estranhamento ou mal-entendido, e atua no sentido de promover a *manutenção* do turno, já que - ao preencher os espaços brancos do discurso - evita que o interlocutor realize alguma interrupção capaz de tomar o turno de fala.

CONCLUSÃO

Assentada no arcabouço teórico da LFCU, esta pesquisa investigou os usos sincrônicos das microconstruções causativas interpessoais no português brasileiro falado. O recorte foi precedido, no entanto, de uma investigação mais abrangente da manifestação da causatividade em várias línguas do mundo, a partir dos trabalhos de Arrais (1985), Song (1994; 2001), Storto (1999), Ferreira (2005) e Oliveira (2005). Em relação à causatividade lexical e à morfológica, as microconstruções causativas perifrásticas mostraram-se mais instigantes para estudo, já que elas apontam para uma maior complexidade cognitiva na conceptualização do evento descrito (SOARES DA SILVA, 2004). Por esse motivo, elas foram selecionadas inicialmente como nosso objeto de estudo.

Considerando os critérios de frequência e produtividade, selecionamos, nos *corpora*, os verbos *fazer*, *mandar*, *deixar*, *colocar*, *por*, *forçar*, *levar* e *botar*, que geralmente constituem causatividade perifrástica no PB. A fim de considerar diferentes variedades do português brasileiro, examinamos dados de fala sincrônicos do Projeto Fala Goiana, do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) e do Grupo Discurso & Gramática, todos disponíveis *online*.

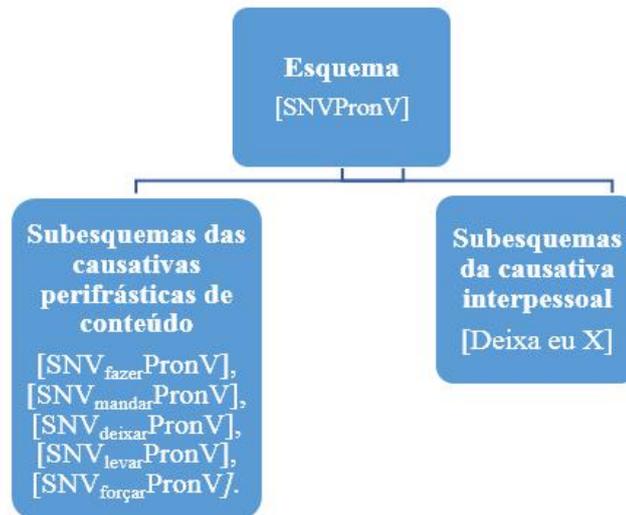
A identificação, em algumas microconstruções causativas encabeçadas pelo verbo *deixar*, de propriedades sintáticas e semânticas que se afastam ligeiramente da noção de causatividade protípica nos motivou à investigação de um processo de mudança linguística. Diante do aparente esvaziamento de conteúdo (*bleaching*) e do ganho de funções discursivo-pragmáticas, descrevemos também a funcionalidade das microconstruções causativas interpessoais, considerando principalmente o papel desempenhado na relação locutor-interlocutor.

A aplicação dos postulados da LFCU a esta investigação possibilitou a observação de aspectos não só funcionais, mas também cognitivos relacionados aos usos das microconstruções causativas interpessoais. A Teoria da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000) propiciou a verificação de como se dá a interação entre as entidades que compõem a causativa prototípica (como ocorre com as encabeçadas pelo verbo *fazer*) e as que compõem as causativas não prototípicas (como ocorre com as encabeçadas pelo verbo *deixar*). O exame da dinâmica das forças atuantes revelou que as microconstruções causativas encabeçadas pelo verbo *deixar* em si já se afastam da noção causativa básica, que expressa a interação entre uma entidade em tendência de ação (introdutora da força) e uma entidade que aplica uma

força contrária. Nas microconstruções causativas com o verbo *deixar*, o agonista está em tendência de movimento ou repouso e o antagonista, no entanto, abstém-se de aplicar uma força contrária.

A proposta da Gramática de Construções propiciou a constatação de que os usos de “deixa eu ver” e “deixa eu te falar” vinculam-se a uma rede mais ampla de causatividade e configuram um nó na rede de operadores intersubjetivos que se desenvolveram a partir de microconstruções causativas com sentidos de maior concretude. A figura a seguir representa o momento em que o esquema de causatividade se especializa e dá origem a um novo nó na rede:

Figura 11 - Rede de causatividade perifrástica



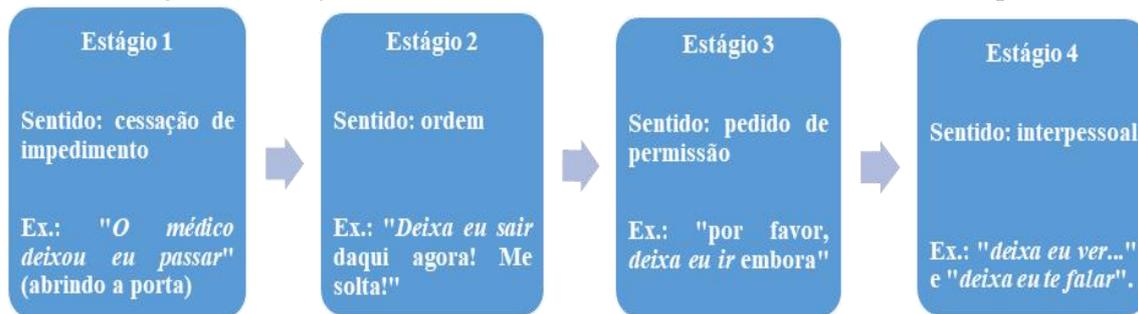
Fonte: Elaboração própria.

Com base na hierarquia das redes construcionais proposta por Traugott e Trousdale (2013), verificamos que as microcausativas interpessoais – no nível mais abstrato – pertencem ao esquema causativo do tipo [SNVPronV], o qual se especializa nos subesquemas [Ø Deixa eu V_{cognição}] e [Ø Deixa eu (te) V_{elocução}].

Com base nas restrições de preenchimento do *slot* V_{cognição}, o subesquema se especializa nas microconstruções “deixe eu pensar”, “deixe eu lembrar”, “deixe eu ver” etc., cuja realização dá origem a construtos como “dexô pensá”, “xeu pensá”, “dexeu lembrá”, “xo vê” etc. Já no caso do *slot* V_{elocução}, o subesquema correspondente se especializa nas microconstruções “deixe eu (te) falar”, “deixe eu (te) contar”, “deixe eu (te) dizer” etc., que, ao se materializarem no uso, dão origem aos construtos “dexa eu te falá”, “xô falá”, “xô te contá”, “dexa eu dizê” etc.

Considerando os dois grandes eixos que nortearam esta investigação – o da mudança e o da funcionalidade –, a teoria e os *corpora* selecionados possibilitaram a chegada de importantes conclusões acerca dos usos das microconstruções causativas interpessoais no português brasileiro. Com relação à mudança, os micropassos previstos por Diewald (2002, 2006) apontam para a seguinte trajetória de construcionalização:

Figura 12 – Trajetória de mudança das microconstruções causativas interpessoais



Fonte: Elaboração própria.

A identificação da forma-fonte (Estágio 1) se deu a partir das considerações de Soares da Silva (2004) acerca do uso diacrônico do verbo *deixar*, cujo sentido é o de cessação de impedimento ou eliminação de barreira. Considerando que, nas microconstruções causativas interpessoais, o verbo da oração matriz tem sujeito nulo, entendemos que o Estágio 2 corresponde ao uso com sentido diretivo de ordem. Trata-se de uma ordem para que o interlocutor elimine uma barreira impeditiva do falante. Em um nível mais abstrato (Estágio 3), há a microconstrução causativa com o sentido de pedido de permissão. No grau máximo da cadeia de construcionalização (Estágio 4), há as microconstruções causativas interpessoais, que desempenham destacada função intersubjetiva.

Com relação ao estatuto morfossintático, semântico e discursivo-pragmático das microconstruções em estudo, observamos, no Estágio 4, as seguintes características (conforme discutido no Capítulo 5):

- A flexão de V_{deixar} apenas no modo imperativo, na 2ª ou 3ª pessoa do singular;
- A existência de sujeito nulo para o verbo *deixar*;
- O preenchimento do sujeito de $V_{cognição}$ e $V_{elocução}$ apenas com os pronomes “eu” ou “me” (em contextos mais formais), com referência ao próprio locutor;
- O alto grau de *chunking* e a impossibilidade de inserção de material interveniente, exceto os pronomes “te” e “me”, que podem aparecer, respectivamente, no caso dos verbos de elocução, com função de complemento indireto (ex.: “deixa eu te contar”),

e nos casos dos verbos de elocução, como parte integrante ao verbo (ex.: “deixa eu me lembrar”);

e) Nos estágios mais avançados de construcionalização, as categorias $V_{\text{cognição}}$ e $V_{\text{elocução}}$ apresentam redução valencial e, assim, deixam de selecionar argumento interno;

f) A existência erosão/redução fonológica, como mostram nos usos de “deixeu vê”, “xô te fala”, “xô te contá”;

g) A recorrente existência de pausa precedente e/ou posterior à microconstrução;

h) O desempenho de funções de polidez e de início, tomada e manutenção de turno.

Constatamos também que as microconstruções causativas interpessoais são materializadoras da atenção dispensada pelo locutor ao interlocutor como participante no evento de fala, e não no mundo falado. Nesse sentido, com base na proposta de Traugott e Dasher (2004), elas se enquadram numa categoria mais ampla de estruturas que expressam *intersubjetividade*.

Apesar de, nos *corpora*, terem sido identificadas microconstruções causativas interpessoais compostas apenas por verbo de elocução e cognição, o uso cotidiano mostra que elas também podem ter como núcleo da oração completiva verbos com outras noções semânticas, como “deixa eu sair aqui” (abrindo a porta), “deixa eu continuar o trabalho agora” (já tendo retomado as atividades). Nesses casos, também não se trata de ordem nem pedido para execução de determinada ação, mas de uma espécie de aviso ao interlocutor sobre uma atitude a ser tomada. Ao revelarem uma preocupação do falante com relação ao modo como sua atitude será compreendida, as microconstruções causativas interpessoais mostram-se também bastante *intersubjetivas*.

A partir dos resultados obtidos, vislumbra-se a projeção de algumas questões para estudos posteriores. Como a função dessas microconstruções parece estar relacionada diretamente com a entonação e a velocidade de fala empregada, um exame mais acurado dos aspectos fonológicos (principalmente suprasegmentais) – juntamente com a seleção de *corpus* em formato de áudio e vídeo – poderiam ser bastante eficientes na descrição dos usos das microconstruções causativas interpessoais. Essa análise mostra-se bastante produtiva, principalmente, no contraste entre o subesquema [\emptyset Deixa eu $V_{\text{elocução}}$] com valor de introdução de expectativa positiva e o com valor de introdução de expectativa negativa. Especialmente no *contexto crítico* (DIEWALD, 2002, 2006), que é caracterizado por múltiplas ambiguidades estruturais, também se mostra relevante a análise da entonação nos

usos da microconstrução, que, nesse estágio de mudança, apresenta confluência de valores de ordem, permissão e o sentido propriamente interpessoal.

Considerando que, na rede hierárquica proposta, verificamos estritamente a constituição das microconstruções causativas interpessoais em relação ao esquema [SNVPronV], uma possibilidade de estudos seria o exame complementar dessas microconstruções numa rede mais ampla de marcadores discursivos no PB, como *aí, né, olha* etc.

Nossa análise constatou que as microconstruções causativas interpessoais constituem um nó na rede de causatividade do PB e que nelas há, associado à perda de conteúdo, um ganho de funções discursivo-pragmáticas. A dinâmica de forças (TALMY, 2000) continua a existir nessas microconstruções, contudo há uma alteração do domínio da força, que passa a ser o pragmático, o interpessoal. Há, então, a necessidade de ampliação da categorização das forças proposta por Talmy (2000) e apresentada na seção 1.2.1 desta Dissertação. Assim, a escala de abstratização das forças seria:

Domínio físico → intrapsicológico → sociopsicológico → pragmático/interpessoal

Nas microconstruções causativas interpessoais, o agonista (locutor) está em tendência de ação de formulação do discurso e há uma força contrária pressuposta por parte do antagonista (interlocutor). Como essa última é mais fraca, a força resultante é a de ação. Não se trata, todavia, de uma ação física (nível do conteúdo), mas que se volta para o próprio discurso, para relação locutor-interlocutor (nível interpessoal). Com base no entendimento de que, na interação linguística, a pragmática precede à sintaxe (HERMMAN PAUL, 1966, apud GONÇALVES et al., 2004, p. 25), a motivação para o uso dessas microconstruções está, portanto, especificamente na necessidade cooperação para a eficiência do ato comunicativo, por meio de estratégias de preservação de face e de manipulação do turno discursivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- ARANALDE, M. M. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. *Ciências da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n1/06.pdf> Acesso: 8 fev. 2019.
- ARENA, A. B. *Construcionalização do conector daí que em perspectiva funcional centrada no uso*. 192f. Tese (doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2015.
- ARRAIS, T. C. As construções causativas em português. *Alfa*, São Paulo, p. 41-58, 1985.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016.175 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1991.
- BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, Joan. Cognitive Processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, Michael. (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 145-167.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMARGOS, Q. F. *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista*. 2013. 187f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- CARVALHO, C; S. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. 2004. 251p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271022>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- CASSEB-GALVÃO. V. C. Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que. Araraquara, 2001. 231 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

_____. A teoria da valência aplicada ao trabalho de revisão de textos. *In: Anais on-line do I SIMELP*, São Paulo, USP, 2008.

COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. *In: WISCHER, I; DIEWALD, G (ed.). New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions. Düsseldorf*, 2006. Disponível em: <https://www.constructions.uni-osnabrueck.de/wp-content/uploads/2014/06/2006-SI-Diewald-24-82-1-PB.pdf> . Acesso em: 20 jul. 2018.

EISELE, I. O que é típico brasileiro?. *Deutsche Welle*, 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-é-típico-brasileiro/g-36409893> .

ESCANDELL-VIDAL, V. Towards a cognitive approach to politeness. *Language Sciences*, n. 18, 1996, p. 629-650.

FAUCONNIER, G. e TURNER, M. *Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, R.V. *Língua Matis (PANO): uma descrição gramatical*. 316 p. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Campinas, 2005.

FILLMORE, C. Innocence: a second idealization for Linguistics. *Berkeley Linguistics Society*, 1979. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/download/3255/2942>. Acesso: 25 fev. 2019.

_____. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. *Proceedings of the 11th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 73-86, 1985.

_____; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, vol. 64, p. 501–538, 1988.

FREGE, G. Sobre o Sentido e a Referência. *In: FREGE, Gottlob. Lógica e Filosofia da Linguagem*. Tradução e organização de Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, E. et al. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, vol. especial, 2016, p. 55-67. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5438>. Acesso: 16 jul. 2018.

GIAROLO, K. A. *Frege e a teoria da verdade como identidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2011.

GIVÓN, T. Cause and control: on the semantics of interpersonal manipulation. In: KIMBALL, J. ed. *Syntax and semantics*. New York, Academic Press, 1975. v.4, p. 59-89.

_____. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.

_____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *Syntax*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. Patterns of Experience in Patterns of Language. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The New Psychology of Language*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 203-219.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L; LIMA-HERNANDES, M. C; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P; MORGAN, J. L. (ed.). *Syntax and Semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

GUERRERO, B. M. Funciones comunicativas del silencio: variación social y cultural. *LinRed*, 2016, p. 1-22.

HEINE, B. et al. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, 1987, p. 139-57. Disponível em: <http://elanguage.net/journals/index.php/bls/article/viewFile/2492/2459%E5%AF%86>. Acesso: 12 dez. 2018.

_____; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, 1980, p. 251-299.

KATO, M. A. Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.14 (especial), p.145-168, 1998.

KAY, P. The kind of / sort of construction. *Proceedings of the 10th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 157-171, 1984.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1987.

LEÃO; A. L. M. S. et al. O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. *Organizações em contexto*, São Paulo, vol. 5, n. 10, p. 1-16, 2009.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN; THOMPSON (ed.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988, p.181-225.

LIMA, G. A. B O. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.15, n.2, p.108-122, 2010.

LOURENÇO, B. P.; GODÓI, E. A polidez e seu viés cognitivista: uma aproximação da teoria da relevância. *Revista Versalete*, Curitiba, vol. 5, n. 8, p. 41-60, 2017.

MARCHEZI, N, M. *A manipulação do tópico discursivo como estratégia de preservação de face*. 90f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MENDES, F. C; SILVA, L. A. Aspectos sintáticos e semânticos do verbo fazer na fala goiana. *ReVEL*, v. 12, n. 22, 2014. Disponível em <http://revel.inf.br/files/cdb0a8d19d88fa30090bb0aed72d34e9.pdf>. Acesso

MIRA, C. Conversação nas afasias: uma análise do tópico discursivo e do turno conversacional sob a perspectiva textual-interativa. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 133-152, jan./abr. 2016.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCK, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 209-236.

OLIVEIRA, C. C. *The language of the Apinajé people of Central Brazil*. 2005. Tese (Doutorado de Filosofia em Linguística) - Departamento de Linguística da Universidade de Oregon, Oregon, 2005.

PELLETIER, F. J. Did Frege believe Frege's principle? *Journal of logic, Language and Information*, 2001, p. 87-114. Disponível em: <https://sites.ualberta.ca/~francisp/papers/FregesPrinciplePublished.pdf> Acesso: 20 fev. 2018.

PINHEIRO, D; ALONSO, K. 30 (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 14, n.1, p. 6-29, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/18644> Acesso: 2 fev. 2019.

PINTO, P. J. G. A (poli)gramaticalização do verbo “deixar”. *Domínios de linguagem*, Uberlândia, v.2, n.1, 2008. p. 1-19. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11479> Acesso: 20 maio 2018.

RIOS DE OLIVEIRA, M. Uma nova proposta de categorização linguística. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 118-127, 2001.

_____. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E.R. et al. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, p. 148-162, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1093> Acesso: 20 fev. 2019.

_____. Contexto: definição e fatores de análise. In: RIOS DE OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015, p. 22-35.

ROCHA, I. Processos de causativização na língua Karitiana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 9, n. 1, p. 183-197, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222014000100012&lng=pt&tlng=pt Acesso: 6 nov. 2017.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Revista Veredas*, v. 6, n. 1, p. 63-74, 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap042.pdf>. Acesso: 20 jan. 2018.

_____. Entrevista com Maria Margarida Martins Salomão sobre a linguística cognitiva e suas relações com outras ciências. Entrevistadora: Jussara Abraçado. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 15-25, 2010. Disponível em:

<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/entrevista.pdf> Acesso: 20 jun. 2018.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERER, E. *De verbo causativo a marcador discursivo em Santa Catarina*. 158f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina, 2014.

SILVA, L. A. A. *Os usos do até na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

_____. Corporificação da mente: prototipia e gramaticalização em construções do português brasileiro. In: I Simpósio Internacional de Estudos da Língua Portuguesa, 2011, Uberlândia. *Anais do I SIELP*. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 1. p. 473-472. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_1_artigo_052.pdf. Acesso: 01/02/2019.

_____. *As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro*. 2012. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SILVA, M. D. *Um estudo de “um belo dia” na perspectiva da gramática de construções*. 2017. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SOARES DA SILVA, A. Verbos y construcciones causativas analíticas en portugués y en español. *Estudios de lingüística: el verbo*, 2004, p. 581-598. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/16363051.pdf>. Acesso: 10 maio 2018.

SONG, J. J. Causatives. In: SONG, J. J. *Linguistic typology: morphology and syntax* (Longman Linguistics Library). Harlow: Longman, 2001.

_____. Causatives. In: PALMER, Frank. *Grammatical roles and relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SOUZA, S. J; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana*, vol.7, n. 2, p. 109-122, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732012000200008>. Acesso: 20 jan. 2019.

STORTO, L. *Aspects of a Karitiana Grammar*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1999.

TALMY, L. *Towards a Cognitive Semantics*. Cambridge: MIT Press, 2000.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2004.

TRAUGOTT, E. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE K.; VANDELANOTTE L.; CUYCKENS H. (ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*, Berlin: Gruyter Mouton, 2010, p. 29-70. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfm.pdf>. Acesso: 25 jul. 2018.

_____. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Otero e Ana Carolina Spinelli. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/9c040d169d41fdcd4d0d0c12f4fdbd02.pdf>. Acesso: 10 jul. 2018.

_____; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect? 2010. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.466.1617&rep=rep1&type=pdf>. Acesso: 01/02/2019.

WERNER, K. C. G. A intersubjetividade antes da subjetividade na teoria da enunciação de Benveniste. *Revista Signótica*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 397-411, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/2794/2785>. Acesso: 20 jan. 2019.

XING, J. *Estudo comparativo do silêncio na cultura ocidental e oriental*. 2016. 96f. Dissertação (mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) – Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 2016. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/17870/1/1.%20Flavia%20disserta%C3%A7%C3%A3o-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>. Acesso: 27 jan. 2019.